



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS

**Tentativa de suicídio na adolescência: narrativas do
desamparo psíquico**

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Longonice Rodrigues dos Santos Reis

3. Título do trabalho

Tentativa de suicídio na adolescência: narrativas do desamparo psíquico

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Longonice Rodrigues Dos Santos Reis, Discente**, em 04/11/2023, às 20:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professora do Magistério Superior**, em 09/11/2023, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4169656** e o código CRC **E9864F88**.

Referência: Processo nº 23070.059381/2023-18

SEI nº 4169656

LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS

**Tentativa de suicídio na adolescência: narrativas do
desamparo psíquico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia
Linha de pesquisa: Processos Psicossociais e Educacionais

Orientadora: Profa. Dra. Susie Amâncio
Gonçalves Roure

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Reis, Longonice Rodrigues dos Santos
Tentativa de suicídio na adolescência: narrativas do desamparo psíquico [manuscrito] / Longonice Rodrigues dos Santos Reis. - 2023.
viii, 151 f.

Orientador: Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos.

1. Desamparo. 2. Pulsão de morte. 3. Suicídio. 4. Civilização. I.
Roure, Susie Amâncio Gonçalves de , orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **48** da sessão de Defesa de Dissertação de **Longonice Rodrigues dos Santos Reis**, que confere o título de Mestra em **Psicologia**, na área de concentração em **Psicologia**.

Aos **onze dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três**, a partir das **09:30 horas**, na **sala 242** da Faculdade de Educação, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“Tentativa de suicídio na adolescência: narrativas do desamparo psíquico”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Susie Amâncio Gonçalves de Roure (PPGP/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Priscilla Melo Ribeiro de Lima (PPGP/UFG)**, membro titular interno e Professor Doutor **Divino de Jesus da Silva Rodrigues (PUC GO)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **[não/fizeram]** sugestão de alteração do título do trabalho. Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Susie Amâncio Gonçalves de Roure**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **onze dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três**.

Presidente: Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure (Orientadora)
1º Membro: Prof. Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues
2º Membro: Profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professora do Magistério Superior**, em 13/10/2023, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 13/10/2023, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4120750** e o código CRC **B6B706FB**.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e sabedoria para chegar até o final.

À minha orientadora, Susie Amâncio, por sua competência e sensibilidade na transmissão do saber. Agradeço, especialmente o modo afetivo e acolhedor com que conduziu todo o percurso desta pesquisa.

À Universidade Federal de Goiás e aos professores pela excelência de cada um na condução das aulas e das inúmeras contribuições durante minha formação acadêmica de mestranda.

Aos professores Altair José dos Santos e Priscilla Melo Ribeiro de Lima que prontamente aceitaram compor a banca de qualificação e cujas críticas e sugestões contribuíram para o aprimoramento deste estudo.

A Secretaria Municipal de Saúde de Anápolis, por aprovar e apoiar esta pesquisa.

Ao CAPS, por prontamente acolher e auxiliar durante todo processo deste estudo.

Aos cuidadores por autorizarem suas filhas participarem desta pesquisa.

Às participantes, Luna, Kris e Liv, que emprestaram fragmentos de suas histórias, possibilitando a análise e interpretação dos dados.

Ao meu analista, Leandro Borges, por possibilitar a reconstrução da minha história e viabilizar o trilhar de novos caminhos.

Aos meus parceiros, Fernando Ferreira, Isadora Rodrigues, Jaqueline Lima, Marcos Ribeiro e Marta Carvalho, que me auxiliaram e apresentaram significativas contribuições para a realização e conclusão desta pesquisa.

À minha amiga e coordenadora da equipe multiprofissional de Anápolis, Vilma Bueno, a primeira a acreditar e incentivar este projeto.

À minha amiga, Adriane Paiva, pelo cuidado afetuoso e acolhedor durante o percurso desta pesquisa e suas inúmeras e valiosas contribuições durante o processo de construção do saber aplicado nesta pesquisa.

Por fim, à minha família, pela compreensão e paciência durante estes anos dedicados a formação acadêmica. Pela contribuição, cada um à sua maneira, tolerando a minha ausência, vivendo o mundo acadêmico por meio do contínuo contato com os estudos, do ambiente de concentração, foco e do universo dos livros.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1.....	15
Desamparo e Cultura na Atualidade.....	15
1.1 O Desamparo na Perspectiva da Psicanálise.....	16
1.2 O Cenário Sociocultural como Posição de Revivescência do Desamparo Originário na Atualidade.....	28
1.3 Suicídio: um Problema de Saúde Pública	39
Capítulo 2.....	46
Adolescência e Tentativa de Suicídio.....	46
2.1 A Adolescência Pelo Viés Psicanalítico.....	48
2.2 O Sofrimento Psíquico do Adolescer no Contexto Sociocultural na Atualidade.....	58
2.3 Tentativa de Suicídio na Adolescência: uma Expressão do Sofrimento Psíquico.....	70
Capítulo 3.....	80
Tentativa de Suicídio: Narrativas da Dor Psíquica em Ato.....	80
3.1 Caminhos da Pesquisa.....	81
3.1.1 Narrativas de vida como método para composição dos dados.....	81
3.2 Percurso Metodológico.....	85
3.2.1 Definição do problema e objetivos.....	85
3.2.2 Participantes.....	86
3.2.3 Local e composição dos dados.....	86
3.2.4 Instrumentos – composição de dados com as narrativas de vida....	87
3.2.5 Procedimentos.....	90
3.2.6 Cuidados éticos.....	90
3.2.7 Análise e interpretação dos dados.....	91
3.3 Descrição das Participantes Narradoras.....	93
3.3.1 Participante Luna.....	93
3.3.2 Participante Liv.....	94

3.3.3 Participante Kris.....	95
3.4 Tecendo Lembranças e Alinhavando Histórias de Desamparo.....	97
3.4.1 A revivescência do desamparo originário na adolescência.....	98
3.4.2 Da pulsão de morte à tentativa de suicídio.....	111
Considerações Finais.....	122
Referências Bibliográficas.....	128
Anexo A - Termo de Anuência.....	135
Anexo B - Termo de Compromisso.....	136
Anexo C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	137
Anexo D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	144
Anexo E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Responsáveis.....	147
Anexo F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Participantes.....	150
Anexo G - Roteiro de Entrevista Narrativa.....	153

Resumo

O suicídio é definido pela Organização Mundial da Saúde, em várias de suas publicações, como um fenômeno complexo e multifatorial, sendo considerado um problema de saúde pública, requerendo ações que viabilizem a sua conscientização e prevenção. Diante desta rede complexa e de multicausalidade, realizou-se esse estudo no curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Goiás, linha de pesquisa, Processos Psicossociais e Educacionais. Por meio desse estudo objetivamos compreender o sofrimento psíquico do sujeito adolescente que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo, revivido e intensificado pelo contexto sociocultural na atualidade, reportando-o a situações de fragilidade e vulnerabilidade. A partir do conceito de desamparo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com adolescentes com pensamento suicida, tendo como fundamentação teórica as contribuições da psicanálise freudiana e de outros autores contemporâneos. Segundo Freud, em presença de fontes de sofrimento é necessário que o sujeito lance mão de medidas paliativas com a finalidade de amenizar o sofrimento. Quando estas medidas falham, a saída pode ser encontrada por meio das tentativas de suicídio ou o ato suicida, fazendo com que a pulsão de morte encontre seu desfecho final na autodestruição. Para composição dos dados, utilizou-se de entrevistas narrativas com adolescentes, e a análise possibilitou concluir que um dos fatores que desencadeia o sofrimento psíquico com pensamento suicida, pode estar ligado ao sentimento de desamparo revivescente na adolescência, sobretudo nas condições sociais e culturais que marcam sua vida, na atualidade. Segundo Freud, as forças protetivas estariam no deslocamento libidinal para ações como o amor, a arte, o trabalho. Apesar de que nenhuma medida torne o sujeito completamente impenetrável ao sofrimento, o questionamento que fica diz respeito a escassez de recursos simbólicos que, no âmbito das relações socioculturais, permitam a elaboração de seu mal-estar.

Palavras-chave: desamparo; civilização; pulsão de morte; suicídio

Abstract

Suicide is defined by the World Health Organization in various publications as a complex and multifactorial event. It is considered a public health issue, requiring actions that enable awareness and prevention. Given this complexity, the aim of this study in the Master's degree in Psychology at the Federal University of Goiás, research line, Psychosocial and Educational Processes. Through this study we aimed to is to comprehend the psychological suffering of adolescents who attempt suicide, stemming from an original sense of helplessness, which is revived and intensified by their current sociocultural context, exposing them to situations of fragility and vulnerability. This qualitative research was conducted with adolescents who experience suicidal thoughts, drawing on the theoretical contributions of Freudian psychoanalysis and other contemporary authors. According to Freud, when confronted with sources of suffering, it becomes necessary for the individual to resort to palliative measures in order to alleviate the distress. When these measures fail, an outlet can be found through the attempt at suicide or the transition to suicidal acts, allowing the death drive to find its final outcome in self-destruction. Narrative interviews were conducted with the adolescents to gather data, and the analysis led to the conclusion that one of the factors triggering psychological distress and suicidal thoughts may be connected to the revived sense of helplessness during

adolescence, particularly in the social and cultural spheres, conditions that currently shape their lives. According to Freud, protective forces could manifest through the displacement of libido towards actions such as love, art, and work. While nothing can render an individual entirely immune to suffering, the lingering question pertains to the scarcity of symbolic resources that, within sociocultural relationships, would allow for the elaboration of one's suffering.

Keywords: helplessness; civilization; death instinct; suicide

Introdução

Atualmente, ao considerar o contexto sociocultural, observa-se o mal-estar psíquico que, em muitas situações, reverbera por meio de manifestações corpóreas. Dentre as escutas no âmbito escolar e nos atendimentos clínicos a adolescentes, ampliaram-se os relatos de experiências de sofrimento psíquico, acompanhado pela sensação de vazio, de falta de sentido, de sujeitos completamente desesperançosos e sem perspectiva de futuro. Diante disso, do sofrimento ao qual têm experimentado e do excesso pulsional que não conseguem se livrar, seja pela via do desejo, das sublimações ou ainda pela simbolização, o sujeito tem experimentado as somatizações no corpo ou buscado o alívio por meio dos comportamentos autodestrutivos e, em algumas situações, por meio da passagem ao ato suicida.

Dentre as inúmeras formas de passagem ao ato que poderão ser vivenciadas na atualidade, pretende-se investigar sobre a identificação do sujeito adolescente com o ato suicida, “[...] de que nos serve uma vida longa se ela é lamentável, pobre em alegrias e tão carregada de sofrimento que só podemos saudar a morte como redentora?” (Freud, 1930/2020, p.336). Sabe-se, como escreveu Freud, que a felicidade é um desafio para a experiência, dadas as inúmeras barreiras que se interpõem na relação com o desejo, o mundo e os outros, de modo que é mais fácil experimentar o sofrimento ou nele permanecer do que experimentar a felicidade ou permanecer em um estado contínuo de bem-estar.

Mesmo diante de inúmeras conquistas, antes, completamente almeçadas pelo sujeito, constatou-se que estas satisfações não os tornaram sujeitos mais felizes. Deduziu-se, a partir daí, que os avanços técnicos apresentaram e apresentam um imenso valor para o bem-estar das pessoas, mas não representa a única condição para a felicidade. Desse modo, diante da finitude do sujeito, do desamparo que anuncia ao sujeito uma ameaça à vida, este, poderá identificar-se com a morte, vislumbrando a redenção dos sofrimentos experimentados. Além disso, como anunciou Freud, a vida é atravessada por dores, sofrimentos, decepções, e “para suportá-la, não podemos prescindir de medidas paliativas” (Freud, 1930/2020, p.318). Outrossim, quando as medidas paliativas falham, entra em ação a morte como libertadora do sofrimento.

Em meio a este contexto¹²¹, de dor e sofrimento, a partir da experiência como psicóloga escolar da equipe multiprofissional da Coordenação Regional de Educação de Anápolis, surge a motivação para este estudo. Trata-se de um serviço de acompanhamento pedagógico dos alunos da Rede Estadual de Ensino, com ênfase nos aspectos cognitivos dos educandos com deficiência intelectual. E, da saúde mental, uma vez que interfere significativamente no desenvolvimento das habilidades acadêmicas dos discentes. É um trabalho desenvolvido em

rede, pois, após a realização das ações inerentes a esta função, se necessário, o estudante é encaminhado para a Rede de Atenção Psicossocial do município.

Frequentemente, dentre as variadas demandas atendidas pela psicóloga escolar, somos impactadas por situações que revelam aspectos preocupantes acerca da adolescência no momento atual. Dentre estas demandas, as que mais causaram inquietações foram as inúmeras solicitações provenientes das Unidades Escolares acerca do comportamento autodestrutivo. A partir desta vivência surgiram alguns questionamentos: O que tem acontecido na sociedade atual que o comportamento suicida tem se tornado cada vez mais presente entre os adolescentes? Por que o morrer tem se tornado a saída encontrada para o sofrimento? Por que os índices mais elevados estão na faixa etária que abarca a adolescência? Neste contexto, é fundamental uma reflexão a respeito do que se passa com o adolescente na atualidade, desta forma surge a necessidade de estudo do fenômeno, objetivando compreender quais cuidados poderiam ser propostos para acolher esse sofrimento. Para tanto, será pertinente analisar os dados epidemiológicos sobre o suicídio na adolescência, bem como pensar o adolescer na atualidade e o recurso ao ato suicida como saída para o sofrimento.

Inicialmente, após constatar o quanto o pensamento suicida tem se tornado frequente e aumentado significativamente na última década, realizou-se um levantamento bibliográfico, em maio de 2021, nos sites de periódicos da Biblioteca Virtual em Saúde-Psicologia Brasil (BVS-Psi), biblioteca eletrônica Scielo, e no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), foi constatado a necessidade de estudos contínuos acerca da temática que se propõe estudar. Para esta constatação, foram utilizados os termos “suicídio em adolescentes”, “suicídio e psicanálise” e “suicídio e desamparo” obtendo poucos resultados. No portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) apenas um trabalho foi encontrado relacionado a suicídio e psicanálise, os demais termos utilizados não foram encontradas publicações. No site de periódicos Biblioteca Virtual em Saúde-Psicologia Brasil (BVS-Psi) foram encontrados 13 trabalhos sobre suicídio e psicanálise, mas que não atende a temática a ser pesquisada. Quanto a suicídio e desamparo, foi encontrado um trabalho e apenas um relacionado ao tema que se propõe estudar. Já na biblioteca eletrônica Scielo foi a que mais trabalhos foram publicados, sendo 58 com a temática do suicídio em adolescentes, destes apenas três abordam de forma relevante o tema em questão. Quanto ao suicídio em psicanálise nove trabalhos foram publicados, e apenas duas investigações contemplam a temática em estudo. E por fim quanto à pesquisa no mesmo site sobre “suicídio e desamparo” foi encontrado apenas um trabalho e não atendia a proposta de estudo em questão. Por meio deste levantamento de dados, observa-se a pouca produção científica acerca do que se

pretende pesquisar, isto é, sobre o desamparo na adolescência na atualidade e o risco de suicídio.

O suicídio é um problema de saúde pública, definido pela Organização Mundial da Saúde (2021) como um fenômeno complexo e multicausal, com consequências no âmbito individual e coletivo. Assim, diante da complexidade do fenômeno e da oposição entre a pulsão de autopreservação e a pulsão de morte, o suicídio angustia e afeta todos os envolvidos, desencadeando sentimentos confusos, ambivalentes, de culpabilização ou de completa impotência diante das tentativas de suicídio ou quando o ato é consumado. Desta maneira o sofrimento psíquico envolve o próprio sujeito, na sua subjetividade, bem como as intensas repercussões emocionais e inquietações geradas nos cuidadores, familiares, professores, amigos e pessoas próximas, após cada tentativa de suicídio.

É importante ressaltar que, diante dos últimos dados publicados no Relatório “*Suicide worldwide in 2019*”, a adolescência representa o maior acréscimo nos índices de notificações por suicídio. Desta forma, a fase a ser pesquisada se dará nesta faixa etária, uma vez que além de apresentar dados impactantes é a faixa etária atendida, a maior parte do tempo nas Unidades Escolares. Ademais, dentre os vários enfoques possíveis para a compreensão desse tema, nos interessará as contribuições da psicanálise. Neste contexto, se inscreve a problemática deste estudo, que visa indagar como o contexto sociocultural pode desencadear no sujeito adolescente a revivescência atualizada do desamparo originário?

Para tanto, recorre-se às articulações de Freud acerca do desamparo e do mal-estar na cultura (1914; 1915; 1917; 1920; 1926; 1927; 1930; 1933), das contribuições de autores contemporâneos que trabalham com as questões aqui postas, como Lacan (1901-1981; 1962-1963; 1967-1968), Kehl (2002; 2004; 2015), Birman (2000; 2008; 2012), Cassorla (2017; 2021), Dunker (2015; 2021), Le Breton (2018), Calligaris (2000), a fim de que tragam elucidaciones para a problemática levantada, bem como o alcance do objetivo geral que se propõe pesquisar: Apreender o sofrimento psíquico do sujeito adolescente que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo, revivido e intensificado pelo contexto sociocultural na atualidade. E ainda tem-se como objetivos específicos propostos: investigar a constituição psíquica do sujeito a partir da condição originária do desamparo; refletir sobre o cenário cultural na atualidade, como desencadeador da revivescência do desamparo originário na adolescência; analisar as taxas de suicídio na adolescência; compreender o processo do adolecer pelo viés psicanalítico; refletir sobre a tentativa de suicídio na adolescência, a partir do conceito freudiano do desamparo.

Para a composição de dados foram selecionados participantes por meio dos prontuários de atendimento. Atendendo ao critério de inclusão/exclusão foram selecionadas 03 adolescentes atendidas por psicólogos do Capsi, com idade entre 13 e 18 anos. Para composição dos dados foi utilizada a técnica de entrevista narrativa. Conforme aponta Biasole-Alves (1998, conforme citado por Thompson, 1992; Burke, 1991), a entrevista é uma técnica imprescindível para contextualizar o comportamento do sujeito oportunizando a vinculação com os sentimentos, valores e a história de vida seja sobre o passado recente ou mais antigo. Desta maneira, diante da diversidade de possibilidades que abarca a pesquisa qualitativa, utiliza-se da Entrevista Narrativa, por entender que é a técnica que melhor corresponde ao objetivo proposto pela presente investigação. Para Jovchelovitch e Bauer (2000) esta técnica consiste em contar e escutar história sem uma estrutura prévia, pois a narração substitui o esquema de pergunta e resposta. Por meio da linguagem oral o entrevistado conta de forma espontânea sua história de vida. Para estes autores a entrevista narrativa deve acontecer observando algumas fases que vão desde o planejamento prévio até a escuta da narração do participante. As entrevistas aconteceram individualmente e em sala para atendimento individual do Capsi, garantindo aos participantes privacidade e sigilo e ainda foram atendidos todos os protocolos de biossegurança para prevenção à COVID-19, uma vez que as entrevistas ocorreram em período de pandemia.

Após a composição dos dados, transcrição e inúmeras leituras e releituras das entrevistas realizou-se a análise compreensiva do material narrativo, com categorização de temáticas abordadas nesta pesquisa e que se repetiram na narrativa das participantes. Para Creswell (2010), a análise dos dados consiste em extrair sentido para os dados, isso se dá por meio de uma interpretação e reflexão contínua dos dados coletados. Sendo também valorizado a re-historização da trajetória dos entrevistados, criando oportunidade de acessar conteúdos por meio de lembranças e memórias contadas no presente. Neste caso, a ênfase analítica será dada aos aspectos relacionados à constituição subjetiva do sujeito, aos vínculos afetivos e ao desamparo vivenciado pelas adolescentes, os quais poderão ocasionar angústia e estados melancólicos com possibilidade de desencadear comportamentos autodestrutivos. Por fim, para a análise e interpretação dos elementos autobiográficos extraídos das entrevistas narrativas recorreu-se a Freud em suas articulações sobre o desamparo na atualidade com a finalidade de melhor compreender as narrativas das adolescentes que apresentam ideação suicida. Ademais serão utilizados também autores contemporâneos objetivando compreender o desamparo no contexto do mal-estar na atualidade, onde uma das vias encontradas se dá pela tentativa de suicídio ou passagem ao ato propriamente dito.

O resultado desta pesquisa se estrutura em três capítulos: No primeiro, Desamparo e

cultura na atualidade, destaca-se o desamparo como condição psíquica inerente ao sujeito e que o acompanhará por toda a sua existência. Ressalta-se também, no decorrer desse capítulo as fontes de sofrimento destacadas por Freud (1930/2020), como parte da vida do sujeito, uma vez que vulneráveis e impotentes diante de situações que se reportam à finitude terão que lançar mão de recursos paliativos para amenizar a angústia. Caso contrário, poderá haver o triunfo da pulsão de morte por meio dos comportamentos autodestrutivos. Enfatiza-se também no primeiro capítulo as transformações culturais na atualidade e as consequências do mal-estar oriundo do processo civilizatório apresentando inúmeros sacrifícios ao sujeito e uma contínua renúncia pulsional. Finalizando o primeiro capítulo, analisando os dados epidemiológicos acerca do suicídio na adolescência, o que revela a triste realidade, o crescente número de notificações de mortes por suicídio nesta faixa etária nos últimos anos.

No segundo capítulo, “Adolescência e tentativa de suicídio”, desenvolve-se um percurso teórico da constituição do sujeito, a partir da condição psíquica do desamparo. Desse modo, utiliza-se como fundamentação a teoria freudiana e contribuições de outros pesquisadores para elucidar a constituição psíquica do sujeito, desde o nascimento, perpassando pelas fases do desenvolvimento psicosssexual, o Complexo de Édipo e sua dissolução. Logo a seguir, salienta-se o sofrimento psíquico do adolecer na atualidade a partir da mediação social. Utilizou-se os textos de Freud “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura” e autores contemporâneos, elucidando o sofrimento do sujeito advindo das relações sociais, uma das fontes de sofrimento destacada por Freud. Assim, diante do sofrimento, inerente ao sujeito, a tentativa de suicídio pode ser uma das saídas, impulsivas, encontradas para alívio do sofrimento, triunfando à pulsão de morte.

No terceiro capítulo, “Tentativa de suicídio na adolescência: uma expressão do sofrimento psíquico”, apresenta-se o percurso metodológico, a composição e a análise dos dados. Utilizou-se as narrativas de vida como instrumento de pesquisa, pois permite o acesso aos conteúdos psíquicos dos sujeitos por meio do contar a própria história. Esse exercício de rememoração da própria trajetória de vida, propicia ao sujeito adolescente implicar-se com ela, possibilitando momentos de transformação e reconstrução de si, abrindo caminhos para a elaboração a partir das ruínas recalçadas no inconsciente. Para esta análise, apresenta-se a história de vida das adolescentes, Luna, Kris e Liv que participaram conosco desse estudo. A partir das informações coletadas, realizou-se a análise dos dados, conforme proposto por Schütze (1977; 1983), citado por Bauer e Jovchelovitch (2008) e pela teoria psicanalítica.

Para finalizar, alguns apontamentos foram escritos nas considerações finais, onde foram apresentadas as dificuldades e intercorrências ocorridas no decorrer da pesquisa. A

partir da narrativa de vida das participantes, inúmeros outros assuntos emergiram e poderão ser objeto de estudo desenvolvido em trabalhos posteriores, visto que se trata de uma temática rica, ampla e que suscita vários questionamentos.

11 Capítulo 1 Desamparo e Cultura na Atualidade

É preciso, penso eu, contar com o fato de que estão presentes, em todos os seres humanos, tendências destrutivas, logo, antissociais e anticulturais, e que estas são muito intensas em um grande número de pessoas, a ponto de determinar a sua conduta na sociedade humana.

Freud, 1927/2020

Neste primeiro capítulo busca-se realizar uma reflexão teórica destacando o desamparo como uma condição psíquica inerente ao sujeito, que o acompanhará por toda a sua existência. A noção de desamparo apresenta-se como uma categoria fundamental para a compreensão da escuta de adolescentes que tentaram suicídio. Desta forma, enfatiza-se o desamparo e seu desenvolvimento teórico a partir da psicanálise freudiana, em que o autor postulou o desamparo como estruturante da constituição psíquica, que resulta da completa dependência do Outro, que a princípio supre as necessidades do bebê, garantindo assim a sua sobrevivência. Esta vivência causa a mais forte experiência de satisfação, porém ocasiona também o maior de todos os sofrimentos diante da real ameaça da perda do objeto amado e conseqüentemente do seu amor, o que representaria a morte do sujeito. Dessa maneira, observa-se que o desamparo afeta o ser humano ao nascer, quando há a separação do corpo da mãe e o bebê experimentará sua fragilidade, e, no decorrer da vida, a vivenciará de diversas maneiras em sua relação com o outro e com a cultura.

Sabe-se, como posto por Freud, que diante de situações de dor e desprazer, surge a tendência do Eu em isolá-las, para formar um puro “Eu-de-prazer” (Freud, 1930/2020, p.309). Assim, percebe-se, como apontou Freud uma fragilidade do sujeito diante das fontes de sofrimento, que em algumas situações, poderão culminar no triunfo da pulsão de morte nas tentativas de suicídio ou por meio da passagem ao ato. A partir desse pressuposto interessa-nos questionar: como o adolescente lida com o desamparo reiteradamente revivido na atualidade? Vale ressaltar que o termo atualidade aqui será utilizado para se referir ao momento presente, sem a pretensão de adentrar a existência ou não de uma divisão histórica e polêmica entre modernidade e pós-modernidade, mas indagar como configura o desamparo dos adolescentes no atual cenário cultural.

À luz do exposto, apresenta-se como Freud define a cultura e as possíveis conseqüências do mal-estar oriundo do processo civilizatório. Ademais, investiga-se alguns autores contemporâneos como Birman, Cassorla, Kehl, Dunker, dentre outros, que examinam o campo cultural e seus impactos na subjetividade, enfatizando o individualismo do sujeito na sua forma

mais intensa, até então inimaginável. Nesse sentido percebe-se que o mundo contemporâneo trilha o caminho oposto ao proposto por Freud (1930/2020) quando anunciou a importância do amor e de se sentir amado como uma das formas para afastar o sofrimento, pois vive-se, na atualidade a experiência do vazio, da falta de sentido da existência. No entanto, sabe-se que é por meio das relações com os outros que é possível constituir-se enquanto humano, “o que mantém viva a existência é a capacidade humana de produzir encontros” (Oliveira, Resstel & Justo, 2001, p.7). Assim, a reflexão sobre o desamparo pode revelar-se como importante contribuição ao estudo do suicídio na adolescência, visto que numa cultura que impacta a estabilidade das experiências afetivas e emocionais entre os seres poderão emergir sentimentos de desamparo que podem contribuir para pensamentos, tentativas e o ato suicida. E por fim, realiza-se a análise das taxas de suicídio e o crescente aumento das notificações na última década, refletindo sobre a possível correlação existente entre o aumento de sua incidência entre os adolescentes e o desamparo vivenciado nesta fase, na atualidade.

1.1 O Desamparo na Perspectiva da Psicanálise

O tema desamparo, sempre esteve presente na psicanálise, sendo que Freud o desenvolveu em várias de suas publicações. Em seu texto *Projeto para uma Psicologia Científica* (Freud, 1950[1985]/1996), mais precisamente no item sobre “A experiência de satisfação”, Freud faz as seguintes afirmações sobre o desamparo:

[...] o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga por meio da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo originário dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais* (p.370, grifos do original).

Assim, Freud considerou que o nascimento constitui uma completa dependência de outra pessoa, ou seja, o fator biológico de prematuração do bebê cria a necessidade de ajuda alheia para sua sobrevivência. O bebê necessita ser cuidado, pois ele é inteiramente vulnerável e dependente do outro para a satisfação de suas necessidades, revelando-se impotente à realização de uma ação para pôr fim a uma situação que lhe cause desprazer. Dessa maneira, o termo desamparo remete a uma condição de completa dependência, necessitando de auxílio e proteção, advindos de outra pessoa.

Freud (1905/1996), em sua publicação intitulada *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, afirmou que por meio da experiência lactante na relação com a pessoa que o assiste, geralmente a mãe, a criança aprenderá a amar outras pessoas que a auxiliará em seu

desamparo e satisfará suas necessidades posteriores, uma vez que o sujeito sempre necessitará de satisfações provenientes das relações com o outro. Nas relações primevas, além das necessidades biológicas, como matar a fome, outras necessidades são também satisfeitas. Quando a mãe acaricia o bebê, o contempla, toda sua expressão de ternura estará despertando em seu filho a pulsão sexual, de suma importância para a vida do sujeito.

No decorrer da existência humana o sujeito continuará a enfrentar mudanças, frustrações e separações e, em cada situação vista como ameaça à estabilidade ou à satisfação, pode se dar a revivência do desamparo originário. A cultura por si só já se estabelece como barreira à plena satisfação do sujeito, no entanto a vida contemporânea intensifica constantemente estas dificuldades. A modernidade tem demarcado um processo civilizatório cada vez mais centrado no individualismo, na competitividade, no difícil acesso ao trabalho e na fragilidade dos laços sociais, propiciando o isolamento social e desvelando o desamparo originário, vez que o sujeito apresenta a necessidade do outro coletivo para garantir suas satisfações originárias de sobrevivência e que perpassa por toda a vida.

Mais uma vez, percebe-se na publicação freudiana a importância do Outro para a constituição psíquica do sujeito e como este poderá oferecer auxílio em seu desamparo ao longo da vida, pois desde a infância foi por meio das relações com o Outro que as necessidades foram sendo supridas garantindo a sobrevivência e perpetuação dos seres humanos. A partir do exposto, encontra-se na publicação de Freud (1914/1996) *Narcisismo: uma introdução*, a formulação de que as primeiras experiências de satisfações sexuais autoeróticas do bebê estão relacionadas com as funções vitais e que objetivam a autopreservação. Logo, as primeiras pulsões sexuais ocorrem para a satisfação das pulsões do Eu. Partindo desse pressuposto, os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que cuidam das suas necessidades vitais, funcionando como a fonte para posteriores escolhas objetais.

Freud (1920/2020) em seu texto *Além do Princípio de Prazer*, refletiu sobre a pulsão de autoconservação, que funcionaria como aquelas que se opõem a toda ideia de morte, isto é, aquelas que exercerão pressão no sentido de prolongamento da vida, que buscam constantemente renová-la. Assim, a partir desta publicação é possível evidenciar que aqueles que cuidam do bebê proporcionam também a ele a possibilidade de deslocar o sujeito de seu desamparo por meio do acolhimento pela via da fala carregada de afetos oferecidos pela mãe, ou quem a substitua. Neste momento, o bebê completamente dependente dos cuidados da mãe sofre com sua ausência. Freud evidenciou tal sofrimento por meio do jogo do *fort-da*, onde o bebê ao brincar consegue visualizar o desaparecimento e retorno da mãe, onde o prazer se caracterizaria sempre por meio do seu reaparecimento. À luz do exposto, é possível perceber

que o outro representa papel fundamental para o desenvolvimento das pulsões sexuais, percorrendo caminhos opostos a pulsão de morte, e constatando que o desamparo sentido pelo bebê nesta fase da vida, está na separação entre a mãe e o bebê, uma vez que diante da imaturidade vivenciada, o bebê não é capaz de compreender que a mãe poderá voltar, sentindo-se completamente desamparado, vulnerável, pois ainda é inteiramente subjugado aos cuidados do outro para que tenha garantida a sua sobrevivência.

Outra condição relevante apontada nesta publicação está no fato de ser pela via do desprazer que o acolhimento se manifesta, visto que é por meio da voz carregada de afetos oferecida ao bebê, mediante interpretações da mãe, que ele conseguirá lidar com a dor, com a ausência do objeto. Portanto, o princípio de prazer, conforme anunciou Freud, se depara com a intervenção de um outro pela linguagem, gestos e representações corporais. Sendo assim, podemos concluir, que será por meio do desamparo que o bebê poderá se rearticular para buscar o amparo, o acolhimento para as suas necessidades e demandas.

Outrossim, o estado de desamparo poderá ser revivido a cada ameaça de separação, dor ou sofrimento, enfim, por meio das sensações de desprazer às quais o Eu procura abolir. Independentemente de como tenha sido o auxílio prestado ao sujeito ou como tenha recebido os afetos por seu cuidador, ainda assim o estado originário do desamparo não poderá ser totalmente banido e se fará presente de diversas formas no decorrer da existência dos seres humanos. Uma delas está nos ideais e nos interditos impostos pela civilização, pois ameaça o sujeito por meio de inúmeras formas e direções de sofrimento, como será explicitado em outro momento. Porém, paradoxalmente, as vias de escoamento do desamparo também são encontradas pela via do mundo civilizado, funcionando nesta luta contínua entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Acerca da teoria pulsional, Freud faz um percurso entre descobertas e redescobertas, as quais afirmou serem enigmáticas e obscuras. Em *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* Freud (1905/1996) diferenciou pulsão de estímulos, onde os estímulos são produzidos por excitações externas, vindas de fora. Já as pulsões, ocorreriam por um processo excitatório de determinado órgão e seu alvo consistiria na extinção do estímulo orgânico. Outras contribuições sobre a pulsão foram desenvolvidas por Freud no decorrer de seus trabalhos. Mais tarde, em *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915/2021) define a pulsão como uma força constante e que jamais poderia ser abandonada, dessa forma não haveria uma fuga eficaz contra a pulsão. Nesse texto, Freud, ainda de maneira preliminar, dividia as pulsões em dois grandes grupos as de autopreservação e as sexuais. Enquanto as de autopreservação estariam relacionadas a

preservação da existência do Eu, as pulsões sexuais buscariam por objetos os quais objetivavam à preservação da espécie.

Mais tarde, em *Além do princípio de prazer* (1920/2020), Freud reelaborou a explicação sobre as pulsões e, dessa vez, postulou uma nova dualidade das pulsões, aquelas que impelem à ação e as que impelem a inanição. Outrossim, seriam divididas entre as pulsões de vida, que levariam a criação, vinculação, reprodução, enfim a autoconservação da vida; já as pulsões de morte levariam a estagnação, a falta de vida, a busca de um estado anterior, o estado inanimado. Em seu texto *O Id e o Eu*, Freud (1923/1996) além da dualidade das pulsões, propôs que ambas estariam ativas em todo sujeito, havendo uma fusão entre as pulsões de vida e de morte, mesmo que em medidas desiguais.

Assim, a pulsão de vida já havia evidências suficientes de suas manifestações. Porém a pulsão de morte, também ativa, atuaria silenciosamente para a destruição do sujeito. Por meio da compulsão a repetição e aliada ao Supereu, dirigiria toda a sua ira contra o Eu. Contudo, vale salientar a importância da relação com o Outro em seu desamparo originário, assim como no decorrer da vida do sujeito para o desenvolvimento das pulsões de vida, ligando o sujeito com a vida e não com a morte, como acontece no discurso dos sujeitos com pensamento suicida, e como propõe esta pesquisa, o sofrimento do sujeito adolescente com pensamento de morte. E o desamparo do sujeito deriva do fato da finitude do ser humano, e o suicídio, mais que outras mortes, desvela o desamparo, seja para os entes queridos que vivenciam o luto, seja para o sujeito que convive com o sofrimento e pensamento contínuo de morte. Sobre a morte, Freud (1915/2020) escreveu que o sujeito entre em total colapso quando a morte atinge alguém amado, e constantemente enfatiza-se as causas da morte, tornando-a algo acidental.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/2014) discorreu sobre a relação entre o desamparo e a angústia, ou seja, o desamparo sentido pelo bebê na ausência do objeto amado – a mãe ou seu representante. À luz desta publicação podemos dizer que o desamparo acontece quando há a separação da mãe e conseqüentemente ocasionando angústia. Dessa forma, conforme afirmou Freud (1926/2014, p.80) “a angústia revela-se produto do desamparo”. Assim, a perda do objeto amado funciona como condição que determina a situação de desamparo. Dessa maneira, o fator biológico anuncia o aparecimento de perigo, pois o bebê ainda vulnerável e completamente dependente de quem oferece os primeiros cuidados, a partir desta condição cria-se a necessidade de ser amado que permanecerá consigo por toda a vida. Quanto ao fator psíquico, ainda há uma imperfeição entre a diferenciação entre o Eu e o Id. O Eu diante dos perigos externos, se vê obrigado a pôr-se em defesa contra o Id. Porém, contra os perigos internos o Eu não pode não se proteger de maneira tão eficaz, surgindo no Eu todas as

dificuldades e formações sintomáticas. Logo, o desenvolvimento do Eu contribui para descartar situações de perigo de períodos anteriores, porém, é certo, que as ameaças acompanharão o sujeito induzindo o Eu a reações de angústia.

Sobre o desamparo psíquico, Freud anunciou que ele apresenta alterações, conforme o desenvolvimento do Eu. Dessa maneira, após repetidas vezes, a criança percebe que a mãe pode reaparecer e a situação de desespero e perigo podem ser amenizadas. Outrossim, a criança aprende que o objeto pode continuar existindo, reaparecendo, mas pode zangar-se. A partir desse momento, um novo perigo e condição de angústia acontece, ou seja, o medo da perda do amor do objeto. Em um primeiro momento de completa dependência do bebê, o perigo maior é o de ser abandonado. Quando há a recorrência da ausência e presença da mãe, ou quem ocupa esta função, nota-se que o grande perigo deixa de ser o abandono, mas um novo perigo se instala - o da perda do amor do objeto amado. Também se faz presente, com a entrada de um terceiro na relação, ocupado pela função paterna, manifestando como sinal de angústia o medo da castração, neste caso o perigo é a separação do genital. A subtração deste membro equivale a uma nova separação da mãe, portanto significa estar desprotegido, desamparado. A necessidade agora deixa de ser ampla e passa a ser mais específica, endereçada ao próprio órgão genital. Nota-se, portanto, que o desamparo no decorrer da existência desloca-se de objeto, mas a angústia permanece voltada para a perda ou separação do objeto de amor.

Ainda neste ensaio, Freud postulou que a angústia de castração evolui para uma angústia de consciência e social que já não é mais uma tarefa fácil de ser identificada, ou seja, o que a angústia realmente teme, qual o perigo iminente que poderá desencadeá-la. Fica evidenciado por Freud que as situações de perigo podem perdurar e induzir o Eu a reações de angústia em épocas posteriores. Dessa forma, é possível dizer que o desamparo, produto da angústia, poderá ser revivido em épocas posteriores por meio de situações revivescentes do desamparo originário, tais como a separação do objeto amado ou temor pela perda do seu amor, isto é, o perigo do desamparo psíquico se adequa ao período de imaturidade do Eu e persistem em épocas posteriores. Desse modo, o desamparo surgiria de uma situação de perigo desencadeando situações de angústia.

Sobre a angústia, Lacan (1962-1963), no seminário 10, procurou ir além do que Freud já havia anunciado. Para o autor a angústia é um afeto sem representação simbólica, mas que não engana, pois se presentifica de forma avassaladora no corpo. Conforme postulou Lacan “[...] a angústia, dentre todos os sinais, é aquele que não engana” (p.178). Assim, é possível pensar que a angústia funciona como este afeto nunca recalcado, mas que se conserva à deriva, sendo encontrado de forma deslocada, enlouquecida; por isso a angústia ser tão inquietante,

pois não é passível de representação simbólica, mas se presentifica no corpo pois é o resto da constituição do sujeito. É a situação de perigo, mas agora de forma ampla, sem a presença de um objeto nomeado, como afirma Lacan a “angústia não é sem objeto” (p.113), mas a tradução subjetiva do objeto a que se constitui no resto da relação com o grande Outro, indica o resto da operação da constituição do sujeito a partir da linguagem, impossível de ser reduzido a um significante, mas um resíduo da relação não passível de simbolização. A angústia, como conceituada por Lacan, é frequentemente presente no discurso dos adolescentes que, diante das limitações impostas pelo contexto cultural, permanece em reiterado mal-estar. Muitas vezes desprovidos do recurso simbólico, sendo nomeado como um vazio, presentificando o objeto *a*, causa de angústia, podendo, nestes casos, reverberar como pulsão de morte, e pensamento suicida.

Retomando os escritos freudianos sobre o desamparo observa-se, portanto, repetidas vezes o papel fundamental que a figura materna representa no desenvolvimento emocional do bebê. Do mesmo modo, Lacan postulou a importância da relação com o Outro na constituição subjetiva do sujeito. O Outro como sujeito que capta e interpreta as necessidades do bebê desenvolvendo a ele o que resulta de suas interpretações. Porém, o desenvolver-se nesta relação com o outro e com o coletivo, conforme sustentou Freud (1927/2020) não é nada fácil. A cultura causa privação aos sujeitos, a relação com outros seres humanos também causa uma certa medida de sofrimentos. Contudo, nota-se como escreveu Freud que a cultura, paradoxalmente, pode ser causa de sofrimento, porém, por meio dela também, o sujeito poderá proteger-se dos perigos da natureza, tornando possível desta maneira, viver em comunidade. Por diversos motivos a vida em comunidade apresenta seus benefícios, mas engana-se quem acredita que a natureza esteja dominada pelos seres humanos. Dentre os elementos não dominados e que causam sofrimentos aos seres humanos estão a terra, a água, as tempestades que destroem e as doenças que afetam o corpo; e por fim o enigma da morte. São por meio destes elementos que a natureza mostra sua força sobre os humanos, evidenciando mais uma vez o seu desamparo (Freud, 1927/2020).

Assim como na infância, o lidar com o desamparo, com os perigos que podem ameaçar o sujeito se arrastarão por toda a vida. Portanto, o sujeito seguirá seu percurso indefeso, vulnerável às intempéries da vida, mas poderá reagir a ele. A libido segue os caminhos das necessidades narcísicas e prendem-se a objetos que garantam sua satisfação. Neste sentido, a mãe, ou quem ocupa esta função, torna-se para a criança o seu primeiro objeto de amor. O primeiro objeto de proteção contra os perigos ameaçadores do mundo externo, a primeira a protegê-la contra o medo e a insegurança que a vida lhe impõe. Logo após, a função materna é

substituída pela função paterna, que mais uma vez representará proteção à criança por toda a infância, porém marcada pela relação de ambivalência constituída pelo perigo que a função paterna representa ligado a interdição da relação antes fusionada pela mãe ou quem ocupa esta função. Assim, a criança o teme, mas o admira. Os indícios desta relação ambivalente, conforme escreveu Freud (1927/2020) permanece impregnada nas relações religiosas, pois quando a pessoa cresce percebe que está destinada a ser sempre uma criança e que sempre prescindirá de proteção contra forças superiores desconhecidas. Desta maneira cria para si os deuses e atribui a eles os traços da figura paterna, aos quais precisa conquistar e aos quais confia sua proteção contra as consequências da impotência humana. Assim, a religião funciona como uma defesa para o desamparo humano. Por meio da existência de um pai, agora ainda mais poderoso e bondoso a angústia diante dos perigos da vida é aplacada. Muitas pessoas encontram consolo para seus sofrimentos na religião, caso contrário não conseguiriam suportar o peso da vida, a cruel realidade. A partir das lembranças do desamparo da infância, cria-se representações a fim de tornar o desamparo humano suportável, protegendo-o contra os perigos da natureza, do destino e da própria sociedade. Assim, conforme observa-se nos escritos freudianos sobre o desamparo, o sujeito deverá sempre recorrer a diversas formas de amparo, objetivando se proteger dos terrores impostos pela vida desde o nascimento, permanecendo com o sujeito por toda a existência humana, uma constante e insaciável busca pelo sentir-se amparado, amado, protegido, vivo.

A busca do sujeito pela religião também pode ser fonte de reflexão acerca do desamparo. Freud (1930/2020) escreveu sobre a necessidade religiosa como uma forma de procura por amparo em sua obra *O mal-estar na cultura*. Para o autor, isso acontece como uma derivação do desamparo infantil onde a criança anseia pela proteção do pai. A história constitutiva do sujeito se faz a partir do Outro, na relação de dependência com o Outro, portanto algumas satisfações substitutivas são necessárias para amenizar as dores e decepções impostas pela vida, dentre elas Freud mencionou a ciência, a arte, o trabalho, a religião, a intoxicação e o amor.

Destarte, assegurou Freud, não haver uma proteção plena e impenetrável contra o sofrimento, o sujeito utiliza-se de medidas paliativas para suportá-lo, mas não para impedi-lo, uma vez que o sofrimento advém de três fontes: o corpo, com tendência natural a definhar-se; o mundo exterior, com suas forças implacáveis e destrutivas e ainda com suas implicações restritivas que são próprias da cultura; e as relações com outros seres humanos, que para o autor talvez seja o sofrimento mais doloroso de todos os outros, e objetivando evitar a angústia deste último, as pessoas tendem a isolar-se com a finalidade de assim alcançar a felicidade. Por conseguinte, diante de tantos sofrimentos, advindos de várias situações, nas quais podem afetar

o ser humano, deixando-o completamente vulnerável, frágil e impotente diante de situações que não podem ser controladas, o homem se agarra a algumas satisfações substitutivas que podem funcionar como proteção, mas jamais como garantias implacáveis contra o sofrimento. Constatase, portanto, que o sofrimento é uma condição inerente ao ser humano, e por mais que haja uma ligação libidinal a satisfações substitutivas, elas não serão garantias de felicidade plena e contínua. Porém, ainda nesse texto, Freud apontou que o grande propósito da vida dos seres humanos é evitar o desprazer, portanto almejam ser felizes e assim permanecer.

Observando este desígnio, Freud afirmou que o que rege a vida é o princípio de prazer, objetivando evitar a dor e o desprazer. Neste sentido o Eu atuará como um mediador entre o princípio de prazer e realidade, para isso se valerá de mecanismos de defesa como os da sublimação. No entanto, conforme evidenciou Freud, não há garantia de felicidade plena, uma vez que o sujeito poderá experimentá-la de forma episódica proveniente da repentina satisfação das necessidades e demandas. Sobre esse assunto, em uma nota de rodapé Freud citou Goethe onde mencionou a dificuldade que o ser humano encontra em permanecer feliz, uma vez que suportar uma rotina inteiramente feliz não se trata de uma tarefa tão fácil, mas contrário a isso, experimentar a infelicidade é algo que se apresenta com bem menos obstáculos. Nesta direção, não fica difícil constatar que o desamparo infantil acompanhará o sujeito, que permanecerá nesta constante e insaciável busca pela satisfação e desse modo, encontrar a felicidade.

Ainda nessa obra, Freud, mais uma vez, mencionou a religião como uma das formas mais importantes para explicar nossa condição de desamparo, incompletude e fragilidade, pois atribui-se a ela a explicação tanto do enigma da vida quanto assegura ao ser humano que há uma providência que cuida e zela por ele em suas necessidades, oferecendo proteção e a promessa de uma saída para o desamparo. Diante do explicitado por Freud neste ensaio é possível apreender que o desamparo é condição constituinte do sujeito, permanecendo com ele no decorrer de sua vida.

À luz do exposto é possível compreender também que o desamparo é fator essencial para a edificação da civilização, uma vez que temendo ao desamparo, os sujeitos se relacionariam coletivamente, a fim de superar suas fragilidades comuns. Assim, é essencial recurso para reconhecimento de sua dependência e inevitável relação com o mundo externo. Embora tal reconhecimento de dependência seja essencial para os seres humanos, na atualidade o que predomina são as relações passageiras, o acentuado individualismo, o enfraquecimento dos laços sociais, reinando com primazia os hábitos solipsistas, escancarando o desamparo.

Como já mencionado, algumas publicações freudianas discorreram sobre o importante papel exercido pela mãe, ou quem ocupa esta função, para o desenvolvimento psíquico e

emocional do bebê. Além de satisfazer as necessidades biológicas do bebê, a mãe funciona como uma intérprete de suas angústias, decodificando-as e devolvendo-as ao bebê em forma de interpretação. Desta forma, quando há uma boa relação entre mãe e bebê, conseqüentemente o bebê sentirá também amparado. Contudo, pela via oposta, o bebê cairá em um estado de completo desamparo. Assim, é importante destacar o importante papel da função materna na constituição psíquica do bebê. A mãe, ao satisfazer a fome, além do primeiro objeto amoroso, ela torna-se também aquela que protege contra os perigos externos e ansiedades. Mais tarde, com a entrada da figura paterna na relação, ele assume este lugar de proteção, mas também de objeto temido. Desta maneira o pai se torna o guardião da lei e dos processos civilizatórios. Com isso, mais uma vez constata-se que os seres humanos, serão eternos desamparados, nesta busca incessante pelo amparo alheio. E assim, umas das formas encontradas para se sentirem amparados está na necessidade de proteção, então a fim de estarem inteiramente protegidos, cria para si um pai, deuses a quem teme e confia toda a sua proteção, conforme apresentou nos Freud (1927/2020):

[...] o desamparo dos seres humanos permanece e, com isso, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Os deuses conservam sua tripla tarefa, afastar os terrores da natureza, reconciliar-se com a crueldade do destino, especialmente como ele se mostra na morte, e compensar pelos sofrimentos e privações que são impostos ao ser humano pela coexistência cultural (p.248).

Diante disso, é possível reconhecer que os seres humanos criam para si um pai onipotente, cheio de bondade que os protege de todos os perigos advindos do destino, da natureza e da sociedade. E, que inclusive é capaz de justificar a morte não como o fim, mas como a possibilidade de uma nova existência sem dores e sofrimentos, e que o bem receberá as recompensas pelas durezas existentes na vida terrena; e o mal, receberá a sua punição, seja ainda nesta vida ou nas próximas existências que ocorrerão após a morte. Portanto, faz-se necessário encontrar uma representação para o desamparo, porém, atualmente, assim como Freud (1930/2020) já havia escrito, o ser humano almeja pela felicidade e nela permanecer. Entretanto, esta não seria uma tarefa fácil, pois o fato de existir já se apresenta com a condição de seres mortais, embora o sujeito vive como se não fossem mortais e instala-se o paradoxo, como Freud anunciou (1915/2020), diante do fato de que os homens são mortais, mas agem como se não fossem.

Assim, o discurso dos adolescentes com pensamento de morte revela um mal-estar profundo. Diante das sensações completamente desprazerosas que os afetam, e da ilusão de que os outros seres são felizes e assim permanecem, começam a flertarem com a ideia de morte.

Isto posto, torna-se fundamental refletir sobre como o adolescente, atualmente, tem convivido com a revivescência do desamparo originário, uma vez que este se apresenta de múltiplas formas na sociedade atual. O que esse desamparo nos revela sobre as condições da adolescência, hoje? Existiria saída, ou poderiam ser adotadas medidas no âmbito da educação e da clínica para os ligarem com a vida e não com a morte? São inquietações que serão tratadas no decorrer deste estudo, bem como observadas e analisadas por meio da pesquisa empírica.

Nesse sentido, adianta-se que há sentido em refletir sobre esse tema ao se buscar alternativas para o enfrentamento do suicídio na adolescência. Conforme Birman (2000) destaca, a partir da releitura do discurso freudiano presente em sua obra *O mal-estar na civilização*, lidar com a posição originária do desamparo trata-se de uma gestão interminável e infinita. Isso se daria a partir da certeza de que o desamparo jamais poderia ser deslocado de sua posição originária, ou seja, os sujeitos seriam irredutivelmente desamparados. No entanto, se o desamparo é visto não sob a égide da cura, mas sob o seu domínio, é possível refletir acerca da gestão desse desamparo. Segundo Birman, isso se daria pelo processo de sublimação, que se dá na relação do sujeito com os outros, numa organização e estruturação dos laços sociais, portanto gerir o desamparo implica também os registros ético e político. No entanto, cada época e cada sociedade apresentam novas fontes culturais e existenciais de desamparo, o que desafia o seu enfrentamento.

Diante do analisado reitera-se que o desamparo é originário, uma vez que o sujeito é completamente dependente do outro para se produzir e reproduzir a vida, marcando a subjetividade humana por todo o sempre. Ele é insuperável, pois o sujeito permanecerá nesta constante necessidade de satisfação, que inicialmente recebera por meio dos cuidados provenientes do outro. Porém, a atualidade tem apresentado caminho oposto a este acolhimento, onde o que prevalece são as fragilidades dos laços sociais, o isolamento e o enfraquecimento das relações intersubjetivas. No entanto, como apontou Freud (1914/1996), essas não são as medidas mais eficazes para abrandar o desamparo:

[...] Aqui podemos até mesmo aventurarmos a abordarmos a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (p.92).

Pelo contrário, Freud postulou que a relação com o outro pode ser uma forma de proteção contra o adoecimento. Assim, como escreveu Freud, a capacidade de ligar-se a outros objetos é uma forma de proteção contra o adoecer. No entanto, atualmente, o avesso disso tem-se apresentado. À vista disso, o que está em voga são, conforme aponta Birman (2000), o enaltecimento do Eu, as relações acontecem de forma predatória e descartáveis, objetivando unicamente a satisfação narcísica. As relações de alteridade e interpessoais tendem ao silenciamento e esvaziamento. A imagem passa a ser a protagonista principal, é utilizada para sedução e captura do outro, um exibicionismo exacerbado entra em ação e com isso o sujeito perde em interioridade e ganha em exterioridade.

Com o advento da tecnologia isso ganha mais poder, pois as relações com a tela entram em evidência e as relações pessoais e concretas se esvaziam, perdem lugar para o virtual. O que traria a possibilidade de aproximação entre os sujeitos, em muitos casos, os distanciaram. Assim, o sujeito se transforma numa máscara para exibição e captura do outro, mas visando a objetificação do sujeito, transformando-o numa relação marcadamente autocentrada na satisfação do próprio Eu. As relações virtuais são mais voláteis, se a relação não apresenta mais interesse para uma das partes, este é deletado, bloqueado, cancelado, excluído, ou seja, basta um clique para que o interlocutor desapareça de uma vez por todas (Veras, 2021). O discurso de ódio, uma representação da pulsão de morte, entra em cena devastando o outro por meio do racismo, do bullying, da intolerância às diferenças e tantas outras formas violentas de odiar. Dessa forma, observa-se que a civilização atual, apresenta-se como uma via que se opõe, ou pelo menos dificulta que a libido se ligue aos objetos.

Sobre as relações na atualidade, Kehl (2002) aborda que a sociedade atual tem produzido sujeitos diferentes das sociedades tradicionais. O sujeito tem ocupado uma posição de objeto, objetivando tamponar a falta no Outro. Geralmente, essa posição de objeto funciona primeiramente na relação fálica e onipotente com a função materna, onde mãe e bebê são apenas um, e desta maneira, a mãe, sustenta a ilusão de proteção contra todos os sofrimentos e perigos que a criança poderá experimentar. Nas sociedades tradicionais esta falta era camuflada por uma estabilidade das estruturas simbólicas que conferia ao sujeito um nome, um destino referenciado pela comunidade e modificar isso ao longo da vida era tarefa muito mais difícil do que na cultura atual, uma vez que os cidadãos são muito mais órfãos de uma filiação simbólica e muito mais desvalidos de uma autoridade paterna, o que forma os sujeitos muito mais como objetos fálicos para o Outro.

Atualmente, os sujeitos, além de estarem à deriva no mundo, estão à mercê também na própria linguagem. As tradições que concedia ao sujeito um lugar, que havia um saber

transmitido e perpetuado por meio das gerações, gradativamente foram perdendo lugar, sendo silenciados, apagados, assim como acontece no mundo virtual. E, conforme elucidado por Kehl, mais difícil do que suportar a dor física é a dificuldade de suportar o sofrimento não representado simbolicamente. Se o desamparo faz parte da condição humana, a linguagem pode funcionar como um dos meios que possibilita aos seres humanos a vida em sociedade. Pois é por meio do simbólico que há a comunicação entre os sujeitos. Desde o nascimento, é por meio da fala que será viabilizada toda forma de interação, interpretações das angústias originárias do bebê, bem como as tradições, o sentimento de pertencimento, os sentidos construídos para a vida, como também as escolhas morais produzidas pela religião. Enfim, encontramos diante do elucidado sobre a condição do desamparo, algumas contribuições da psicanálise para o enfrentamento desta condição constitutiva do sujeito. Dentre elas, podemos evidenciar como posto por Freud que transcender aos limites do narcisismo, e vincular a libido a objetos pode ser uma das saídas contra o adoecimento. Diferentemente, do que se tem notado na civilização na atualidade, que evidencia o solipsismo, o imediatismo, o excesso de informações, e como escreve Kehl a objetificação do Outro, apenas como objeto para satisfação das necessidades do sujeito. Freud apresentou também a necessidade de medidas paliativas para o enfrentamento do desamparo, e dentre estas medidas paliativas encontra-se a vinculação da libido a objetos, seja por meio da arte, das ciências, do trabalho, do amor e tantas outras formas de amenizar o desprazer.

Enfim, dentre todas estas medidas, a simbolização faz-se condição *sine qua non* para a transformação do desamparo em desejo. Sabe-se que o desejo se encontra do lado do simbólico, e como seres dotados da linguagem, será por meio deste recurso, o simbólico, que o sujeito poderá constituir-se como desejante. Nesta direção, Lacan (1962-1963, p.199) escreveu que o “amor-sublimação permite ao gozo condescender ao desejo”. Assim, como já explicitado, o recém-nascido chega ao mundo completamente desamparado. E por meio do zelo do outro com seu amor, com seu cuidado, fará furo no desamparo, ligando-o à vida, adiando a morte. Desse modo, por meio do amor, o sujeito aprende a amar, possibilitando ligar-se a outros objetos, e conseqüentemente, possibilitando ao gozo ceder aos imperativos do desejo. Porém, assim como o amor pode ser causa de desejo, também pode apresentar-se como causa de desprazer. Nesse sentido, sobre as relações entre os seres humanos Freud (1930/2020) apontou sobre a ambivalência existente, pois pode ser uma proteção contra o adoecimento, pode ser também uma ameaça para o sofrimento. Mas, enfatiza também a importância do amor, a satisfação proveniente de amar e ser amado, pois conforme o autor escreveu o sujeito estará desamparado quando ama, mas da mesma forma tão desamparadamente infeliz quando perde o objeto amado.

Portanto, a opção de isolar-se voluntariamente uns dos outros não traz a solução para o desamparo, contudo torna a caminhada solitária e angustiante, conforme será explorado com maior ênfase posteriormente.

1.2 O Cenário Sociocultural como Posição de Revivescência do Desamparo Originário na Atualidade

Ao abordar o desamparo dos sujeitos na atualidade, deve-se considerar o cenário cultural onde esse fenômeno ocorre. Faz-se necessário apresentar alguns traços característicos presentes na cultura atual e enfatizar que o processo histórico é contínuo e está em constante transformação. Faz-se importante também destacar que diante da impossibilidade de esgotar a temática, visto que se trata de um objeto de amplo estudo e multicausalidade, salientando-se que o recorte ao qual será explorado neste item refere-se ao cenário cultural na atualidade como intensificador da revivescência do desamparo originário nos adolescentes. Uma vez que, se tratando do desamparo psíquico como uma condição inerente aos seres humanos, este desamparo acompanhará o sujeito durante toda a vida. Assim, diante da fatídica finitude e fragilidades do sujeito, muitos adolescentes recorrem ao ato suicida como saída para o sofrimento vivenciado. E tal inquietação surgiu, do significativo aumento nas notificações ocorridas nos últimos anos por tentativa de suicídio, ou o suicídio propriamente dito, principalmente na faixa etária que abarca a adolescência. Outrossim, observa-se com regularidade nesse grupo, um discurso marcado por uma falta de esperança, de sentido, de energia, que em muitos casos os paralisam. Fazendo com que estes adolescentes abandonem os grupos, as atividades, a escola, o convívio social de modo geral, tornando-os reféns de si mesmos. Vagando entre os pensamentos de inferioridade, inutilidade, abandono, de não se sentirem importantes ou amados, o que muitas vezes culminam no parasitismo dos pensamentos de morte, que suga toda a energia do sujeito.

Sobre o suicídio na adolescência, o último relatório publicado pela OMS (2021) aponta que esta faixa etária ocupa a segunda causa de morte, isto é, ficando apenas após os acidentes no trânsito que ocupam a primeira causa de mortes nesta faixa etária. À luz dessas inquietações quanto ao aumento das notificações de morte por suicídio e da complexidade existente diante deste fenômeno, ocuparemos nesse item, do estudo sobre o mal-estar presente na cultura atual como fonte de sofrimento e desencadeador de sofrimento psíquico.

Conforme apresentado, diante de dados tão alarmantes e estarrecedores nos últimos anos acerca do suicídio na adolescência, é valoroso pensar o sujeito como um ser social. A escuta da subjetividade do sujeito deve levar em conta que ele é simultaneamente associado à

universalidade e a particularidade. Entender o sujeito sem pensar na mediação social é julgar que o sujeito tem uma lógica própria e independente do contexto sociocultural ao qual pertence. Desta forma, estudar a subjetividade do sujeito é buscar nele as marcas introjetadas da sociedade. Seguindo esta direção é importante pensar sobre as vulnerabilidades que a cultura impõe ao sujeito, bem como os possíveis sofrimentos psíquicos desencadeados. Nesse sentido, Freud (1921/2020) em seu texto *Psicologia das massas e análise do Eu* escreveu:

A oposição entre a psicologia individual e psicologia social ou das massas, que pode nos parecer muito importante à primeira vista, perde muito de sua nitidez se examinada a fundo. Certamente, a psicologia individual é dirigida ao ser humano individualmente e procura seguir por quais caminhos ele tenta alcançar a satisfação de suas moções pulsionais; no entanto, ao fazê-lo, e sob determinadas condições excepcionais, só raramente ela estará em posição de desconsiderar as relações desse indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo (p.137).

Desta maneira, conforme explicitado, a individualidade é também social, uma vez que a constituição psíquica do sujeito acontece a partir das interações com outras pessoas e grupos. Ou seja, a psicologia é dirigida ao ser humano individualmente, mas oriundo e pertencente à psicologia social. À vista disso, conforme postulou Freud (1921/2020) a identificação do sujeito será construída de maneira gradual e contínua no contexto relacional com as outras pessoas. Outrossim, os sujeitos oriundos da relação com os outros, vão se constituindo, e adquirindo novas formas de pensar e agir, construindo sua identidade individual e coletiva.

Ainda sobre a relação com o outro, Freud (1930/2020) afirmou que as pessoas não pareciam se sentirem felizes com o contexto cultural ao qual estavam inseridos e apontou algumas situações de horror e extremo sofrimento, os quais estavam vivenciando naquele período, inclusive sob os efeitos devastadores da Guerra. No entanto, apontou também a dificuldade de mensurar até que ponto poderia julgar se as pessoas de épocas anteriores teriam sido mais felizes do que as pessoas advindas de épocas posteriores. Questionamento este extremamente importante, uma vez que o contexto histórico-cultural está em constante transformação e atualmente podemos do mesmo modo nos questionarmos se os adolescentes de períodos anteriores foram mais felizes ou se atualmente encontram-se mais desprotegidos socialmente do que nas culturas tradicionais. Freud concluiu em sua publicação que este tipo de questionamento não traria nada de produtivo, pois ao se tratar da felicidade, afirmou ser algo inteiramente subjetivo, e que diante de casos extremos de sofrimento são também acionados dispositivos de proteção como a alteração na recepção de desprazer, ou ainda gradual

insensibilidade diante de um descontentamento contínuo, portanto sendo impossível colocar-se no lugar das pessoas que vivenciaram ou vivenciam tais situações de intenso sofrimento ou intuir como se sentiram. Desta forma, faz-se pertinente pensar o contexto cultural atual e as exigências impostas aos adolescentes e os sofrimentos desencadeados na atualidade sem a pretensão do retorno a épocas passadas, pois tiveram também seus percalços, mas refletindo sobre quais são as barreiras a serem superadas na atualidade

Mas, afinal, por que a essência da cultura coloca em dúvida a possibilidade do sujeito ser feliz? Vejamos como Freud caracterizou a palavra cultura em sua publicação *O mal-estar na cultura* (1930/2020):

[...] a palavra “cultura” [*Kultur*] caracteriza a soma total das realizações e dos dispositivos por meio dos quais a nossa vida se distancia da de nossos antepassados animais e que servem a duas finalidades: a proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações dos seres humanos entre si (p.337).

Dessa forma, Freud concluiu que todos os valores e atividades úteis ao homem são reconhecidas como culturais, seja para protegê-lo contra a violência das forças da natureza, seja para a regulamentação das relações sociais. Como mencionou Freud, os primeiros atos culturais foram a utilização de ferramentas que propiciaram o uso e domínio do fogo, bem como a construção de moradias. A partir daí o homem evoluiu para uma série de conquistas inimagináveis e perpetuará nesta evolução contínua frente aos obstáculos encontrados no dia a dia, ou seja, novos avanços surgirão a todo momento. Podemos afirmar que atualmente esta evolução acontece em um espaço de tempo cada vez menor e muitas vezes tornando obsoletas descobertas recentes. É neste cenário que as relações objetais são construídas e tal qual acontece com as demais evoluções, as relações afetivas também são impactadas pela cultura da superficialidade e da falta de constância e solidez.

Nesse sentido, Freud apontou como cultura elevada aquela que utiliza de maneira adequada aquilo que serve ao homem, bem como o que o protege contra as forças da natureza. Isto posto, percebe-se, na atualidade, mais do que nunca, o quanto o homem tem utilizado de forma inadequada os bens naturais. Da mesma maneira, tem acontecido na relação com as pessoas, relações meramente objetais, para satisfações passageiras, de maneira superficial e efêmeras. Isso posto, observa-se que a cultura, hoje, está na contramão do que foi chamado por Freud de cultura elevada, pois para este autor, cultura elevada seria aquela que valoriza e cultiva atividades psíquicas, intelectuais, artísticas e científicas, não por meio da destruição e

autodestruição, pois quando o sujeito não liga sua libido a objetos, esvazia-se, voltando-se contra o próprio Eu, tratando-o como objeto.

Porém, sabe-se que o homem não pode subsistir ao isolamento, para que as sociedades humanas se constituam e a vida em comunidade se estabeleça é notório os sacrifícios que a cultura opera sobre os sujeitos para que a vida em comum seja possível. O elemento cultural existe na tentativa de regular as relações sociais, sejam elas entre os membros de uma família, de uma comunidade, do Estado, enfim entre os seres humanos. Se esta regulação não existisse as relações seriam submetidas a tirania daquele que obtivesse maior força física e assim defenderia seus próprios interesses e forças pulsionais, vencendo o mais forte. Entretanto, as relações humanas só se tornam possíveis quando várias pessoas fortes se encontram e tornam-se unidos contra cada sujeito isoladamente, mas a favor do bem comum.

Neste sentido, encontra-se uma substituição da possibilidade de satisfação de suas necessidades individuais em detrimento da satisfação de toda uma comunidade. Para Freud esta seria uma exigência cultural para que os seres humanos pudessem viver coletivamente. Outra exigência apontada por Freud é a da justiça, para que assim seja garantida a ordem e mais uma vez objetivando garantir o desenvolvimento cultural, isto é, não funcionando como a expressão da vontade de um sujeito ou de pequenos grupos, mas de todos, ou pelo menos da maioria daqueles que são capazes de viver em comunidade e de contribuírem com suas renúncias pulsionais. E não uma minoria de privilegiados ou uma maioria, a massa, privados, excluídos e desta maneira os mais sacrificados, abandonados culturalmente, socialmente e de tantas outras formas de acesso, vez ou outra até assegurados legalmente, mas lesados de usufruírem de seus direitos.

A partir desse mal-estar de ordem cultural, explorar-se-á no decorrer deste item sobre a revivescência do desamparo originário enfrentadas pelos adolescentes na atualidade. Já que, conforme evidenciado por alguns autores contemporâneos, observa-se que as relações sociais estão seguindo em sentido oposto ao apontado por Freud como oriundas de uma cultura elevada ou ainda como uma cultura desenvolvida. Sabe-se como já explicitado, que os seres humanos não poderão subsistir ao isolamento, mas que sofrerão as durezas opressivas que a cultura impera para que a vida em comum seja possível. Desse modo, a cultura, a qual o sujeito participa impõe algumas privações e conseqüentemente, apresenta uma certa dose de sofrimento. Assim, como o Supereu individual, a cultura também desenvolve o Supereu-cultural, que estabelece severas exigências ideais, e quando não observadas é castigada pela “angústia da consciência moral” (Freud 1930/2020, p.400). Será explicado, portanto, no

decorrer desta pesquisa algumas formas de sofrimento que desvela a posição do desamparo originário no contexto cultural na atualidade.

Freud (1927/2020) escreveu, como já mencionado, que embora o sujeito não subsista ao isolamento, não obstante, viver em sociedade seja algo completamente satisfatório. A vida apresentará ao sujeito os obstáculos gravemente opressivos que a cultura imporá sobre eles, sendo causa de mal-estar, coação e renúncia pulsional. Outrossim, Freud afirmou que caso a coação fosse suprimida, a maioria das pessoas não estariam preparadas para a realização de atividades laborais, uma vez que este se faz necessário para a aquisição de bens que são indispensáveis à existência. Freud, postulou sobre a tendência destrutiva presente nos seres humanos, isto é, a presença da pulsão de morte podendo reverberar em atitudes antissociais e anticulturais. Desta maneira, afirmou parecer necessário, para que a cultura se construa, haver a coação e a renúncia pulsional. Assim, o convívio coletivo com outros seres humanos, traria significativo mal-estar, pois em prol do desenvolvimento cultural o sujeito se depararia com a renúncia pulsional. Mais tarde, em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/2020) escreveu sobre o desamparo, uma vez que diante da finitude do homem vários sofrimentos, o atinge. Porém, dentre as direções do sofrimento, Freud apontou as relações sociais como, talvez, a mais cruel. Logo, no decorrer deste item, nossa ênfase será sobre o mal-estar oriundo das interações sociais, e conseqüentemente do mal-estar proveniente da civilização, e que causam desprazer ao sujeito.

Quanto ao desenvolvimento da civilização, Freud apresentou uma reflexão crítica quanto aos impasses da modernidade acerca do narcisismo, pois este iria em direção contrária ao propagado pelo iluminismo que enaltecia o Eu, a felicidade e o prazer, acreditando em um progresso que formaria a sociedade perfeita. O narcisismo abalaria também os pressupostos éticos do cristianismo, alegando a insustentabilidade do enunciado por Cristo quando prega o mandamento do amor sobre amar ao próximo como a ti mesmo. Contudo, o Supereu-da-cultura decreta este mandamento, independente se o Eu do sujeito tem capacidade para obedecê-lo. Diante do apresentado, nota-se o paradoxo procedente da cultura, pois ela funciona como a tirania do Supereu, de ordem cultural, e do mesmo modo, caso não houvesse essa barreira das moções pulsionais, as tendências destrutivas e agressivas, constitutivas ao sujeito, tenderiam a tornarem-se mais intensas e evidentes. No entanto, mesmo diante da rigidez do Supereu-da-cultura, a empatia e a reciprocidade entram em colapso e são apagadas na atualidade. Da mesma forma, o mundo virtual permite esse apagamento do outro, a sociedade também o apaga e ele se apaga perante o Eu. Para lidar com tal experiência subjetiva, o sujeito é conduzido à vivência da cultura narcísica, pela violência, pela prevalência dos interesses individuais sobre os

coletivos, pela via dos excessos, seja no corpo ou pela ação, configurando o mal-estar que afeta o sujeito, conforme escreve Birman (2012).

Dessa forma é possível notar, conforme evidenciado por Birman, uma transformação do mal-estar. Se antes o conflito psíquico estava voltado para a oposição aos imperativos das pulsões e das interdições morais, atualmente o mal-estar se inscreve nos registros do corpo, da ação e das intensidades. Deste modo, o pensamento e a linguagem, eixos norteadores do mal-estar tendem a ser silenciados. Para o autor, dos três registros, o que ressoa e denuncia o mal-estar na atualidade é o corpo, pois haverá sempre uma dívida, será sempre um corpo faltante, incompleto. Aliado a esta falta estará o sentimento de culpa por não atingir a performance corpórea que está sempre aquém do desejado. Outra forma de repercutir no corpo tem sido o estado de estresse permanente, o centro do mal-estar atual produzindo diversos sintomas psicossomáticos, como o de natureza depressiva, do pânico e das fobias. Assim, objetivando atingir a imagem corporal ideal e evitar o sofrimento evidenciado por uma constante exposição a situações de estresse e cobrança excessiva, entra em voga o uso da medicalização a fim de anestesiar o sofrimento. É fato que há inúmeros casos de suicídio associados a transtornos mentais como preconizado por Greco (2021), mas não podem ser tratados e medicalizados como algo completamente desconexo da atualidade e das contingências em que são desencadeados.

Ainda conforme Birman, o mal-estar incide também sobre o registro da ação. O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado do registro do agir, da aceleração do sujeito, desta maneira o imediatismo e a hiperatividade se impõe, a individualidade passa a ser marcada pelo excesso que impulsiona a ação. Dentre as ações subjetivas na atualidade o autor menciona a explosividade, a irritabilidade, a violência e como consequência desta última a delinquência e a criminalidade. Enfim, a compulsão pelo excesso se evidencia no cenário cultural atual. Sobre o mal-estar na atualidade vinculado ao registro da ação, a agitação exacerbada. Sobre a produtividade e constante necessidade de manter-se ocupados, Adorno (1995) escreveu sobre o discurso atual do tempo livre. Antes o ócio privilégio de uma vida sem grandes agitações, atualmente preso ao seu avesso, pois na verdade não se trata mais de uma vida sem muitas ocupações, mas de uma pseudoliberalidade, visto que o tempo livre também é manipulado e funcionalizado pelo comércio, portanto mais uma vez há um interesse imposto visando unicamente a lucratividade, o sujeito como produto. E sem que a maioria das pessoas percebam, a liberdade lhes é retirada de maneira natural e gradativa, impondo sobre os homens a marca da produtividade, da mercadoria. E não acontecendo de maneira diferente, uma vez que os adolescentes fazem parte deste meio, deste contexto histórico

e cultural, são também vistos como produtos, e para se inserirem nos grupos inúmeras cobranças são impostas, sejam elas de ordem material, intelectual ou social (Cassorla, 2021). E, caso não aceitem, não se enquadrem no perfil estabelecido, são rejeitados do grupo.

Diante do exposto fica evidenciado que o excesso está nos fundamentos do mal-estar na atualidade. E diante da invasão desmedida dos excessos, o psiquismo tenta se livrar dele pelas vias corporais. Logo, analisando o excesso como presente nas formações sintomáticas do mal-estar na atualidade, o psiquismo faz uso da passagem ao ato ao invés de utilizar o recurso simbólico. A passagem ao ato é definida por Lacan (1962-1963) como “o momento de maior embaraço do sujeito” (p.129), embaraço sinalizado pelo adoecimento das emoções, e este sujeito fundamentalmente marcado por sua história, na cena em que ele se encontra, apenas ele poderá manter seu status de sujeito, porém diante desta perturbação, ele se precipita e “despenca fora da cena” (p.129), não deixando rastro para a simbolização. Havendo, desta forma, o silenciamento definitivo do sujeito quando, no caso do suicídio, o ato se consuma. Outrossim, nestes casos, o sujeito leva consigo a verdade e toda forma de interpretação. Aos que ficam, sabe-se que a pessoa que cometeu suicídio tinha um sofrimento, uma dor e que talvez até tenha emitido ou tentado de alguma forma enunciar seu sofrimento, mas o anúncio final, o ato utilizado de comunicação se dá com a morte, deixando seu rastro permanente entre as pessoas nas quais mantinham algum laço afetivo. O sujeito que morre se eterniza para aqueles que ficam, os que morrem por suicídio, mais que os demais, pois conseguem uma inscrição no meio familiar por meio da sua extinção como corpo, mas deixando seu registro permanente.

Quanto às formas de utilizarem-se do recurso simbólico, Birman (2012) escreve sobre a predominância da cultura do narcisismo na atualidade, permeada pelo individualismo de forma extremada. Em meio a esse funcionamento cultural, a interlocução é vista como impossível, pois pressupõe a existência do outro como seu concorrente, seu oponente. Na realidade, a existência do outro deveria fazer apelo ao encontro, ser suporte afetivo na produção de sentido, funcionar como amparo para o sujeito, como ligação libidinal. Mas o que tem acontecido na cultura do narcisismo é a tendência ao desaparecimento do outro afetivo, entrando em cena o outro como rival, competitivo. Desta forma a solidariedade, a alteridade que amarrava os laços sociais, desaparecem na atualidade, reinando com maior intensidade a perda da admiração pelo outro, enxergando-o apenas como um objeto para seu usufruto, e quando não lhe for mais útil poderá ser eliminado como dejetos, intensificando a posição do desamparo original, mas desta vez revivescente, acompanhando o sujeito por todas as fases do desenvolvimento humano, intensificadas pelo cenário atual.

Neste cenário, escancara-se o desamparo, como a presença da pulsão de morte no psiquismo humano, invadindo-o de forma avassaladora (Freud, 1920/1996). O desamparo é originário a constituição da subjetividade humana marcando os seres humanos por toda a vida, conforme explorado no item anterior. E, diante da fragilidade humana, os homens precisam criar todos os artifícios para tamponar as marcas que evidenciam sua suposta onipotência. Porém, o individualismo produzido pela atualidade conduz a uma vulnerabilidade inédita, pois a modernização social impõe novas exigências de subjetivação. O que no mundo tradicional era traçado de forma clara e precisa, na atualidade multiplicam-se as rotas, os caminhos, enfim o sujeito passa a se inscrever num mundo com múltiplas possibilidades de escolhas, como consequência multiplicam-se também a insegurança e a angústia deixando exposta a ferida do desamparo (Birman, 2000).

Na atualidade, o campo social assumiu um autocentramento, instituindo uma visão individualista do mundo. O autocentramento se apresenta como exaltação do Eu, como cultura da imagem, em que o cuidado excessivo com o próprio Eu transforma-se em objeto de admiração pelo outro. Desta forma o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas e apresentadas na cena social. Assim, o Eu se transforma numa majestade permanente, ascendendo ao auge da cena social, caracterizando, desta forma, uma cultura narcísica que girará em torno da exaltação do próprio Eu. Esta nova forma de socialização evidencia o sujeito da atuação, da teatralidade, onde os atores se exibem por meio da imagem resultando na exaltação do Eu para seduzir e capturar o outro para próprio deleite, sem nenhuma implicação com o efeito que isso poderá causar nos demais. Para o sujeito narcísico, o outro é visto como um pedaço de carne destituído de sua individualidade, podendo ser manipulado e instrumentalizado, onde poderá lançar seus dejetos, pois o outro perde sua singularidade, sendo enxergado como objeto destituído de história e valores. Silenciado e apagado, resta o sujeito do vazio, da força constante da pulsão de morte e o apelo ao outro pode acontecer por meio da tentativa de suicídio, ou da morte por suicídio, uma vez que há também o apagamento simbólico (Birman, 2000).

Partindo da premissa sociocultural da individualidade, Dunker (2015) escreve sobre a lógica do condomínio que promove um distanciamento físico e familiar, do bairro de origem, potencializando o isolamento social. Para Dunker a lógica do condomínio trouxe a ilusão do evitamento do desprazer, o qual objetivava o refúgio para um mundo próprio, construído e idealizado pelo próprio sujeito, preconizando desta maneira uma ruptura com o mundo externo. A vida em forma de condomínio enaltece a solidão e o esvaziamento dos laços afetivos corroborando com o que Freud (1930/2020) apontou sobre as direções do sofrimento que incide,

neste caso, sobre as relações sociais. Desta maneira, a lógica do condomínio que intencionava proteger o sujeito de tal sofrimento uma vez que segregava as relações a grupos cada vez menores, percebeu-se, contudo, como já havia sido anunciado por Freud que a saída para o sofrimento, oriundo das relações sociais, não estaria no isolamento voluntário, mas em sentido contrário, ou seja, tornando o sujeito membro da comunidade humana e trabalhando com todos e para o bem de todos. No entanto, os métodos mais interessantes utilizados na atualidade não seguem esta vertente, mas as que beneficiam a si próprios pautados na individualidade, desnudando o desamparo.

Para Kehl (2015) ao se esconder do espaço público o sujeito está se escondendo do olhar voraz do Outro, um mecanismo de defesa que protege o Eu, pois este espaço é organizado por estruturas simbólicas de poder. Diante desta inapetência para o espaço público, como menciona Kehl, encontramos um sujeito depressivo que experimenta a imobilidade, a tristeza, a passividade e inúmeros outros traços que resulta no fechamento das vias do desejo que não se atreve a enfrentar o mundo.

Neste contexto, outro fator importante mencionado por Kehl seria a separação natural e saudável dos adolescentes com a família para se identificarem a outras pessoas e grupos, mas que ao invés disso, o que tem acontecido são comportamentos de isolamento, individualismo e silenciamento simbólico. Para a autora o que realmente tem organizado a vida social na atualidade são a exclusão e a segregação. Neste sentido, Cassorla (2021) diz que em oposição a esta separação natural, o que tem ocorrido é uma identificação simbiótica com o objeto idealizado. Na fantasia suicida tal objeto parece preencher o vazio do sujeito tornando-o como se fosse parte de si mesmo. Quando ocorre uma ruptura, uma separação, ocorre também uma revivescência do desamparo originário, e tomado por uma angústia profunda de separação, possibilitando desencadear o momento de embaraço do sujeito, como escreveu Lacan (1962/1963), podendo culminar em um ato autodestrutivo. Sendo assim, Cassorla afirma que tais comportamentos simbióticos, de isolamento e individualismo na atualidade podem reverberar em diversas formas de comportamentos impulsivos, ativando a agressividade do sujeito, caso alguém invada seu campo narcísico.

Contudo, diante da fragilidade dos laços afetivos, ainda assim o apelo ao outro pode acontecer, embora, com muita regularidade, a comunicação pode ocorrer por meio do anonimato dos chats das salas virtuais de bate-papo, se comunicarem por meio da escrita, mas com pessoas desconhecidas. Esta pode ser uma das formas de interação utilizada em meio as crises e sofrimentos. Muitas vezes uma saída perigosa, visto que junto a este espaço podem também encontrarem uma escuta despreparada que ao invés de funcionarem como acolhimento

ao sofrimento vivenciado pelo sujeito podem, contribuir como desencadeante para o ato suicida. E diante do revivescência do desamparo originário, da falta de referências capazes de compreender a dor de viver, instala-se a vulnerabilidade do sujeito, que ansioso e impulsivo, imerso a um cenário social que enaltece a cultura de uma idade dourada, promissora, o adolescente então, deslocado deste pertencimento, começa a flertar com a ideia de morte. Assim, diante das perdas, fragilidades e temores, o adolescente para simbolizar seus sofrimentos, no auge do desespero, encara a vida como se tivesse terminado, encontrando saídas por meio do ato violento contra si mesmo.

Neste cenário de dor e sofrimento, uma das formas evidenciadas por Dunker (2015) para evitar o desprazer, na atualidade, legitima o uso das intoxicações anestésicas, em uma cultura que postula pela vida feliz, livre das aflições, regida pelo princípio de prazer. O mal-estar remete o sujeito a ausência de pertencimento, ele está nos cercamentos, nos muros levantados pelas configurações narcísicas, pela atual cultura, leis e condomínios, à procura da felicidade e evitamento do desprazer. Querem de qualquer forma, tratar o mal-estar como se faz com o sintoma, mas muitas vezes esquecem que o mal-estar é uma condição de estar no mundo, e, portanto, não é passageiro, mas acompanhará o sujeito por toda a sua vida, uma vez que o mal-estar oriundo do desamparo é originário e irredutível. Para Birman (2000), a sociedade atual potencializa as configurações narcísicas quando estimulam a competitividade e o individualismo. O que contribui para que as pessoas se tornem mais rígidas, exigentes, inflexíveis, com dificuldade para acessar suas emoções, valorizando excessivamente o desempenho, o resultado, pois buscam reconhecimento, status e prestígio social. Desta forma, inicia-se um círculo vicioso entre a sobrecarga e reconhecimento esperado. Quanto mais é admirado e reconhecido, mais se sobrecarrega a fim de permanecer neste patamar, desta maneira, na sociedade narcísica, não há espaço para o fracasso, comportamentos que podem desencadear o desamparo e conseqüentemente o ato suicida.

Conforme já explicitado, o elemento cultural existe na tentativa de regular as relações sociais, onde a satisfação individual seja suprimida em detrimento de uma satisfação coletiva. Porém, conforme posto por alguns autores contemporâneos, por meio da prevalência da cultura narcísica, observa-se um caminho oposto, onde o viver em comunidade é regido pelos interesses individuais e neste contexto individualista e competitivo o adolescente está constantemente imerso às cobranças pessoais e socioculturais de sobressair em relação aos demais, e assim nesta posição permanecer. Porém, muitas vezes à mercê, sozinho, sem contar com o apoio familiar, social e de políticas públicas que o acolha em suas vulnerabilidades, responde a tudo isso, muitas vezes, com o uso abusivo de substâncias psicoativas, sintomas depressivos,

oscilação de humor, desesperança, falta de sentido para a vida, de não pertencimento, intensificando o sentimento de culpa por não corresponder ao ideal cultural imposto pela sociedade. E, conseqüentemente, vivenciam um rebaixamento de energia, pensamento negativo sobre a própria vida e as expectativas de futuro, desta forma potencializando os pensamentos de morte (Greco, 2021).

Diante do exposto, é possível observar o quanto o período que abarca a adolescência na atualidade é marcado pela vulnerabilidade social e cultural. Os adolescentes sofrem com a ausência de políticas do Estado, onde lhes faltam a garantia de acesso à saúde, à educação, à moradia e à alimentação. Muitas vezes se veem obrigados a abandonar os estudos, para garantirem o próprio sustento e manutenção de suas necessidades que também asseguram à própria subsistência. Além de tudo isso, submetidos a violência diária presente nas comunidades onde residem, ao desemprego que manifesta como uma ameaça constante, enfim diante das incertezas e expectativas para o futuro ou até mesmo a privação deste veem-se sem alternativas e acabam se deparando com a ideiação acerca da precoce interrupção da vida. Sabemos que o atual contexto cultural assola a todos, em especial a adolescentes em situação de pobreza e vulnerabilidade pela falta de oportunidades, impedidos de terem seus sonhos realizados. E adolescentes provenientes das classes médias e altas pelas exigências pessoal e profissional, submetidos constantemente as exigências familiar e social de alta performance (Penso & Sena, 2020).

Diante deste cenário, sem perspectivas para a juventude, de demasiadas cobranças do ideal de eu cultural, Cassorla (2017) reflete sobre as diversas formas de matar os ideais, de cometer suicídio, uma vez que o ato não acontece de forma isolada e desconexa da realidade. Segundo o autor todas as vezes que os sonhos e potencialidades dos adolescentes são impedidos de se desenvolverem, quando a sociedade nega-lhes a possibilidade de uma vida digna, quando morrem precocemente vítimas da violência ou ainda quando são privados de um ensino de qualidade, mas participando de uma Educação alienante, de uma cultura consumista, oportunista, regida pela desigualdade, pelas injustiças sociais, e impunidades, enfim todas as vezes que uma sociedade priva os adolescentes de sua perspectiva de futuro comete “suicídio” (Cassorla, 2017, p.19).

Analisando o contexto social e cultural estudado por estes autores, observa-se que as transformações culturais intensificam determinados sintomas na atualidade. Situações que transformam os comportamentos, silenciando o simbólico e exacerbando a via de comunicação pelo corpo, pela ação e pelas intensidades como afirma Birman (2012), registros entrelaçados quando a pessoa age com comportamentos autodestrutivos com intenção de morte. Alguns

adolescentes têm buscado se aliviarem do sofrimento constante que vivenciam, por meio dos comportamentos autodestrutivos. Porém, com muita regularidade escutamos nos discursos dos adolescentes que o desejo não é de morte, mas de se livrarem do sofrimento vivenciado, da angústia experimentada, da revivescência do desamparo originário, assim como sentiram quando bebê. Ademais, observa-se por meio das contribuições da psicanálise, a necessidade de promover espaços de escuta, a fim de que o sujeito adolescente possa produzir significação acerca do que o acomete, levando-o a compreender sua falta estruturante e como sujeitos incompletos possam tornarem-se sujeitos desejosos pela vida, em direção a pulsão de autoconservação e não para o retorno ao inanimado, à existência inorgânica (Freud, 1920/1996) por meio da pulsão de morte. Sabemos ainda, não se tratar de um percurso fácil ou que garanta a total prevenção ao suicídio, mas um caminho possível na elaboração de um discurso desejante pela via dos caminhos tortuosos do existir no um a um, por meio da sua narrativa de vida, observando a individualidade e subjetividade de cada sujeito, reconstruindo sua história pela via do simbólico, nomeando assim a revivência atualizada do desamparo originário.

1.3 Suicídio: um Problema de Saúde Pública

O suicídio é uma das principais causas de morte no mundo, com tendência de crescimento nas próximas décadas, tornando-se um importante problema de saúde pública (Müller & Zanon, 2017). Entende-se por suicídio a morte de si mesmo. Conforme definição do dicionário etimológico o termo “suicídio” deriva do latim, das palavras *sui* – de si mesmo, e *cidium* – matar, representando assim o ato de matar a si próprio. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define o suicídio como um ato no qual o sujeito tem pleno conhecimento de seu desfecho final – a morte (Secretaria de Vigilância em Saúde e Ministério da Saúde 2021). O suicídio entre os adolescentes tem sido tema de recorrentes estudos na atualidade, uma vez que nos últimos anos vem apresentando um crescente aumento na sua incidência no mundo todo. O aumento nos índices de notificações por suicídio na última década tem sido crescente e assustador. Tal aumento poderia ser maior, não fosse o fator de subnotificação, em função do estigma existente sobre o assunto.

Para descrever o ato de desespero que antecede o suicídio Shneidman (2001, conforme citado por Botega, 2015), importante pesquisador sobre o fenômeno, criou o neologismo *psychache* para designar o estado psíquico da pessoa que está próxima a cometer suicídio. Para este pesquisador, a *psychache* trata-se de uma dor intolerável e que em um momento de completo desespero, sem que o sujeito encontre outras saídas para além da morte, mata a si próprio objetivando livrar-se do sofrimento vivenciado. Botega (2015), influente pesquisador

sobre o fenômeno no Brasil, evidencia o elucidado por Shneidman afirmando ser de fato o suicídio um ato impulsivo cometido no ápice do desespero. Aliado a este estado afetivo, costuma haver também outros afetos intensos como o sentimento de rejeição e desesperança, criando a necessidade de um alívio rápido da dor, levando assim a pessoa a cometer suicídio a fim de que tal dor seja aliviada.

Na década de 1960 o comportamento suicida foi definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um fenômeno complexo, multifatorial e multideterminado, desta forma, mais precisamente em 1990, o suicídio foi considerado um problema a ser enfrentado pela saúde pública. A partir deste momento a OMS periodicamente divulga relatórios estatísticos sobre o crescente número de suicídios que afetam o mundo todo (Botega, 2015). Doravante, recidivamente a Organização Mundial de Saúde define o suicídio como um fenômeno complexo e multifatorial podendo estar associado a fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos, dentre outros. Oriundos do aumento significativo dos casos nos últimos anos e de sua alta complexidade, o suicídio tem atraído a atenção de muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, visto que é um problema de saúde pública que demanda atenção.

Porém em virtude dos inúmeros fatores imbricados neste fenômeno não se trata de uma tarefa fácil, pois, como visto versa sobre um problema complexo e vasto em sua amplitude. Por esse motivo, a OMS propõe um plano de prevenção abrange uma ampla estratégia multissetorial, em que cada país ou região deverá traçar seu próprio plano pertinente a sua realidade e especificidade de cada situação. Dentre a complexidade dos casos, encontramos também os comportamentos apresentados pelas pessoas que apresentam ideação suicida, que devem ser motivo de atenção tanto para as Equipes da Saúde quanto para os Educadores ou familiares, pois podem evidenciar o risco de suicídio, de fato. Tais comportamentos são postulados pela OMS (2018) como o sentimento de ambivalência, a impulsividade e a rigidez, sabemos ainda que identificar estes comportamentos ou outros fatores de risco não são suficientes para garantirem ou evitarem todas as mortes por suicídio, mas podem reduzir os altos índices que temos vivenciado, evitando desta forma, muitas mortes. É possível perceber que são características completamente entrelaçadas uma à outra onde o que se sobrepõe em ambas são os pensamentos persistentes de morte. Dentre estes pensamentos, incluem-se os planos para sua execução e as tentativas, que podem ser consumadas ou não, jamais devendo passar como despercebidos.

Em um dos relatórios publicado pela Organização Mundial de Saúde, em 2014, *Preventing suicide: o global imperative*, o comportamento suicida é mais uma vez definido

como multicausal e pode ser influenciado pela interação de vários fatores como pessoal, social, psíquicos, culturais, biológicos e ambientais, ampliando as possibilidades de atuações preventivas. No Plano de Ação de Saúde Mental elaborado e publicado pela OMS o suicídio é reconhecido como uma questão prioritária de saúde pública objetivando priorizar ações preventivas ao suicídio. Também era parte integrante deste plano a redução das taxas de suicídio em 10% até o ano de 2020 e a contínua conscientização pela agenda das políticas públicas de que o suicídio é um sério problema de saúde pública (WHO, 2014).

Porém, o que se observa nas recomendações da OMS é que o problema persiste, conforme aponta o *“Suicide worldwide in 2019”*, que avalia as notificações acerca do suicídio, que ainda se apresenta como das principais causas de morte entre adolescentes no mundo todo. Conforme dados publicados neste relatório as pessoas morrem mais por suicídio do que por doenças como a malária, HIV ou câncer de mama. Ainda segundo esta publicação as mortes por suicídio são superiores as que acontecem em consequência das guerras ou por homicídio. Esses dados representaram no cenário mundial, em 2019, mais de 700 mil mortes por suicídio, representando 1 para cada 100 óbitos. Entre a faixa etária dos 15 a 19 anos representa a quarta causa entre ambos os sexos e a terceira causa entre meninas (WHO, 2021).

Outrossim, conforme já mencionado o suicídio é um problema de saúde pública com consequências no âmbito individual e coletivo. Assim, diante da complexidade do fenômeno e em oposição ao instinto de autopreservação, o suicídio angustia e afeta a todos os envolvidos, desencadeando sentimentos confusos, ambivalentes, de culpabilização ou de completa impotência diante das tentativas de suicídio ou quando o ato é consumado. Desta maneira o sofrimento psíquico envolve o próprio sujeito, na sua subjetividade, bem como as intensas repercussões emocionais e inquietações geradas nos pais, professores, amigos e pessoas próximas, após cada tentativa de suicídio ou diante do ato consumado.

Não obstante todo o Plano de Ação da OMS, como metas para prevenção ao suicídio, tragédias e conflitos de guerra funcionam como fatores intensificadores dos sintomas psíquicos, como foi possível observar com os problemas desencadeados pela pandemia da COVID-19, que representou um gatilho para a sensação de desamparo original, materializando a ameaça do isolamento e do afastamento das pessoas queridas. Nesse sentido, observa-se na recente publicação da *16ª cartilha da série Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19* (2021) onde aponta que o contexto da pandemia associado ao isolamento social, o afastamento das pessoas, o medo constante da morte ou da perda de entes queridos, aliados ainda a questões sociais e econômicas podem funcionar como fatores de vulnerabilidade para suscitar ou agravar sofrimentos psíquicos. E oriundos destes sofrimentos, os sujeitos poderão

ter intensificados os problemas de saúde mental, em especial os sintomas da depressão e ansiedade potencializando o comportamento suicida.

Portanto, nota-se um problema presente na sociedade, onde o cenário atual, mesmo diante de ações e práticas preventivas já previstas pela Organização Mundial da Saúde, atua de forma desencadeante e intensificadora dos fatores de risco para a comunidade de maneira geral. Desta forma, percebe-se que o contexto atual contribui para os agravos dos sofrimentos psíquicos, pois, segundo estudos realizados os eventos extremos e estresse agudo podem contribuir para o aumento dos casos de tentativa de suicídio (FIOCRUZ, 2021). Observa-se, portanto, a cultura do narcisismo aliada ao contexto da pandemia como potenciais desencadeadores do desamparo e conseqüentemente do aumento nos casos de tentativa de suicídio ou ainda do ato consumado, podendo contrariar as políticas públicas de prevenção e redução dos índices de suicídio no mundo, estabelecidas pela OMS.

Outrossim, vimos que os casos de suicídio têm aumentado no mundo todo. E no Brasil isso não acontece de forma diferente. Botega (2015) ao analisar as taxas de suicídio publica em seu livro *Crise Suicida* que o coeficiente de mortalidade por suicídio no Brasil no ano de 2011 foi de 5,1 por 100 mil habitantes. Quanto às taxas distribuídas por regiões no Brasil, a que se encontrava no topo era a Região Sul com coeficiente médio de 7,8, e em segundo lugar a Região Centro-Oeste com coeficiente de 5,7. Em 2019, conforme Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ministério da Saúde (2021) a taxa nacional foi de 6,6 por 100 mil habitantes e mais uma vez as regiões Sul e Centro-Oeste obtiveram os maiores coeficientes sendo 10,41 e 8,30 respectivamente. Entre os anos de 2010 e 2019 houve um aumento de 43% no número de mortes por suicídio no Brasil, saltando de 9.454 casos em 2010, para 13.523 em 2019. Como visto, é notório o crescente aumento dos casos notificados na última década, ressaltando a enorme possibilidade de casos subnotificados em virtude do estigma da morte provocada por si mesmo.

Em relação ao Estado de Goiás, tal situação não ocorre de maneira distinta, pois pertencente a Região Centro-Oeste que ocupa o segundo lugar no ranking nacional de notificações por suicídio conclui-se que ocorreu um significativo aumento por meio da análise dos dados da Gerência de Vigilância Epidemiológica/Superintendência de Vigilância em Saúde/ Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (GVE/ SUVISA/ SES-GO, 2021). Observa-se que além do aumento nas notificações em todas as faixas etárias, destaca-se o aumento nas taxas de mortalidade por suicídio entre os adolescentes de 15 a 19 anos, representando um acréscimo de 81% no período de 2010 a 2019. Ao analisar as taxas, na mesma faixa etária por regiões, observa-se que as que apresentaram os maiores índices de mortalidade foram as regiões Centro-

Oeste, Norte e Sul com coeficientes de 9,8, 9,7 e 9,0, respectivamente. Já no Estado de Goiás, os dados revelam que todas as notificações realizadas por lesões autoprovocadas, a faixa etária dos 10 aos 19 anos representaram 30%, ficando atrás apenas da faixa etária dos 20 aos 39 anos, representando 48% das notificações. Um dos fatores que contribuiu como agravante, segundo Gordon (2021, conforme citado por Filho, Souza, Velasco, & Vieira, 2022) foi o contexto da pandemia. Conforme dados do CDC – *Centers for Disease Control and Prevention* apontaram que houve aumento nos sintomas de depressão, ansiedade, uso de substâncias psicoativas e ideação suicida nos 30 dias que antecederam a pesquisa. Ainda não há evidência de que a pandemia global da Covid-19 tenha contribuído para o aumento dos índices de morte por suicídio, porém as pesquisas revelam que houve intensificações nos sintomas de sofrimento psíquico e pensamentos de morte o que justifica a preocupação com o tema e a concentração da atenção voltada para as políticas públicas de cuidado mental, sobretudo para pessoas mais vulneráveis. Neste cenário, tanto de sofrimento psíquico quanto do significativo aumento de notificações de morte por suicídio na última década, Goiás que já tinha um alto índice nas taxas de mortalidade por suicídio, acima da média nacional, continua no ranking. Ocupou em 2020 o 5º lugar no ranking de morte por suicídio com coeficiente de 8,22 por 100 mil habitantes (Filho, Souza, Velasco & Vieira, 2022).

Conforme já foi acentuado o suicídio é um sério problema de saúde pública, um ato completamente perturbador e intrigante para o ser humano, que objetiva acabar com um sofrimento psíquico insuportável. Portanto, diante da amplitude que o fenômeno abrange, interessa-nos teorizar sobre o desamparo dos adolescentes entre 13 e 18 anos que apresentam pensamento suicida, utilizando o aporte científico da psicanálise. Este recorte se dá em virtude do crescente número de adolescentes com pensamento suicida, seja no cenário mundial, nacional e na Região Centro-Oeste. E inserida nesta condição, social e cultural, esta pesquisadora enfrenta situação semelhante, pois defronta-se diariamente com tal situação. No contexto da clínica, isso não tem acontecido de forma diferente, pois por meio da escuta dos adolescentes, percebe-se atitudes de desesperança e falta de expectativas para o futuro, e conseqüentemente, não muito raro, com pensamento persistente de morte.

Diante de dados tão alarmantes faz-se necessário a adoção de algumas medidas preventivas. Nesse sentido, o Brasil já conta com algumas ações, como o serviço do Centro de Valorização à Vida (CVV), o Setembro Amarelo que objetiva conscientizar as pessoas sobre o suicídio a fim de evitar tal acontecimento. Em abril de 2019 é sancionada a Lei nº 13.819 que institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio alterando a Lei nº 9.656, de junho de 1998. É inegável a importância de uma Diretriz que regulamente ações de

prevenção ao comportamento suicida, mas além da diretriz é necessário que o plano seja de fato construído com objetivos claros e embasados em evidências científicas. É necessário que o Estado não se omita de sua responsabilidade e que estratégias sejam elaboradas e executadas a fim de que supere a falta de atendimento, de tratamento, enfim políticas públicas adequadas com intervenções individuais e coletivas que contribuam para significativas reduções dos casos de suicídio, por meio de diagnóstico, tratamento, ações de conscientização e prevenção aos transtornos mentais.

Sem dúvida o suicídio deve ser reconhecido como um problema de saúde pública, como aponta a OMS, mas com possibilidade de prevenção, desta forma, medidas pontuais devem ser colocadas em prática a fim de que abranjam setores da saúde, educação e acompanhamento das pessoas com transtornos mentais, dentre outras. Ribeiro e Guerra (2021) apontam que os dados indicam que cerca de 50% a 60% das pessoas que cometem suicídio nunca consultaram um profissional de saúde mental, embora 80% tiveram uma consulta médica até 30 dias antes de cometerem suicídio. Dois terços destas pessoas deram algum indício da intenção de autodestruição a algum parente ou amigo próximo.

A partir do evidenciado é possível entender que uma das formas de prevenção está no amparo ao sujeito por meio da escuta, da elaboração do sofrimento por meio do enunciado, da transformação da dor indizível do sujeito em palavra, isto é, que o desamparo possa ser nomeado. E diante disso, trata-se de um processo a ser percorrido, demanda tempo e o que atualmente vivencia-se como já explicitado anteriormente, diz respeito a era do tempo curto, da agilidade, da rapidez e do imediatismo fazendo com que isso também chegue às psicoterapias, onde o que se espera é o resultado breve e imediato. Ainda conforme aponta Ribeiro e Guerra foi publicada recentemente pela *The British Journal of Psychiatry* onde evidencia que os mais eficazes tratamentos para reduzir as tentativas de suicídio foram a psicanálise e as psicoterapias psicodinâmicas, mas que muitas vezes tem sua demanda reduzida uma vez que as terapias que estão em voga são as breves e focais, pois espera-se destas terapias um resultado mais rápido, porém, normalmente as psicoterapias da psicanálise tem uma duração maior, não oferecendo atratividade na atualidade onde o que se espera é um resultado imediato.

Outro fator protetivo indicado por uma investigação da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) foram a forte relação dos laços afetivos parental para apoio e enfrentamento da transição da faixa etária que abrange a adolescência. Também são medidas eficazes, a proteção arquitetônica de lugares que já ocorreram tentativas de suicídio, isto é, funcionando de forma recorrente para que o ato seja consumado. Também sem menos importância estão como meios protetivos o maior controle de acesso aos meios letais como

venenos e armas de fogo. Pois, pesquisas indicaram que países com menor desenvolvimento econômico aliado a posse de arma aumentaram os índices de suicídio. Desta forma, dados empíricos indicam que uma política armamentista como a defendida pelo atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro, podem aumentar o comportamento impulsivo que de posse de uma arma, poderá culminar também no aumento do ato suicida consumado (Ribeiro & Guerra, 2021).

É importante ressaltar que diante dos últimos dados publicados, a adolescência representa a faixa etária com maior acréscimo nos índices de notificações por suicídio. Ademais, dentre os vários enfoques possíveis para a compreensão deste período, faz-se necessárias as contribuições da psicanálise. Pensar a adolescência pelo viés psicanalítico é compreendê-la para além da perspectiva cronológica, pois haverá sempre um resto que insiste em permanecer, já que a constituição do sujeito se dá desde o primeiro tempo de vida e permanece com ele no decorrer de toda a sua existência. A adolescência sempre foi considerada um período de grandes transformações, as turbulências que acompanham a adolescência se manifestam de forma peculiar e subjetiva para cada pessoa (Cassorla, 2017). Desta forma, para compreender este período de intensos conflitos, é necessário levar em consideração tanto os conflitos pertinentes a esta fase como os aspectos individuais, culturais e sociais que perpassam a subjetivação humana, conforme será explicitado no próximo capítulo.

Capítulo 2

Adolescência e Tentativa de Suicídio

Portanto, o fator biológico dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano.

Freud, 1926/2014

O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro.

Freud, 1905/1996

A partir da prática da Psicologia Escolar, na Equipe Multiprofissional da Coordenação Regional de Anápolis, essa pesquisadora percebe um significativo aumento das solicitações das Unidades Escolares acerca de comportamentos autodestrutivos, com ou sem risco de morte. A experiência vivida diariamente na escuta destes adolescentes e da aflição da equipe pedagógica das escolas, suscitou-nos algumas inquietações a respeito do sofrimento psíquico vivenciado pelos adolescentes na atualidade, fazendo com que sejam atraídos cada vez mais pela ideia de que a morte poderia ser a redenção do sofrimento experimentado. Conforme Alvarez (1999, conforme citado por Fukumitsu, 2013) um ato suicida não representa apenas uma tragédia de âmbito pessoal, mas abrange os contextos social e cultural, visto que se trata de um fenômeno multifatorial. Assim, torna-se extremamente relevante estudar o comportamento autodestrutivo e compreender a constituição psíquica subjetiva do sujeito sem desconsiderar o meio cultural o qual está inserido, pois o individual também se constitui a partir do social.

O suicídio é um problema de saúde pública e atinge vários seguimentos, como: a equipe de profissionais que atua na contenção de uma crise suicida, o sujeito que a vivencia e a família que lida com a dor da perda. Os familiares são invadidos por sentimentos confusos em meio ao caos das inúmeras tentativas ou do ato consumado, enfim um fenômeno complexo e oriundo de inúmeros fatores, conforme descrito pela Secretaria de Vigilância em Saúde e Ministério da Saúde (SVS/MS, 2021) e com consequências no âmbito individual e coletivo.

Quanto à faixa etária, a da adolescência, além de ser o público atendido pela equipe multiprofissional nas escolas, era a faixa etária que mais apresentava sofrimento psíquico, fazendo com que as ações dos psicólogos da equipe fossem pautadas principalmente em atividades formativas, de conscientização e preventivas, tanto para a equipe pedagógica, quanto para alunos e familiares. Desta forma, assim como percebido o aumento das solicitações da equipe pelas Unidades Escolares, as pesquisas apontaram que houve, de fato, um aumento significativo no número de notificações por tentativa de suicídio ou do ato consumado. Kovács (1992) em sua publicação afirma ser o suicídio um fenômeno complexo e multifatorial, devendo

ser analisado caso a caso, observando os aspectos internos e externos de forma minuciosa. Deve-se levar em consideração, ainda, o ato como uma forma de comunicação, que quando não consumado deve abrir a possibilidade para a simbolização da dor. Nesta direção, Osório (1992) em seu livro *Adolescência hoje* afirma que na adolescência ocorre uma transformação psicossocial, acompanhada do período da puberdade que acontece também as transformações biológicas, à vista disso é possível compreender que se trata de um período de intensas mudanças e conflitos, podendo apresentar maior vulnerabilidade para comportamentos autodestrutivos com ou sem a intenção de morte.

Desta forma, o objetivo deste capítulo é compreender o processo do adolecer na atualidade sem desconsiderar a constituição psíquica, a partir da mediação social. Isto posto, dentre os vários enfoques que podem ser dados para a compreensão da adolescência será utilizado o aporte psicanalítico, tanto em Freud como em autores contemporâneos como Le Breton, Calligaris, Cassorla, Osório, dentre outros. Para iniciar este percurso será discorrido sobre a adolescência, fase do desenvolvimento humano, que caracteriza a transição entre a infância e a idade adulta. Ademais, será necessário contextualizar a constituição psíquica do adolescente, observando o processo de subjetivação que desponta nos dias atuais, para tanto será observada a tríade adolescência, adolecer na atualidade e a passagem ao ato suicida, uma das saídas encontradas para o sofrimento e que tem aumentado assustadoramente nos últimos anos, como explicitado anteriormente.

2.1 A Adolescência Pelo Viés Psicanalítico

Para falar sobre suicídio na adolescência, faz-se necessário falar sobre esta faixa etária, período que inclui maior incidência nas taxas de suicídio, e para compreender a subjetividade do adolescente nos dias atuais é necessário levar em consideração tanto aspectos individuais quanto os culturais e sociais que perpassam essa subjetivação. O conceito de adolescência pode apresentar diversas versões, uma vez que abordando tal temática há uma multiplicidade de saberes abarcando diversas áreas do conhecimento, ambos com a finalidade de explicar esta fase da vida. Osório (1992), sobre a adolescência afirma ser uma fase de amadurecimento psicossocial, desta forma é possível afirmar que concomitante ao período da adolescência o sujeito vivencia transformações corporais, por meio das mudanças oriundas da puberdade, sociais e subjetivas. Ademais, dentre os vários enfoques possíveis para a compreensão deste período, é de interesse no presente estudo as contribuições da psicanálise, tanto na obra freudiana como em autores contemporâneos (Birman, 2000; 2012; Cassorla, 2017; 2021; Calligaris, 2000; Le Breton, 2018), pois o estudo da temática tem acontecido de maneira cada

vez mais crescente na atualidade, trazendo memoráveis contribuições para o trabalho com esta faixa etária, seja pela psicanálise, seja por outras áreas do conhecimento. Outrossim, será necessário contextualizar a constituição psíquica do adolescente, observando o processo de subjetivação que desponta nos dias atuais.

Além de pensar a constituição subjetiva do adolescente faz-se necessário pensar como esse sujeito tem sido sado pelo contexto social no qual está inserido. Conforme descrito por alguns autores contemporâneos os adolescentes na atualidade são marcados pela fragilidade dos vínculos afetivos, onde as relações sociais são fluidas e efêmeras, dificultando assim a construção de laços afetivos que os auxiliaria na reedição do complexo edípico ligando-se a outras pessoas que contribuíssem afetivamente em seu desamparo, nesse sentido como explicitado anteriormente o que entra em ascensão é a cultura solipsista, onde o sujeito estaria em maior apuro do que em sociedades tradicionais, pois na atualidade o amparo pela via do recurso simbólico entra cada vez mais em descensão. Para Birman (2000) o processo de simbolização permite ao sujeito a contenção da força pulsional, e atualmente o sujeito adolescente encontra-se com sérias dificuldades em apropriar-se do recurso simbólico. O contexto sociocultural na atualidade tem sido sustentado pela incerteza, insegurança, vulnerabilidade, isolamento e silenciamento (Bauman, 2001, conforme citado por Savietto & Cardoso, 2006).

Sobre a adolescência, Freud (1905/1996) desenvolveu importantes contribuições teóricas a respeito, especialmente no texto *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, onde postulou sobre as fases do desenvolvimento e abordou conceitos elementares para a compreensão da importância da construção do vínculo afetivo, a reedição edípica no período da puberdade e as escolhas objetais. Freud partiu do pressuposto de que a infância não é assexuada, a partir daí afirmou que a sexualidade humana inicia-se desde o nascimento e segue seu curso pela idade adulta. Contudo, Freud (1905/1996) salientou que a vida sexual infantil não acontece dirigida a outra pessoa, mas essencialmente de forma autoerótica, quer dizer, por meio do prazer encontrado no próprio corpo. Sua origem acontece baseada nas funções somáticas vitais, por exemplo, por meio da alimentação, ao mamar o seio da mãe ou por meio de outros objetos substitutos. Desta forma, segundo Freud algumas partes do corpo comportam-se como zonas erógenas causando prazer a criança, sendo assim desde o nascimento a libido ao desenvolver-se elege sucessivamente algumas partes do corpo e conforme sua estimulação produzirá uma sensação prazerosa. À luz deste pressuposto, a sexualidade infantil acontece de maneira essencialmente autoerótica e suas pulsões são parciais, uma vez que ocorrem inteiramente desvinculadas e independentes entre si no esforço

pela obtenção de prazer.

Segundo a teoria freudiana, as pulsões se organizarão em diferentes fases de desenvolvimento da organização sexual, desta forma “a vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento” (Freud, 1940 [1938]/1996 p.165). O que se inicia com o advento da puberdade é a maturidade sexual a serviço da reprodução, porém a vida sexual tem manifestações evidentes desde o nascimento, conforme anunciou Freud. Estas manifestações foram descritas por Freud como as fases da sexualidade infantil onde são caracterizadas por zonas erógenas que despertam sensações prazerosas. Inicialmente vinculadas à autopreservação da vida, e posteriormente de forma independente desta, a partir de então denominada sexual. Desta forma, como apontou Freud (1940[1938]/1996) a vida sexual do homem acontece em duas ondas, sendo conhecida como difásico, ou seja, com a puberdade há a eflorescência da vida sexual, mas que ocorrerá de forma ligada a fenômenos psíquicos vividos na infância e que se manifestarão na vida adulta. Isto é, a organização completa do prazer da função sexual somente será experienciada na puberdade. Fase esta que algumas catexias libidinais primitivas são retidas, outras são completamente excluídas ou formando traços do caráter. Poderão também por meio do processo sublimatório serem deslocadas para outros objetos, como a arte e a intelectualidade. E ainda poderão funcionar como atos preparatórios que antecedem o ato sexual, sendo descritos por Freud como situações de pré-prazer. À luz do exposto, Freud (1923/1996) apontou sobre as escolhas objetais que ocorrem na fase puberal do desenvolvimento, estas já foram habitualmente feitas durante a infância, isto é, “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (Freud 1905/1996, p.210). Este reencontro diz respeito ao fato, de que após o período de latência, acontece um novo despertar das pulsões sexuais, com as mesmas intensidades e ambivalências vivenciadas na infância, mas com a diferença de que a partir desse momento a organização sexual estará também a serviço da reprodução.

Sendo assim, segundo Freud, a libido elege sucessivamente, desde o nascimento, determinadas partes do corpo que, conforme estimulação adequada, tornam-se extremamente excitáveis, proporcionando sensação prazerosa, a primeira dessas organizações da vida sexual é a fase oral, onde tem como zona erógena a boca:

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, toda atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primeiramente, é natural, essa satisfação está a serviço da autopreservação, mediante a nutrição [...] A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em

estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual (Freud, 1940[1938]/1996, pp.165-166).

Assim, conforme afirmou Freud, o corpo busca algo além do obtido pela nutrição, pela saciedade, segundo Santos (2022) por meio da saciação do desejo, ou seja, a partir deste momento o sujeito iniciará a busca alucinada pela completude oriunda da relação simbiótica que obteve com a mãe, pois além da função nutritiva o bebê encontrou por meio da estimulação da zona erógena da cavidade bucal sua primeira sensação prazerosa. Uma das formas observáveis deste prazer, conforme apontou Freud estaria na continuidade de sucção apresentada pelo bebê mesmo após sua saciação.

Sobre isso, Freud descreveu:

A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores (Freud, 1940 [1938]/1996, p.171).

Um pouco mais tarde, geralmente com o aparecimento dos dentes, quando a criança na sua forma nutritiva não se restringe a sucção, mas inicia-se também a mastigação, procura doravante uma parte de seu próprio corpo para sugar. Isso acontece porque como ainda não domina o mundo externo, será mais cômodo, tornando-a independente para a realização de sua satisfação, uma vez que a mãe também não estará inteiramente à disposição do bebê, isso também fará com que ele substitua a sucção do seio materno pela sucção de parte do próprio corpo.

A princípio, como vimos, a zona erógena se dava por meio do movimento de sucção dos lábios com o seio materno ou seus substitutos. Esse mesmo processo se repetirá em cada nova fase do desenvolvimento psicosexual, porém sendo substituídas por outra zona erógena, contudo ainda não se conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica até que esta atinja sua maturidade, isto é, até a puberdade.

A segunda fase do desenvolvimento da sexualidade descrita por Freud como anal-sádica por ser preponderante nesta fase a satisfação por meio da função excretória e da agressividade. Freud a descreve desta forma:

A zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em

outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (Freud, 1905/1996, p.175).

É nesta fase que configura-se a dualidade entre atividade e passividade, onde o bebê por meio do domínio do controle esfinteriano se recusa a esvaziar por completo o intestino, pois agora exercendo total domínio sobre a musculatura do próprio corpo e também daqueles que estão a sua volta, fica reservado e ele, o bebê, a esvaziar o intestino quando bem lhe aprouver. Desta forma, ao reter a massa fecal tira proveito da contração muscular como uma forma masturbatória da zona anal. Conforme postulou Freud, nesta fase já está presente a oposição entre os sexos, mas ainda não podem ser denominados de masculino e feminino, pois assim como na fase oral as pulsões parciais atuam de maneira autoerótica, ou seja, em conexão com a satisfação de necessidades vitais básicas. Portanto, a mãe, ou sujeito que ocupa a função materna será o seu primeiro objeto de amor tanto para o menino, quanto para a menina em ambas as fases.

Já no terceiro momento do desenvolvimento da organização sexual, Freud (1940[1938]/1996) considerou a fase fálica como a precursora do desfecho final da vida sexual que ocorrerá na puberdade. Nesta fase a sexualidade atinge seu clímax e aproxima-se de sua dissolução que será seguida por uma calma caracterizando, conforme descrito por Freud, de período de latência. Enfim, conforme apontou Freud (1940[1938]/1996) estas três fases – oral, sádico-anal e latência – não acontecem de maneira linear e progressiva, ou ainda de forma evidente, mas podem ocorrer de maneira que uma se antecipe a outra, lado a lado ou sobreposta. Contudo, nas primeiras fases a busca pelo prazer se dá de forma independente; já na fase fálica inicia-se uma organização que subordina os outros impulsos e prioriza os órgãos genitais que determinará o início da coordenação dos impulsos em direção ao prazer na função sexual. Logo, conforme escreveu Freud (1907/2021) quando o recém-nascido chega ao mundo traz consigo a sexualidade. Dessa maneira, certas sensações sexuais acompanharão o desenvolvimento do sujeito de forma que, os órgãos de reprodução não são os únicos responsáveis por propiciar sensações prazerosas. Diferentemente do que ocorrerá com o início da puberdade que além das sensações prazerosas, conferirá aos órgãos genitais a função reprodutora. Sendo assim, a criança muito antes da puberdade já é capaz da maioria das operações psíquicas da vida amorosa, exceto a função reprodutora.

Por fim, Freud (1905/1996) escreveu sobre a quarta e última fase da organização

libidinal, a genital. Sobre esse assunto, escreveu o texto intitulado *As transformações da Puberdade*, onde o autor descreveu as mudanças que acontecem no corpo durante a puberdade, destacando suas consequências na vida sexual do sujeito, bem como transformações fisiológicas colocando-se disponível, a partir desse momento, para a função reprodutora. Desta forma, o autoerotismo vivido nas fases anteriores dará lugar às escolhas objetais e à genitalidade. Outrossim, com a chegada da puberdade introduzem-se mudanças na organização sexual infantil consolidando a vida sexual adulta. Se antes a pulsão sexual era autoerótica, independentes entre si, ou seja, eram parciais, partindo de diversas zonas erógenas. Agora, todas se convergem e subordinam-se ao primado da zona genital, dirigindo-se a um objeto sexual externo. Desse modo, observa-se a importância das relações iniciais do bebê com seus cuidadores. Desde o nascimento a partir dos cuidados, inicialmente, essenciais a sua sobrevivência estarão desenvolvendo no sujeito a capacidade para o amor, pois por meio do sentir-se amado, estará também aprendendo a amar. Condição extremamente relevante, a qual será editada e revivida durante toda a vida do sujeito, e principalmente na experiência das escolhas objetais.

Outrossim, percebe-se ainda que desde o nascimento a libido elege objetos que lhe causam sensações prazerosas. Inicialmente, a libido liga-se às partes do próprio corpo, o que posteriormente ocorrerá o deslocamento da libido para objetos externos ao corpo que também proporcionarão ao sujeito satisfação. Entretanto, o que observa-se na atualidade, é um sofrimento intenso que impede o sujeito adolescente de ligar-se libidinalmente a objetos que lhe tragam bem-estar, conforme já explicitado, vivendo com muita regularidade uma pobreza afetiva, que o desliga da vontade de viver. Porém, observa-se por meio do discurso do adolescente que já tentou suicídio, que o que o faz continuar vivo, mesmo experimentando o sofrimento experimentado continuamente, é o amor. A pulsão de vida que o liga a alguns objetos eleito por ele na atualidade, mas que como escreveu Freud (1905/1996), o adolescente, neste caso, reencontrou o objeto.

Sendo assim, conforme postulou Freud (1905/1996), a chegada da puberdade traz consigo transformações decisivas. A primeira delas está na subordinação de todas as demais zonas erógenas ao primado das zonas genitais, ou seja, as demais fontes de excitação sexual convergem-se como atos preparatórios para o novo alvo sexual, sendo denominados por Freud de pré-prazer. Nesta fase os objetos de prazer são eleitos “fora do corpo próprio” (Freud 1905/1996, p.210). A segunda, está na escolha objetal, ou seja, renovados pela puberdade, o adolescente deverá abandonar o objeto incestuoso até então dirigido a mãe ou pessoa que a substitua, redirecionando a outros objetos fora do núcleo familiar, isto é, objetos que se

assemelham a elas, mas que não lhe sejam proibidos. Estas escolhas objetais dizem respeito ao fato de que na adolescência há o redespertar das pulsões sexuais com a mesma intensidade e ambivalência que acontece na infância, porém agora com a realização concreta dos desejos sexuais.

Quanto às escolhas objetais e acerca das fases iniciais da vida, Freud (1914/1996) escreveu o texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, onde aprofundou na teorização do tema partindo da premissa que se trata de uma fase intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, necessária a constituição do Eu. Freud neste texto reconheceu que originalmente o Eu é investido de libido e parte dela é posteriormente repassada aos objetos, mas essencialmente essa libido permanece retida no Eu. Este investimento libidinal é atribuído pelos pais a “Sua Majestade o Bebê” (Freud, 1914/1996, p.98) onde atende as necessidades dos filhos. Momento extremamente relevante para a sobrevivência e constituição psíquica, e que dará possibilidade do reencontro, ou seja, redirecionando a escolha objetal para fora do seu núcleo familiar, abandonando assim o objeto incestuoso, conforme já explicitado anteriormente.

Desta maneira, mais uma vez, nota-se a relevância do outro na constituição subjetiva do sujeito, e a importância destas vivências para posteriormente ligarem-se a outros objetos. Todavia, ao escutar adolescentes que estão vivenciando um intenso sofrimento, observa em seus discursos, com muita frequência, a dificuldade de se ligarem ao outro, seja por meio das amizades, do pertencimento ao grupo, à família. Relatam, se sentirem sozinhos, julgados, de não se encaixarem aos grupos. E gradativamente isolam-se dos outros. E, como desenvolvido anteriormente, o contexto sociocultural atual intensifica esta vivência por meio da superficialidade dos vínculos, das relações virtuais que sobrepõem as pessoais e presenciais, a produtividade, ao escasso tempo livre, enfim inúmeras situações no contexto da atualidade poderiam ser elencadas, as quais contribuem para o esvaziamento de energia, ao qual o sujeito adolescente relata vivenciar.

Ainda sobre as escolhas objetais, Freud (1917/2021) escreveu em seu texto *Luto e Melancolia* que primeiramente há uma escolha por identificação narcísica; mais tarde por uma decepção ou desapontamento em relação ao objeto amado, ocorre a perda desse objeto. Como resultado, a libido livre não desloca para outro objeto, mas retira-se para o próprio Eu, estabelecendo uma identificação entre o Eu e o objeto abandonado. Assim, quando o autor se refere “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (Freud, 1917/2021, p.107) é porque a partir daí o sujeito passa a se julgar como se fosse o próprio objeto abandonado. Sendo assim, a perda objetal se transforma na perda do Eu dirigindo para si autoacusações, se responsabilizando por

suas perdas, pelas suas misérias e misérias do mundo. Desta forma, poderá acontecer um investimento excessivo no objeto perdido dificultando seu desligamento e nutrindo um conflito de ambivalência entre amor e ódio. Assim, na melancolia, a libido investida no próprio Eu, apresenta-se grande dificuldade de ligar-se a outros objetos, vivenciando um intenso conflito entre amor e ódio, entre pulsão de vida e pulsão de morte, que muitas vezes culmina no rebaixamento do próprio Eu, sentindo-se merecedor de punições, o que pode fazer com que o adolescente flerte com a ideia de planejar a própria morte.

É neste cenário de constituição do psiquismo e de suas relações objetais, estendendo para fora de seu núcleo familiar, que a quarta fase do desenvolvimento – a genital, se apresenta. Ocorre concomitantemente a esta fase uma explosão de mudanças que acomete o processo do adolecer. Desse modo, conforme afirma Santos (2022), a passagem para a adolescência é um confronto cheio de paradoxos, de modo que a transição da vida infantil para a adulta se dá de forma complexa, tanto na esfera objetiva quanto na subjetiva. As mudanças físicas reverberam em um corpo desconhecido que se instaura e precisa ser vivido, simbolizado e internalizado, e isso não se trata de uma tarefa fácil. Assim como as mudanças físicas as subjetivas também apresentam sua complexidade, pois a partir daí o corpo está preparado para o encontro e não se trata de qualquer encontro uma vez que não poderá mais se eximir das responsabilidades e de ora em diante terá que se haver com todo encontro ou desencontro com o outro.

Nestes termos, é possível observar que o adolescente por meio das identificações, inicia-se um novo ciclo de relações objetais, e que não deixam de serem conflituosas. Pois, novos laços sociais são eleitos pelo adolescente que amplia a rede de identificações e um processo de desligamento dos pais se origina. Então, a partir daí as relações e o espaço físico transcende o núcleo familiar encontrando outras fontes de afetividade como a igreja, a escola, os amigos, enfim uma rede de relações que se apresentam como um importante papel na constituição da identidade do adolescente, como fatores de cuidado e proteção contra a revivescência do desamparo originário tão evidente na sociedade atual.

Portanto, diante do explicitado anteriormente, nota-se os inúmeros conflitos vivenciados pelo sujeito nesta travessia da infância para a vida adulta. No entanto, pensar a adolescência pelo viés da psicanálise é compreendê-la para além dos parâmetros cronológicos uma vez que, conforme anunciou Freud (1915/1996), o inconsciente é intemporal, isto é, não se altera com a passagem do tempo. Sendo assim, não se trata de um acontecimento com previsão de término, pois conforme Oliveira e Hanke (2017) no psiquismo humano haverá sempre um resto que não passará com o avanço da idade cronológica, pois independente da faixa etária poderão apresentar medos e inseguranças semelhantes. De maneira que, se um idoso procurar por

atendimento psicanalítico poderá apresentar fantasias que tivera na adolescência, outrossim não é a idade cronológica por si só que caracterizará a vivência psíquica do sujeito. Entretanto, não quer dizer que não apresente uma significativa relevância para o desenvolvimento maturacional biológico do indivíduo.

Ainda quanto a idade cronológica que compreende o período da adolescência também é alvo de discussão nos meios acadêmicos, científicos e jurídicos. Oliveira (2020) apresenta algumas divergências entre a faixa etária deste período como o fixado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que estabelece o período dos 12 aos 18 anos, enquanto a OMS classifica os sujeitos entre 10 e 19 anos, entretanto alguns cientistas atuais defendem que o período compreende dos 10 aos 24 anos. Enfim, diante de tantas divergências no que se refere a faixa etária que compreende o período da adolescência, é que é uma fase de intensos conflitos e transformações que abrange vários aspectos da vida do sujeito, sejam eles biologicamente, enfrentando mudanças corporais, hormonais e o início da sexualidade. Sejam eles psíquicos, pois ocorrem também mudanças psicossociais de maneira rápida e confusa onde o adolescente não se vê mais como criança, mas também ainda não é reconhecido como adulto. É também o período de intensos conflitos familiares, entre amigos e escolares, pois como explicitado anteriormente é a fase em que ocorre a ampliação dos laços afetivos, indo para além da relação com o núcleo familiar. Desta maneira, acontece o contato com novas regras, limites, deveres e que são constantemente questionados tanto os sociais, quanto os institucionais.

Para Osório (1992) a tendência universal é reservar ao termo puberdade as mudanças biológicas, e a adolescência transformações psicossociais. No entanto, a menção a esta diferença é realizada apenas com o intuito de esclarecimento entre os termos, pois ambos não podem ser estudados de forma dissociada. Para este autor nem sempre a adolescência terá seu início concomitante a puberdade, ora poderá precedê-la, ora sucedê-la, porém o início da puberdade se dá de maneira clara e definida, pois as evidências acontecem no corpo e de maneira universal marca o seu início cronológico. Já o fenômeno da adolescência, embora igualmente universal apresentam características que são peculiares ao ambiente sociocultural do indivíduo, de forma que definir de maneira precisa seu início e término torna-se uma tarefa singularmente complexa.

Também sobre este período, Calligaris (2000) afirma que seu início é facilmente observável, pois acontecem mudanças fisiológicas que marcam a puberdade. Trata-se de um período completamente enigmático para o adolescente, pois refere-se a um momento de sofrida privação de reconhecimento e independência pelos adultos, e de duração misteriosa. Porém para este autor, o que caracteriza o início da adolescência é a entrada na puberdade, ou seja, a

maturação dos órgãos sexuais. Para Calligaris, portanto, o embaraço maior não está em quando começa a adolescência, mas quando termina este período, pois conforme menciona o autor, na atualidade há uma idealização desta fase. Diferente dos dias atuais, na década de 1960 havia de forma clara o ideal de atingir a vida adulta, onde os adolescentes se aventuravam o mais próximo possível das experiências adultas e quando isso não acontecia eram consideradas como vergonhosas, por serem atitudes infantis, prova de que estavam distantes da idade adulta, ou seja, ainda eram imaturos. Contudo, o que tem acontecido é uma inversão deste ideal da idade adulta. As crianças são cada vez menos vestidas como crianças e tampouco como adultos em miniatura, mas como adolescentes. Os adultos também se fantasiam do mesmo jeito, como adolescentes. A contradição se torna ainda mais enigmática quando em meio a tantos conflitos, transformações e sofrimentos observa-se no cenário atual uma idealização deste período, atribuindo à adolescência como o tempo feliz.

Conforme Oliveira (2020), as redes sociais propiciam ainda mais isso na atualidade, onde é comum nas escutas clínicas discursos como, “eu estava vendo o Instagram, os *stories* das pessoas... todo mundo consegue ser feliz, menos eu” (p.70) e a partir das imagens publicadas vincular uma idealização de felicidade onde a maioria consegue, menos o espectador que contempla a cena. Para o adolescente estas postagens podem ser devastadoras, pois geram conflitos que intensificam a percepção de que apenas ele é sozinho e vivencia seu desamparo deslocado dos demais sujeitos que vivenciam a mesma fase. Desconhecendo, que por trás de cada postagem há o enaltecimento do que de melhor aconteceu na vida ou ainda apresentam por meio de montagens ou encenações podendo não ser tão perfeitas quanto a imagem publicada sugere.

Assim, as redes sociais poderiam ser uma das coordenadas importantes para lidar com o desamparo, uma vez que possibilita a aproximação daqueles que estão distantes, porém o que se observa é o quão mal esse laço social também se presentifica nas redes sociais. Se a fragilidade dos laços afetivos tem se presentificado na atualidade, não poderia ser diferente nas relações virtuais, onde a intolerância às diferenças se presentifica de forma odiosa. Desta maneira, as publicações objetivam a perfeição, a idealização, causando um grande mal-estar naquele que não se enquadra na imagem, na cena publicada.

No entanto, mesmo diante de uma fase que ora se inscreve sob o discurso de conflituosa, ora sob o discurso da idade dos sonhos dourados, Cassorla (2021) apresenta relevante contribuição quando escreve que esse período se apresenta de forma subjetiva para cada sujeito, pois cada um possui a sua história de vida e neste período haverá a revivescência da triangulação vivenciada no complexo de Édipo. Assim, neste período, poderá vivenciar momentos de

desespero, desesperança, medos indefinidos e vazios com descargas em atos ou no próprio corpo. Assim sendo, o adolescente precisará passar por uma separação de sua família para assumir a vida adulta e neste processo, um penoso procedimento de elaboração de luto precisará ser vivenciado. Trata-se da elaboração de várias perdas, como a dos pais da infância, da criança que foi, do corpo infantil, enfim várias perdas e separações. Porém, quando tal processo se dá de forma bem-sucedida, aproveitará tais experiências para dar significado às sucessivas transformações da vida.

Desse modo serão impulsionados em direção a fusão, na melhor das hipóteses, com amigos, líderes, namorado (a) idealizado (a), mas de forma que quando ocorrer a ruptura, mesmo que vivenciada de maneira intensa e sofrida, conseguirá suportá-la. E a partir destas experiências, resultarão o desenvolvimento e amadurecimento, preparando o jovem para novas relações, novas experiências que os fortalecerão na capacidade de sonhar, pensar, enfim viver a vida. Logo, os laços afetivos e sociais poderão funcionar como amparo para tamponar a falta constitutiva, ligando-os à vida, ao desejo de viver.

Porém, o sujeito poderá ligar-se ao próprio Eu, tratando-o como objeto, não ocorrendo de forma não tão bem sucedida. E quando isso ocorre, poderá tratar-se como objeto, dirigindo contra si as mais diversas formas de autoacusações, reverberando em comportamentos autodestrutivos. Outrossim, será apresentado no decorrer do próximo item reflexões acerca do cenário sociocultural na atualidade como desencadeador da revivescência do desamparo originário no sujeito adolescente. A fragilidade dos laços sociais, e de se ligarem libidinalmente a objetos, características tão presentes na cultura do narcisismo, onde a solidez dos laços sociais, dos vínculos afetivos andam de mal a pior.

2.2 O Sofrimento Psíquico do Adolescer no Contexto Sociocultural na Atualidade

Anteriormente foram ressaltados os desafios que a experiência da adolescência impõe ao processo de subjetivação do sujeito adolescente, bem como o processo de constituição do sujeito até a chegada da fase genital que coincide com a fase da adolescência. Entende-se que a questão da cultura produz importantes efeitos sobre o psiquismo, constituindo como um importante elemento para se pensar o processo de subjetivação da adolescência; busca-se, portanto, detalhar alguns aspectos sobre o adolescer no contexto sociocultural na atualidade, ou seja, como tem acontecido esta travessia e como isso tem afetado esta fase que já apresenta características de transição e transformação.

Logo, pensar a constituição subjetiva do sujeito mediado pelo social é compreender que o sujeito carrega as marcas da sociedade. Isso não significa dizer que sejam apenas marcas

externas, mas que o indivíduo é constituído por elas (Crochik, 1998). Desta forma, o sujeito é a representação metafórica da cultura, isto é, a cultura representa o psiquismo humano, pois sabe-se que a constituição do sujeito acontece por meio da sua relação com o Outro. Com isso instaura-se um embate para o sujeito psíquico na atualidade, uma vez que o cenário atual é permeado pela fragilidade dos vínculos afetivos, pela individualidade e superficialidade das relações, aspectos que caracterizam a cultura do narcisismo, conforme postulado por Birman (2012).

No entanto, partindo da proposição psicanalítica de que o sujeito se constitui na relação com seu semelhante pode-se encontrar como consequência deste primeiro encontro a vivência de um desamparo com efeito traumático, com repercussões importantes na constituição psíquica do sujeito, especialmente na fase da adolescência quando ocorrerá a revivescência do período edipiano (Monteiro, 2011). Desse modo, para compreender a adolescência faz-se necessário levar em consideração tanto os conflitos pertinentes desta fase, quanto aqueles oriundos dos aspectos culturais e sociais que perpassam a subjetivação humana.

Outrossim, é importante ainda ressaltar, que o aporte teórico utilizado para a pesquisa e estudo do processo do adolecer na atualidade será pela perspectiva da psicanálise. Portanto, à luz deste pressuposto a adolescência é vista para além da idade cronológica, isto é, não pensada apenas de uma maneira fixa, inflexível e com período de início e término preestabelecido, pois a constituição do sujeito se dá desde a infância, permanecendo com ele, uma vez que o inconsciente é atemporal, havendo assim sempre um resto da infância e consequentemente havendo também sempre um resto da adolescência (Oliveira & Hanke, 2017, conforme citado por Sousa, 2020). Logo, encontra-se o desamparo vivenciado inicialmente pelo bebê no corpo adulto, pois não é a maturidade corpórea que cessará o desamparo, pois este evoluirá na cultura, sendo transformado e reinterpretado conforme a evolução humana, representando a fragilidade e vulnerabilidade do sujeito (Quaglia, 2006), assunto amplamente discutido anteriormente. Estas são algumas provocações que levam a refletir sobre a relevância desta fase na vida do sujeito, bem como a importância do meio social, ou seja, o contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido. Salienta-se, assim, os efeitos da cultura sobre o psiquismo e sua importância para o processo de subjetivação deste período do desenvolvimento. Sabemos que atualmente é cada vez mais frequente e crescente o interesse de autores para estudar a temática da adolescência e muitas são as contribuições resultantes destes estudos, seja para a clínica, seja para os processos psicoeducacionais. A partir destas contribuições busca-se compreender algumas inquietações acerca do adolecer oriundos dos impactos socioculturais, sem a pretensão de esgotar a literatura que abarca tais reflexões.

Sobre a constituição psíquica, é possível compreender a relevância do outro na constituição subjetiva do sujeito. Da mesma maneira, a configuração sociocultural também representa importante aspecto neste processo de subjetivação sendo impossível pensar a constituição psíquica desvinculada do processo sociocultural. É importante também pensar a constituição da subjetividade não apenas como oriunda dos contextos sociais atuais, mas decorrente de um contexto histórico implícito na civilização (Crochik, 1998). Desta forma, percebe-se que a subjetividade psíquica está intrinsecamente relacionada às leis que regem a sociedade e a cultura, não significando que uma se reduza a outra, mesmo que o sujeito se diferencie da cultura, ela permanecerá exigindo adaptação. Freud (1930/2020) ressaltou que uma das direções do sofrimento humano está na relação do sujeito com os outros e com a cultura, portanto presume-se que o sofrimento é inerente à condição humana, pois o homem é um ser social e está imerso as proibições advindas do processo civilizatório.

Por conseguinte, o adolescente passa por um intenso sofrimento psíquico, pois o ideal cultural na atualidade atribui ao período da adolescência o dever de obter sucesso, porém desprovido de condições concretas para que isso se realize. Assim, o adolescente poderá vivenciar experiências de mal-estar, provocando intensos conflitos com os familiares, com a sociedade e consigo mesmo, deixando à mostra sua vulnerabilidade, ou seja, sendo submetido a situações que lhes permitem reviver o desamparo originário, tornando desta maneira intenso o sofrimento neste período. Pensando por este viés é importante refletir sobre o colapso cultural, ao qual o adolescente está inserido na atualidade, bem como os possíveis sofrimentos psíquicos desencadeados, principalmente nesta fase a qual concentra a presente pesquisa.

Quanto aos sofrimentos vivenciados pelos adolescentes na atualidade Levisky (2013, conforme citado por Sousa, 2020) elenca alguns que podem interferir no processo de subjetivação psíquica desencadeando mal-estar. Dentre eles, menciona as fragilidades das relações, o isolamento social, valorização do imediatismo, fatores já evidenciados neste estudo por outros pesquisadores. Enfim, são diversos os fatores na atualidade que podem exercer influência na constituição subjetiva do sujeito sendo acrescentado, o pensamento automatizado, desconsiderando os aspectos da individualidade de cada indivíduo e a influência exacerbada da mídia. Sem menos importância a vulnerabilidade social oriundas da miserabilidade, violência, desemprego e desesperança que também afetam a constituição subjetiva do sujeito, bem como a estruturação simbólica do adolescente (Winnicott, 1975, conforme citado por Sousa, 2020).

Desta forma, sobre o mal-estar na atualidade Birman (2012) escreve sobre a transformação do sofrimento psíquico vivenciado, que afeta o corpo, a ação e os excessos. Desse modo, o pensamento e a linguagem, eixos norteadores do mal-estar tendem a

desaparecer, tornando-se patentes os registros mencionados acima. Nessa direção, Kaufmanner (2021) afirma que a cada mal-estar ou falta, o mundo do consumo tem um objeto a ser oferecido. Outrossim, na cultura do consumismo há uma oferta para aliviar a falta ou sofrimento vivenciado. Birman aponta, que outro mal-estar vivenciado pelos adolescentes tem sido o sentimento de culpa por não atingir a performance corpórea, sempre aquém da desejada, pois o ideal de beleza também é veiculado pelas redes sociais, preconizando e definindo o padrão ideal. Outra forma de repercutir no corpo tem sido o estado de estresse permanente, o centro do mal-estar atual produzindo diversos sintomas psicossomáticos, como os de natureza depressiva, do pânico e das fobias. Desta forma, objetivando evitar o sofrimento psíquico a medicalização ganha espaço e notoriedade, trazendo a ilusão de que o desprazer e o sofrimento podem ser evitados por meio da anestesia induzida pela intoxicação.

Além do corpo, Birman (2012) escreve sobre o mal-estar que incide também no registro da ação. O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado do registro do agir, da aceleração do sujeito. Desta maneira a agitação se impõe e a individualidade passa a ser marcada pelo excesso que impulsiona a ação. Dentre as ações produzidas pelo excesso na atualidade, o autor menciona a explosividade, irritabilidade, a violência e como consequência desta última a delinquência e a criminalidade. A cultura da droga como um registro da compulsão, a busca pelo prazer produzindo gozo diante de tanta dor. Além das drogas outras compulsões são enunciadas como a bulimia, a anorexia, o consumismo, enfim a compulsão pelo excesso se evidencia no cenário cultural e social, uma busca desenfreada para tamponar o vazio.

Ainda sobre a cultura do excesso, Levisky (2013, conforme citado por Sousa, 2020) aponta que a vida social exige do sujeito a capacidade de adaptação e controle das pulsões. Contudo, para tal adaptação o que a civilização tem revelado é o funcionamento por meio das intensidades que se manifestam de diferentes maneiras, seja por meio do consumismo, da supervalorização do corpo, da comunicação em massa e de inúmeras outras formas. Mas que atuam como mecanismos de defesa frente às angústias e a necessidade de adaptação que a cultura impõe. São processos de compulsão que funcionam como defesas narcísicas contra os vazios da atualidade. Diante do exposto fica evidenciado que o excesso está nos fundamentos do mal-estar na atualidade, seja no corpo, seja na ação. E diante da invasão desmedida dos excessos, o psiquismo tenta se livrar dele pelas vias corporais, ou ainda em momentos de intenso sofrimento, este poderá extrapolar o psiquismo do sujeito e de maneira impulsiva resultar em tentativa de suicídio.

Assim, retomando a ideia de Birman (2012) é possível constatar que o que predomina na atualidade é a cultura do narcisismo permeada pelo individualismo exacerbado, onde o outro é visto como rival, pressupondo a inexistência de uma relação dialógica, relação esta que poderia auxiliar o sujeito adolescente em seu desamparo tanto constitutivo, quanto o da vivência atual. Entretanto, a tendência na atualidade é o desaparecimento do outro afetivo, e consequentemente desaparece também a solidariedade e a alteridade, atitudes que amarram os laços afetivos. Na cultura narcísica o outro perde toda a sua admiração, sendo enxergado como objeto para usufruto, e quando não apresenta mais utilidade é descartado, eliminado como dejetos. E neste cenário de completo colapso cultural escancara-se o desamparo do sujeito. Conforme apontou Freud (1930), assim como as relações sociais podem ser causa de desamparo, é por meio dela também que o homem encontraria amparo em suas fragilidades. Porém, em direção oposta, vive-se a cultura que evidencia uma posição solipsista, a precariedade dos vínculos, a incerteza e a desesperança frente ao futuro.

Sobre o contexto sociocultural, percebe-se, conforme as reflexões já realizadas, que um novo cenário tem se despontado, e junto com ele uma nova configuração do processo do adolescer, no entanto o cenário é atual, mas as dificuldades continuam a comparecer. Calligaris (2000) aponta que um dos desesperos do adolescer na atualidade, está no fato de que as escolhas possíveis ao adolescente estão na realização dos sonhos dos pais. No entanto, conforme Santos (2022) a adolescência revela ao adulto que realizar seu sonho na criança é uma ilusão do ideal narcísico de completude. Caso tal sonho se realize, o preço a ser pago seria a vida do próprio filho. Assim, o que se define como rebeldia adolescente é na verdade a ruptura das amarras que prendem filhos e pais, proporcionando liberdade a ambos. Porém, até que as amarras sejam cortadas, é com este sonho que o adolescente se desperta após o período de latência, o da promessa de satisfação e completude internalizadas na criança. No entanto, cada vez mais estas amarras têm permanecido sem rompimento, pois em meio ao aumento progressivo do período de formação escolar, competitividade, possibilidade de emprego limitada, tudo isso tem obrigado o jovem a permanecer mais tempo com os pais e tornando assim dependentes por mais tempo, limitando-os a tomarem suas próprias decisões e limitando-os a assumirem responsabilidades da vida pública e de seu próprio destino (Kehl, 2004).

Contudo, quanto a rebeldia adolescente e seu sonho de romper com as amarras dos pais, Calligaris (2000) diz que, a rebeldia acontece, buscando romper com a tutela dos adultos, para o autor, o contexto atual, apresenta como ideal a liberdade plena, onde a conquista da autonomia se torna condição para tornar-se adulto, porém as atitudes transformadoras destes indivíduos na busca pela sua liberdade e autonomia são reprimidas pela família e pela sociedade. Desta forma,

instala-se um dos conflitos vivenciados pelo adolescente, onde ele não se vê nem criança, nem adulto. Algumas atitudes, são impróprias, pois não são mais crianças, outras, da mesma forma, também são impróprias, pois ainda não são adultos. Este é apenas um dos inúmeros conflitos que podem surgir, nesta fase medianeira, entre a infância e a idade adulta.

Os adolescentes, na atual civilização, estruturada sem princípios claros e regras bem definidas, tendem a reproduzir uma juventude também sem metas e objetivos claros. Nesta conjuntura, o sujeito adolescente se depara com a ausência de autoridades e referenciais estáveis, se vendo obrigado a construir suas próprias referências e elaborar as normas que regulam sua existência, em meio a esta falta de estabilidade e segurança, o sujeito poderá apresentar tendência a não encontrar um sentido para o existir. De acordo com Birman (2008) diferente de outrora, a adolescência tem se prolongado cada vez mais rompendo com uma cronologia, antes estabelecida, que marcava a entrada na vida adulta. Desta forma, a infância também se estreita, pois a tendência é que a adolescência se estenda excessivamente como consequência de seu início cada vez mais cedo e de seu término cada vez mais tarde já que a juventude possui uma supervalorização na atualidade.

Nessa mesma direção, Kehl (2004) dirá que passa-se de uma adolescência longuíssima direto para a terceira idade, deixando o vazio da idade adulta, pois todos os adultos são jovens, ou o desejam ser, uma vez que a juventude se torna o período almejado por todos. Tal conceito ganha elasticidade, pois ser jovem na atualidade é um estado de espírito; e ingressar na velhice, poderá despertar no outro o olhar piedoso e simpático, dos mais gentis, visto que parece ser humilhante deixar de ser jovem. Inclusive, utiliza-se o eufemismo terceira idade para amenizar a velhice que pode soar como ofensivo.

Contudo, não foi sempre assim, o prestígio atribuído a esta fase é recente, pois até pouco tempo alcançar a idade adulta era valoroso. Para Birman, este paradigma civilizatório tem seu início a partir das décadas de 50 e 60 acontecendo de maneira gradativa. As figuras parentais começaram a investir na realização de seus próprios desejos e projetos, e esta busca passa a ser contínua, se renovando incessantemente, disseminando pelo espaço social um estilo adolescente de existir. Em decorrência deste contexto, há a fragilidade da autoridade simbólica das figuras parentais. Os filhos começam a enxergar os pais como amigos, parceiros na aventura da existência, ocorrendo uma transformação radical na estruturação simbólica familiar. Assim, pais passaram a dividir com seus filhos suas confissões, histórias e até se tornou aceitável que usassem drogas ou tomassem porres juntos para desabafarem mágoas, ressentimentos, angústias e até confidências da vida amorosa. Desta forma, era como se tratasse de figuras quase

iguais e a hierarquia simbólica e a diferença entre gerações fossem gradativamente deixando de existir.

Inserido neste contexto, o sistema escolar também passa por uma crise com difícil superação de alguns impasses. A socialização primária, antes vivenciada no espaço da família nuclear, no qual havia a transmissão de valores e costumes, passa a ser progressivamente deslocada para a escola. Esse deslocamento tem sido intensificado nos últimos anos, os pais cobram que a escola além do processo de socialização secundário exerça também a socialização primária. Nesse contexto, conforme aponta Kehl (2004) os adolescentes parecem viver em um mundo onde as regras são feitas por eles e para eles, pois os próprios pais e educadores procuram agir com leveza e indiferença. Poderia ser uma experiência saudável se ao invés de tolerância e compreensão não revelasse uma grande omissão dos pais na orientação e estabelecimentos mínimos de crescimento dos filhos. Há uma completa desvalorização da história de vida dos pais, e não no sentido de autoritarismo, mas no sentido de experiência como memória, história de vida, desenvolvendo consistência subjetiva. No entanto, o que há é uma completa desvalorização do passado em nome de uma eterna juventude causando um imenso vazio difícil de ser suportado.

Com efeito, segundo Birman, as transformações culturais têm produzido efeitos devastadores e a faixa etária que tem sido mais atingida tem sido a adolescência, pois impossibilitado de se inscrever no mundo do trabalho, impossibilitado do reconhecimento simbólico de sua potência e inserido numa adolescência sem fim, quase infinita, ficam à mercê, desamparados socialmente e afetivamente. Com isso, os adolescentes de hoje sentem-se órfãos do mundo, e esta outorga fora concedida pelos pais. É crescente o número de adolescentes que se sentem sozinhos, ressentidos em relação aos pais e a ordem social, lançados em um destino mortífero e sem esperança, destituídos de qualquer possibilidade concreta, palpável, enfim visível, o que enxergam é um vasto horizonte sem fim. Consequentemente, procuram por situações imaginárias que lhes permitam se inscrever em sistemas de filiação. Por meio destas condições, algumas delas trágicas, o que estes adolescentes buscam é sentirem-se pertencentes, reconhecidos de alguma maneira.

Os adolescentes ao ampliarem seus vínculos afetivos, ultrapassando o convívio com o núcleo familiar, se reúnem em grupos com identidade própria, diferente do universo dos adultos ou de outros grupos. No mínimo são pessoas com identificações claras e definidas fazendo com que o jovem se sinta pertencente àquela comunidade. Calligaris (2000) aponta que estes grupos possuem em comum um look, como a vestimenta, a maquiagem, o corte de cabelo, as preferências culturais, as músicas, por exemplo; os comportamentos, os lugares que

frequentam, traços em comum, identitários que possam existir ou surgir, mas em meio ao caos o que buscam é sentirem de alguma forma amparados. O resultado disso, para Calligaris, é que a adolescência se torna um negócio excelente e o marketing se encarrega de cristalizar os grupos o máximo possível, pois tornam-se também grupos de consumo facilmente comercializáveis. Cada look é divulgado e idealizado com o intuito de atrair mais consumidores para sua comercialização, inclusive para maior proveito, todos os produtos são também oferecidos aos adultos que pela influência que os adolescentes exercem sobre a consolidação de modas, que se transformam em modelos também consumidos pelos adultos. É importante notar que estes grupos são voláteis, há uma constante invenção de novos estilos, e com isso a comercialização e o consumismo também. Neste sentido, Kehl (2004) afirma que ser jovem virou slogan, revelando um poderoso exército de consumidores onde uma enxurrada de produtos se tornou importante para a felicidade de uma hora para outra. Os adolescentes saem dos porões da civilização para se tornarem os protagonistas, a idade dos anos dourados, consumidores desligados de qualquer discurso tradicional, que regulassem a relação do corpo com os prazeres ou ainda que pudessem fornecer consistência existencial.

Sobre estas transformações constantes acerca do processo do adolecer nos dias atuais, Bauman (2001, conforme citado por Savietto, 2007) utiliza a metáfora da fluidez para descrever o processo de derretimento das instituições, como por exemplo, o Estado e a Família, adquirindo um caráter fluido e volátil. Na atualidade o sujeito precisa se desprender da estabilidade ocasionada pela ordem. É necessário que esteja no mercado do consumo, renunciando a sua história e suas identificações, convertendo em seres humanos completamente flexíveis. E, como sujeitos inseridos, imersos neste cenário sociocultural, os adolescentes, portanto, devem apresentar uma permanente abertura às mudanças, lidando com a imprevisibilidade em todos os registros de sua existência. Outro aspecto marcante que se apresenta na atualidade é a valorização do imediatismo, atribuindo menor importância ao tempo passado e futuro, mantendo-se no tempo presente, valorizando desta forma o imediatismo, a instantaneidade, colocando em xeque a constância, a ilusão subjetiva de continuidade.

Outrossim, é neste contexto que o processo do adolecer tem se cristalizado. Desse modo, tanto na esfera pública quanto privada o sujeito adolescente depara-se também com regras, autoridades e referenciais com forte tendência à mutabilidade, sendo convocado a construir seus próprios referenciais. E diante de uma diversidade de possibilidades, sentem-se perdidos, onde os referenciais construídos, assim como os referenciais sociais, são frágeis e passageiros. Nessa direção, Gilberto Velha (1998, conforme citado por Savietto, 2007) problematiza o choque cultural vivenciado pelos pais na atualidade, pois, antes vivenciaram a

adolescência com pais extremamente controladores e exigentes; hoje vivenciam um modelo preconizado pela sociedade onde as figuras parentais devem ser mais tolerantes, respeitando as diferenças e escolhas de seus filhos promovendo um ambiente assinado pela liberdade. Embora, este seja o ideal preconizado pelo contexto sociocultural, evidencia-se a presença marcante desta pseudoliberalidade, uma vez que houve, por um lado, o aumento de liberdades sociais.

No entanto, por outro lado, vive-se na atualidade o maior aprisionamento do sujeito pelos poderes exercidos pela mídia e pelos grupos econômicos. Poderes que controlam e seccionam a sociedade de modo devastador, intensificando as impactantes diferenças existentes no meio social, sejam elas diferenças de classe econômica, de cor, raça, sexo, enfim uma segregação injusta que dificulta, ou em muitas situações impossibilita a realização de planos do adolescente. Assim, este período de preparação para a vida adulta, de elaboração das perdas infantis e assimilação da adulez muitas vezes é negado àqueles confinados a situações de miséria e fome. Desta forma, além da individualidade, do imediatismo, da cultura do narcisismo, o próprio cenário sociocultural já se encarrega de delimitar espaços, possibilidades, acesso à Educação de qualidade, profissionais da saúde mental, principalmente os psicólogos das políticas públicas que têm dificuldade de atender todos aqueles que procuram por psicoterapia.

À luz do exposto, são situações que possibilitam ao adolescente reviver o desamparo originário, deparando-se com a pulsão de morte. São inúmeros os fatores sociais, aos quais os adolescentes vivenciam situações de intenso sofrimento psíquico. A exclusão social, como explicada, torna-se cada vez mais frequente, e os dados estatísticos revelam os efeitos da exclusão, onde cada vez mais sofrem com a intolerância às diferenças. Diferenças que os excluem, sejam elas de classe econômica, social, cor, raça, sexo e tantas outras fragilidades que os marcam como inferiores, diferentes, condenados ao fracasso e conseqüentemente a falta de esperança, diante da promessa de um futuro promissor.

Nesse cenário sociocultural, encontra-se também a Educação, e não poderia estar diferente, assim como o contexto ao qual está inserida, a Educação vive o caos, no que se refere a um ensino de qualidade. Sobre esse assunto, Freud (1910/1996) em sua breve publicação *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* escreveu sobre o papel da escola, onde assume o lugar dos traumas vivenciados pelos adolescentes em outras circunstâncias da vida. Freud, recomendou que a escola pode oferecer apoio e amparo nesta fase da vida, ela pode contribuir com os adolescentes na busca pelo desejo de viver. Pois os adolescentes, encontram-se no período em que as condições de seu desenvolvimento os forçam ao afrouxamento dos vínculos com a casa dos pais e com seus familiares, passando parte do seu dia em contato com

outros sujeitos nas escolas. No entanto, os adolescentes deparam-se com as intensas cobranças socioculturais, desencadeando muitas vezes sintomas depressivos com sentimentos de inutilidade ou culpa, dificuldade de concentração, falta de expectativas para a vida e o próprio futuro, sentimento de não pertencimento, de não corresponder ou alcançar as expectativas impostas pelo cenário atual, e assujeitado a tirania do Supereu, poderá flertar com a pulsão de morte. Uma vez que na escola, a interação com o outro pode ocasionar intenso sofrimento psíquico, seja por meio das infinitas comparações, seja pelo sofrimento oriundo das práticas de *bullying*.

Assim, a partir do pressuposto de que o desamparo originário acompanha o sujeito por toda a vida, sustenta-se a hipótese de que o contexto sociocultural é um dos fatores desencadeadores da revivescência do desamparo na atualidade, causando sofrimento psíquico. Como já explicitado anteriormente, observa-se aspectos da cultura que interferem no processo psíquico da adolescência, os quais problematiza-se com maior relevância no decorrer desse estudo a cultura narcísica, uma posição solipsista, o individualismo, fazendo com que o sujeito se feche à presença do outro. A segregação que faz com que o sujeito adolescente isole em seu próprio “condomínio”, autorizando a entrada apenas de quem interessadamente tenha algo a oferecer. Os laços sociais e afetivos se tornam fragilizados, apresentam fendas, rachaduras tornando os sujeitos adolescentes vulneráveis, se fechando cada vez mais a entrada do outro. Os vínculos afetivos que poderiam funcionar como proteção ao desamparo originário, manifestam-se de maneira contrária. Como resultado disso, observa-se adolescentes desprotegidos, seja pela sociedade, seja pela cultura, seja pelo núcleo familiar, enfim confinados à solidão, sem uma rede de proteção consistente onde possam sentirem-se acolhidos. E não menos importante, desamparados também de uma rede simbólica, onde a angústia se torna devastadora, deparando-se com seu vazio existencial, estrutural, de incompletude, impossibilitando-os de criar saídas que somente poderão ser apreensíveis por intermédio do simbólico. Embora, como formulou Lacan (1962-1963) a angústia não é sem objeto, ela não engana, sabe-se que ela está lá, no registro do real, contudo isso não quer dizer que esse objeto seja acessível, ou de que objeto se trata, mas de arrancar da angústia a própria certeza, pois “agir é efetuar uma transferência de angústia” (Lacan, 1962-1963, p.88).

Outrossim, Lacan assim como Freud postulou a angústia como produto do desamparo, isto é, “uma resposta ao perigo mais original, à *Hilflosigkeit* insuperável, ao desamparo absoluto da vinda ao mundo” (Lacan, 1962-1963, p.153). Por outro lado, afirmou que a angústia acompanhará o sujeito como sinal de perigos infinitamente mais leves, funcionando como ameaça do Id e do Ego. Portanto é preciso, mesmo diante do inominável, permitir ao

adolescente espaço para a escuta qualificada. Para que portas se abram rumo à travessia e nomeação daquilo que na subjetividade de cada sujeito, seja nomeado e interpretado, de forma que todos os artifícios sejam elaborados a fim de que sua fragilidade seja supostamente bordejada por uma operação simbólica.

Nessa direção, sobre o processo do adolecer Le Breton (2018) diz que mesmo que as condições de vida atuais sejam melhores do que a de antepassados elas não eximem da necessidade de dar um sentido a existência e de vincular ao outro, de experimentar um sentimento de pertencimento no seio do vínculo social. Porém, o que tem acontecido, e algumas vezes pesando o processo de existir é exatamente o oposto. Uma individualização de sentido, onde as tradições e valores em comum estão perdendo seu lugar e conseqüentemente desvinculando o sujeito de toda autoridade. E neste cenário cada um se torna seu próprio dono e prestando contas apenas a si mesmo. Contudo, com o dismantelamento do vínculo social, cada indivíduo se isola e se entrega a sua própria liberdade e autonomia, ou ao contrário, se entrega ao sentimento de insuficiência e fracasso pessoal, o indivíduo que não dispõe de recursos interiores sólidos se torna mais vulnerável e se vê obrigado a firmar-se por si mesmo, pois encontra-se desamparado dos vínculos sociais, e diante disso não encontra apoio na comunidade. Silenciados os valores da empatia, da reciprocidade, dos vínculos afetivos sólidos, torna-se escancarada a fragilidade do sujeito e seu desamparo. Conseqüentemente, o apelo ao outro poderá vir, não pelo recurso simbólico, mas pela atuação. Atualmente muito mais que no passado, pois as crescentes taxas de suicídio revelam esta assustadora realidade, um grito de socorro, o um apelo ao outro, pois quando a passagem ao ato acontece, ela representa a completa desistência do outro. Pode acontecer por meio da passagem ao ato, mas ao ato suicida.

E diante deste cenário terrificante, conforme aponta Birman (2000) o sujeito busca formas milagrosas para evitar o sofrimento psíquico, uma idealização mágica sobre os psicofármacos entra em ascensão e a linguagem é silenciada também no campo da clínica médica. A escuta da história de vida dos pacientes, sua subjetividade vai progressivamente sendo substituída pela promessa prodigiosa dos resultados da intoxicação. Vive-se a cultura centrada no evitamento da dor e do sofrimento psíquico e numa busca desenfreada pela felicidade. O que importa é o aqui e agora, a pontualidade do momento, o imediatismo, mais uma vez o silenciamento entra em ação, silenciando o passado e o futuro, silenciando também as tradições.

Nesta direção, retomando a ideia do mal-estar, Freud (1930/2020) relatou que as pessoas a fim de evitar tal desprazer buscam encontrar a felicidade nas formas de poder, riqueza e sucesso e estarão a todo custo a sua procura desejando nela permanecer, evitando assim o

sofrimento. Diante do apresentado nota-se que o domínio do aparelho psíquico é regido pelo princípio do prazer que busca a felicidade e evita o desprazer, porém quando há um contentamento prolongado, este se torna mais tênue, sutil. Portanto, para Freud a felicidade se torna muito mais árdua ao sujeito e isto se dá oriundo da sua própria constituição. Desta forma Freud afirma que contrastando a felicidade, o sofrimento, é mais fácil de ser experimentado e ameaça o sujeito sob três direções: afetando o corpo, a natureza e os relacionamentos sociais e para Freud o mais penoso e cruel está nas relações sociais. E, atualmente, quando o sujeito é invadido pelo desamparo, o simbólico silencia e o ruído se dá de outras maneiras. E diante do desamparo vivido, da falta de referências capazes de compreender a dor de viver, instala-se a vulnerabilidade do sujeito que ansioso e impulsivo, imerso em um cenário social que enaltece a cultura de uma idade dourada, o adolescente então, deslocado deste pertencimento, começa a flertar com a ideia de morte. Assim, o adolescente para simbolizar seus sofrimentos, no auge do desespero, encara a vida como se tivesse terminado, encontrando saídas por meio do ato violento contra si mesmo (Cassorla, 2021).

Analisando o contexto social e cultural estudado por estes autores é evidente que as transformações culturais intensificam determinados sintomas na atualidade. Situações que transformam os comportamentos, silenciando o simbólico e exacerbando a via de comunicação, pelo corpo, pela ação e pelas intensidades, como afirma Birman (2012). Ambos os registros são entrelaçados quando a pessoa age com comportamentos autodestrutivos com intenção de morte. Aqui se instala o auge do desespero. Quando o sujeito não encontra saída “despenca fora da cena” (Lacan, 1962-1963, p.129) não deixando qualquer possibilidade de interpretação.

Nesta conjuntura de dor e sofrimento, Freud postulou que “a vida, tal como nos é imposta, é muito difícil para nós, traz-nos muitas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de medidas paliativas” (Freud, 1930/2020, p.318). Portanto, inseridos neste cenário terrificante de dor e sofrimento, onde se comercializa praticamente tudo, inclusive a ideia de que a dor e o desprazer podem ser evitados, Freud indica algumas medidas que podem funcionar como paliativas, embora não sejam capazes de garantir uma satisfação plena, essas construções auxiliares podem ser de três tipos: distrações poderosas, satisfações substitutivas e substâncias entorpecentes. Estas medidas paliativas intencionam menosprezar nossa miséria, amenizar o sofrimento, ou ainda por meio de alterações neuroquímicas tornarmos insensíveis à dor. Assim, encontra-se de um lado o desejo de evitar a dor e o desprazer e por outro lado experimentar intensos sentimentos de prazer. Partindo desse entendimento, “notamos que é simplesmente o programa do princípio de prazer que determina o propósito da vida” (Freud, 1930/2020, p.320). Com isso, a felicidade já se encontra limitada a partir da

própria constituição do sujeito, pois o princípio de prazer estará em conflito com o mundo externo, extremamente irrealizável, pois a felicidade será encontrada por meio da satisfação de necessidades altamente represadas e que poderão ser encontradas apenas de maneira episódica. Freud, apontou, como já mencionado anteriormente, que as direções do sofrimento incidem sobre o sujeito a partir de três direções: a deterioração do corpo, o mundo exterior e das relações com outros seres humanos. Assim, a partir destas possibilidades de sofrimento o sujeito já modere suas exigências em relação à felicidade, pois de maneira geral já se considerarão felizes por terem escapado do desprazer oriundo das fontes de sofrimento que provocam mal-estar e desamparo ao sujeito.

Enfim, diante do discorrido acerca da constituição do sujeito, seja ela nas esferas individuais ou coletivas, compreende-se que é por meio do registro simbólico, que o sujeito poderá encontrar saídas para o sofrimento psíquico. Sua dor não deve ser silenciada, mesmo que o contexto sociocultural na atualidade, disponha de tais arranjos, seja por meio do imediatismo e impulsividade, seja por meio do individualismo, isolamento social ou competitividade. Seja ainda por meio da metáfora dos condomínios, onde acredita-se estar seguro, pois isola-se da comunidade como um todo e o contato se restringe aos grupos de nível socioeconômico semelhante, ou ainda de forma mais radical, resume-se ao contato meramente com seu núcleo familiar, desconhecendo àqueles que estão a sua volta. E, assim consequentemente, reforça cada vez mais os comportamentos narcísicos onde o contato com o outro se evidencia com rivalidade. O outro não entra na relação dos afetos, mas como seu oponente. E desta forma, a vivência solipsista invade a constituição psíquica, os lares e a sociedade de maneira geral. Logo, uma relação de mão dupla se estabelece entre sujeito e contexto sociocultural, onde o sujeito funciona como agente de transformação social e a sociedade como objeto de extrema importância para a constituição psíquica do sujeito. Assim, pensar a constituição psíquica é pensá-la por meio da mediação social, algo inteiramente indissociável.

Buscou-se assim, pelo exposto, elencar os incontáveis desafios impostos pela cultura no psiquismo do adolescente, podendo desencadear comportamentos autodestrutivos. Entende-se a complexidade do fenômeno, bem como a multiplicidade das causas que podem estar relacionadas a este fenômeno, porém não podemos desconsiderar o fato de que o colapso cultural tem afetado a estruturação psíquica dos sujeitos adolescentes e funcionando como uma das causas desencadeantes do ato suicida.

Por fim, é importante ressaltar que tais comportamentos são tentativas de simbolização, embora quando ocorre a passagem ao ato a possibilidade de mediação, de interlocução é

impossibilitada, mas não deixa de ser uma saída utilizada para se defender da angústia ou na tentativa de apaziguá-la, traduzindo seu desamparo e dificuldade no processo de subjetivação tão notório na atualidade, assunto que será explorado com mais detalhes posteriormente no próximo item.

2.3 Tentativa de Suicídio na Adolescência: uma Expressão do Sofrimento Psíquico

Conforme explicitado anteriormente, o contexto cultural na atualidade pode funcionar como desencadeante do reviver do desamparo originário no decorrer da vida do sujeito. E não seria diferente na fase da adolescência, uma vez que tal faixa etária é vivenciada de forma conflituosa tanto por aspectos biológicos, quanto por aspectos psíquicos. Outrossim, esta fase apresenta taxas elevadas de tentativa de suicídio ou da passagem ao ato propriamente dito.

Sobre o ato suicida Cassorla (2021) escreve:

O ato suicida constitui o evento final de uma complexa rede de fatores que foram interagindo durante a vida do indivíduo, de formas variadas, peculiares e imprevisíveis. Dessa complexidade fazem parte fatores genéticos, biológicos, psicológicos (com ênfase nas primeiras experiências vitais), sociais, históricos e culturais. Por isso, não podemos nos referir a “causas” de determinado suicídio. Aquilo que se apresenta ao observador como motivações do ato são apenas desencadeantes constituídos por fatos que, aparentemente, estimularam o desenlace. Mesmo a visão desses fatos, tomados como elos finais dentro da complexidade suicidógena, pode estar comprometida pela necessidade de encontrar explicações para aquilo que nos é incompreensível (p.19).

Desta forma, conforme posto por Cassorla, observa-se a complexidade e multicausalidade que se encontra nas entranhas do ato suicida. Trata-se de um fenômeno cuja motivação para o desenlace não apresenta uma explicação evidente e precisa, porém diante dos inúmeros fatores de risco sustentamos a hipótese de que um dos fatores desencadeadores é o contexto sociocultural na atualidade. Em *O Mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020) reconheceu que os ideais culturais exercem função de proteção contra o desamparo, como também a função de auxílio na construção dos laços sociais. Esses ideais constituem-se importantes recursos para lidar com as castrações impostas pela cultura, bem como os destinos da pulsão. No entanto, questiona-se se todos os impedimentos que a sociedade impõe ao sujeito a serviço dos ideais culturais, na atualidade objetivam este fim, proteger o sujeito.

Destarte, encontra-se na atualidade, como já explorado anteriormente, a cultura do narcisismo, da individualidade exacerbada, cujo hábitos solipsistas se tornam cada vez mais intensos, e desta forma, como consequência encontramos o sujeito do desamparo desvelado, vivenciando o constante sentimento de vazio, sem adereços que sejam capazes de tamponar a

falta estrutural do sujeito. Observa-se a sociedade, que tem como característica o funcionando dos excessos, como o apelo ao consumismo, a supervalorização do corpo e da imagem, do uso de substâncias entorpecentes, das redes sociais, as quais fisga o sujeito pela manipulação por meio dos algoritmos midiáticos. Enfim, em meio a este vazio terrífico, ao qual o sujeito procura livrar-se por meio dos excessos, Cassorla anuncia que uma das possibilidades vivenciadas pelo sujeito é a idealização da imagem do paraíso, livre de qualquer sofrimento, pregado pela cultura por meio das crenças ideológicas e religiosas a qual o sujeito procura pertencer após a morte. Pois, o contato com a ideia de finitude destituída destas ilusões tornaria a vida insuportável para o ser humano. Sobre a morte, Freud (1915/2020), escreveu que a tendência entre os seres humanos é viver como se ela não existisse, ou seja, eliminando-a da vida.

Entretanto, seduzido pela ilusão do paraíso, onde reina apenas a felicidade, o sujeito adolescente imerso ao sofrimento e angústia arrebatadora, se vê encantado com a possibilidade de pertencimento, de contato com este paraíso, livre da dor e de qualquer tipo de sofrimento, usufruindo da felicidade e bem-estar sem fim (Cassorla, 2021). Sobre o mal-estar, Birman (2012) escreve que o sujeito ao se deparar com o vazio do existir, este encontro se dará de maneira sempre catastrófica. E conseqüentemente terá sua autoestima dissolvida, havendo uma completa desvalorização e desqualificação do Eu que passa integrar o sujeito por inteiro. O sentimento de que o Eu pode dar conta de suas relações com o corpo e com o mundo se esvazia de maneira evidente, perdendo sua potência, paralisando o sujeito, impedindo-o de fazer e de agir, esvaziando-o de toda energia e vitalidade.

Nessa direção, Lacan (1962-1963) escreveu que a angústia não é sem objeto, mas que é ocupada por um vazio e o que manifesta neste vazio é desorientador. Desta forma, afundado neste vazio que desorienta, encontra-se também neste autor que “agir é arrancar da angústia a própria certeza” (1962-1963, p.88). Desse modo, conforme anunciou Lacan, a angústia não engana, ela afeta o sujeito não havendo espaço para a dúvida, ela é uma certeza que desorienta. Diante disso encontra-se a ação do sujeito que ora se dará por meio de atos simbólicos; ora por meio da passagem ao ato suicida ou tantas outras formas de passagem ao ato, isto é, quando há a fragilidade ou ausência de processos de simbolização, o inconsciente se realiza em ato, e quando este se realiza de forma rude e brutal haverá o apagamento e silenciamento do sujeito. Nesse sentido, Lacan apresentou a distinção existente entre a passagem ao ato e *acting out*. No *acting out* o sujeito cria a cena, está inserido nela e por meio dela, faz apelo ao Outro por meio de uma demanda de amor. Já na passagem ao ato, o sujeito identificado ao nada, reduzido ao resto, ao dejetivo do mundo não se vê mais como um sujeito historicizado, e por isso evade da

cena por meio de um ato rude e radical. Nessa hora não há mais nenhum apelo ao outro, o sujeito no suicídio sai da cena com o outro.

Contudo, na passagem ao ato suicida, isto é, quando o sujeito tira a própria vida, é impossível não desesperar-se na busca de explicações, pois para o sujeito é muito difícil conviver com a impotência, portanto inicia-se o doloroso processo dos questionamentos e justificativas que poderão amenizar provisoriamente a angústia do não saber. “No entanto, a verdade última sempre nos escapará” (Cassorla, 2021, p.20), silenciando de uma vez por toda qualquer possibilidade de interpretação do ato, qualquer tentativa de esclarecimento estará comprometida. Todavia, mesmo diante da complexidade do fenômeno, do doloroso processo vivenciado, seja pelo sujeito, seja por aqueles que estão a sua volta, o suicídio ainda é uma das saídas encontradas pelo psiquismo diante das formas sintomáticas do mal-estar na atualidade. Além de tal embaraço, encontra-se um aumento significativo nas taxas de morte por suicídio, principalmente, no período que abarca a adolescência.

Assim, ao invés do processo de simbolização, o sujeito “larga de mão”, expressão utilizada por Lacan (1962-1963, p.129) como análogo essencial à passagem ao ato. Portanto, conforme postulou este autor, a passagem ao ato é o momento de maior embaraço do sujeito - é o lugar onde ele se encontra, lugar este onde apenas ele, sujeito historicizado poderá manter-se em seu status de sujeito, mas em algumas situações— “ ele se precipita e despenca fora da cena” (Lacan, 1962-1963, p.20), esta é a verdadeira estrutura da passagem ao ato, e desta maneira por meio de uma ação rude e brutal o sujeito não deixa rastro para a simbolização, levando consigo qualquer possibilidade de interpretação.

Desta forma, a passagem ao ato suicida, ao sair fora da cena, o sujeito flerta com a morte, e há o triunfo da pulsão de morte. Sobre a pulsão de morte, Freud desenvolveu e explorou a teoria pulsional, que apenas mais tarde culminaria nos conceitos distintos entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) definiu o conceito de pulsão, diferenciando-a de estímulo. Para o autor, o estímulo seria produzido por excitações isoladas vindas de fora, já a pulsão ocorreria dentro do próprio organismo de forma contínua, não podendo ser eliminada, cabendo ao sujeito lidar com ela. Mais tarde, quando escreveu *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915/2021) mais uma vez diferencia a pulsão de estímulo pulsional. Para Freud o estímulo pulsional poderia ser neutralizado por meio da fuga motora da fonte estimuladora. Já a pulsão “[...] jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força constante” (Freud, 1915/2021, p.19).

Desta maneira, como postulou Freud, a pulsão jamais poderia ser abandonada, uma vez que se trata de uma força interna, oriunda do interior do corpo, portanto não havendo fuga eficaz

contra a pulsão. Este conceito diferenciaria pulsão de estímulo, uma vez que o estímulo cessaria diante da satisfação da necessidade. Foi também neste texto que Freud dividiu as pulsões em dois grupos primordiais: as pulsões do Eu ou de autopreservação e as pulsões sexuais. As pulsões sexuais advindas de múltiplas fontes orgânicas visavam a obtenção do prazer do órgão e posteriormente a serviço da função reprodutora, objetivando a conservação da espécie. Já as pulsões do Eu ou de autoconservação, estariam completamente ligadas às pulsões sexuais, e por isso buscariam vinculação, satisfação com aquilo que conservasse a vida. Neste texto, Freud ainda define o conceito de pulsão como algo obscuro, e que a manteria, à classificação dualista das pulsões, enquanto se mostrasse útil e cuja substituição por outra pouco alterasse o resultado de observação e descrição do trabalho clínico já realizado.

Em 1920, Freud (1920/2020), em *Além do princípio de prazer*, escreveu mais uma vez sobre a dualidade das pulsões, porém não mais as nomeava como pulsões do Eu ou pulsões sexuais, mas de pulsões de vida e pulsões de morte. A pulsão de morte levaria à estagnação, à eliminação da estimulação do organismo, objetivando a falta do novo, a falta de vida, estando fadada a buscar um estado anterior, contribuindo para que o organismo vivo retornasse ao estado inanimado. Desta forma, “uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior” (Freud, 1923/2020, p.131). Outrossim, observa-se como postulou Freud, a existência de duas forças pulsionais opostas: uma que diz respeito a criação, vinculação, reprodução, enfim a autoconservação da vida; e outra que rompe, separa, destrói, objetivando retornar ao nada, ou seja, que se satisfaz na autodestruição. Encontra-se também nesta obra de Freud (1923/1996), a pulsão de morte como uma aliada ao Supereu, pois esta instância psíquica seria a responsável pela crueldade e ação punidora voltada contra o Eu. Nessa direção, Freud escreveu sobre a subserviência do Eu à severidade do Supereu, correspondendo a um perigo ao Eu, que como saída pode encontrar o afastamento do perigo, ou seja, assujeitando ao rigor tirano do Supereu.

Destarte, diante da tirania do Supereu e das especificidades deste fenômeno, as autoacusações podem reverberar na passagem ao ato suicida. Sobre isso, Rigo (2013) em uma publicação da Revista do Conselho Federal de Psicologia *Suicídio e os desafios para a Psicologia*, relata que o maior desafio da clínica com esses sujeitos é levá-los a falar no lugar da atuação propriamente dita. Para este autor, o grande desafio está em levar estes sujeitos ao ato, mas que seja ao ato da demanda por tratamento e desta maneira sejam capazes de se implicarem com suas ações, possibilitando a estes sujeitos que a pulsão de morte ceda lugar ao desejo de saber, permitindo o reaparecimento de sua história, encontrando outras formas de

expressar seu sofrimento, dando um novo sentido para a vida, abrindo espaço, cedendo lugar para a manifestação da esperança, isto é, que a pulsão de vida sobressaia à pulsão de morte.

Como já explicitado a angústia revela-se como produto do desamparo (Freud, 1926/2014) e esta angústia resultante do desamparo é, segundo Lacan (1962-1963) o afeto que não engana, pois é real, afeta o corpo e quando o sujeito está mergulhado numa angústia desmedida o sofrimento psíquico se materializa no corpo por meio da dor. Nesta direção, Rigo escreve que esta dor se manifesta no corpo, no peito, na alma, levando muitos sujeitos a passagem ao ato, uma vez que relatam ser a única forma de se livrarem de tal sofrimento, pois esta dor os acompanha constantemente. Para Rigo, uma sociedade regida pela lógica capitalista, como a atual, cujo discurso se caracteriza pela satisfação, pelo dever de sucesso imposto ao sujeito adolescente, onde não lugar para a tristeza ou para as falhas e que desperta a ilusão de que os objetos oriundos do consumismo são capazes de tamponar a falta estrutural, não poderia ressoar de maneira distinta.

Desta maneira, instituições inseridas neste contexto, tendem a repetir o mesmo discurso. A família, por exemplo, exige dos filhos que obtenham sucesso, que sejam bem-sucedidos, não podendo haver lugar para as falhas. E em decorrência das altas idealizações da família muitos adolescentes sentem-se incapazes de atender a esta expectativa e como consequência refugiam-se muitas vezes na depressão e por vezes se precipitam ao ato suicida. O suicídio, nestes casos, se configura como a saída encontrada para se livrarem da angústia diante da incapacidade de atender as perspectivas do Outro. A rigidez do Supereu cultural, que se manifesta por meio das instituições como família, Estado, Igreja, escolas, desperta no adolescente a incapacidade de cumprir com estas exigências impostas pelo ideal do Supereu da cultura. No entanto, quando a passagem ao ato acontece, haverá sempre um impacto social, seja em termos numéricos, seja na dor vivenciada pelos familiares, amigos ou conhecidos, seja ainda pela busca desesperadora por uma resposta que atenuie a dor vivida pelos enlutados. Sobre a morte, Freud (1915/2020) escreveu que o sujeito tende a negá-la, apresentando sempre uma circunstância para a morte, revelando a dificuldade em lidar com a morte, apresentando uma necessidade para esta, uma justificativa, algo que a identifique como acidental, e não de ordem natural e inevitável. Entende-se desta maneira o quão inquietante é a morte por suicídio, pois para que o sujeito planeje a própria morte um intenso sofrimento o invade. Quando a tentativa de suicídio ou a passagem ao ato acontece, causa intenso sofrimento também, naqueles que lhe são próximos. Pois, conforme escreveu Freud quando a morte atinge alguma das pessoas que o sujeito ama, este entre em completo colapso. Outrossim, além da dor da perda do “nunca mais” (Fukumitsu, 2018, p.2017) emergirão inúmeros sentimentos e questionamentos, uma montanha-russa de

emoções sem fim,) emergirá uma inquietude da busca sem fim pela explicação daquilo que é incompreensível (Cassorla, 2021).

Vale ressaltar, conforme explorado anteriormente, vive-se na atualidade, a cultura do narcisismo, as incapacidades não podem ser expostas ou exibidas já que estas desqualificam o sujeito, que deve ser, antes de tudo, autossuficiente. Entregue ao seu solipsismo e autossuficiência, o sujeito paralisa-se quase que completamente. Ficando desta forma entregue ao desamparo, à deriva das formas de subjetivação na atualidade. A subjetividade atual, da cultura narcísica, é correlato ao mundo que perdeu o sentido, pois as regras e códigos que estabeleciam a vida em sociedade desapareceram paulatinamente.

Portanto, sem a presença da mediação do espaço social, os sujeitos buscam outras formas para lidar com o vazio, como formas milagrosas de lidar com o sofrimento, sendo incapazes de inventar mediações e apelos ao outro num mundo onde a medicalização parece atender aos reclamos da dor. A interlocução entre os sujeitos é cada vez mais estreitada, advindo daí a passividade do indivíduo que espera pela atitude do outro em seu lugar e caso isso não aconteça, a dor pode minar cada vez mais com reverberações somáticas no corpo, podendo ocorrer os mais diversos atos como forma de descarga daquilo que dói.

Contudo, conforme Cardoso (2001, conforme citado por Monteiro, 2011) na adolescência ocorre um ataque ao narcisismo, e neste combate evidencia a luta entre a dependência e a conquista da autonomia na relação com seus semelhantes. Como resultado deste conflito, o que pode manifestar no sujeito adolescente é a ameaça do desamparo e passividade, e nesse ínterim lançar mão da passagem ao ato. Cada vez mais, com mais frequência a passagem ao ato pode ser expressa por meio de situações de risco, uma manifestação inconsciente da pulsão de morte, denunciando desta forma, suas fragilidades de recursos internos e sofrimentos psíquicos. Nesta mesma direção, Monteiro (2011) estabelece uma analogia entre a precariedade simbólica dos bebês e a precariedade simbólica que ocorrem nestas manifestações. Quanto ao bebê esta precariedade ainda acontece de forma natural, pois num primeiro momento da vida o bebê por ainda representar poucos recursos simbólicos mais evoluídos, recorre a atuação como forma de comunicar sua demanda ao outro.

Da mesma forma, os sujeitos encontram nesta forma de atuação a maneira de expressar sua fragilidade em recursos simbólicos diante das suas vivências, porém neste momento não ocorre por um desenvolvimento imaturo como acontece no bebê, mas pela dificuldade em nomear por meio dos recursos simbólicos o sofrimento que acomete o sujeito adolescente, uma vez que ao expressar sua vulnerabilidade poderá se deparar com a legitimação da cultura narcísica de sua fraqueza e incapacidade já que na sociedade atual não há espaço nem tempo

para isso, pois o que se apresenta é a cultura da felicidade, do sucesso e dos resultados imediatos, nem que seja por meio da sedução pelos uso dos psicofármacos.

Nesse sentido, retoma-se a ideia de Freud (1930/2020) sobre o mal-estar na cultura, onde ressaltou que o sofrimento do ser humano pode advir sob três direções: do nosso próprio corpo, condenado à decadência; das forças da natureza, por meio da sua destruição esmagadora e impiedosa e da interação do sujeito com a civilização. Freud destacou que o mais penoso de todos os sofrimentos emerge das relações sociais, porém afirmou que o isolamento voluntário não seria a saída para o sofrimento. Portanto, para este autor, o individualismo que assola a cultura na atualidade não seria a saída para o mal-estar, mas uma forma de revivescência para o desamparo estrutural. Assim, como postulou Freud, o sofrimento é muito mais fácil de ser experimentado do que a felicidade, que acontece de forma passageira e talvez até instantânea. Faz-se necessário que os adolescentes compreendam esta verdade tomando consciência de que cada um, na sua subjetividade, terá que se haver com suas dores, encontrando caminhos para torná-las o mais suportável possível, uma vez que livrar-se completamente delas tornar-se-á uma tarefa impossível. No entanto, o desafio maior está em fazer com que estes adolescentes busquem pelo processo de simbolização de sua dor, demandem por tratamento, pois como destaca Freire (2017), os atritos vivenciados pelo adolescente com a família e a sociedade, as situações de insegurança e desamparo podem resultar em um intenso sofrimento psíquico, podendo influenciar na tomada de decisão para passagem ao ato suicida.

Assim, a faixa etária que compreende a adolescência pode funcionar como um fator de risco, pois as transformações biopsicossociais pelas quais os adolescentes passam trazem constantes mudanças e conflitos acarretando um maior sofrimento para este sujeito. E neste processo o sujeito adolescente necessitará estabelecer novos vínculos para ampará-los neste momento de transição e construção. Vale ressaltar o quanto a cultura representa um papel essencial, bem como sua influência na construção da identidade do sujeito, onde a falta de coesão poderá intensificar tal sofrimento, dificultando sua integração no meio social, intensificando o sentimento de não pertencimento e conseqüentemente o isolamento já disseminado pela cultura do narcisismo, e à vista disso o desamparo e a solidão. O ideal cultural impõe ao jovem o dever de ser feliz, porém o excesso de liberdade propagado pela atual civilização, submete o jovem a uma situação de desamparo, confrontando-o com sentimentos ambivalentes que já são característicos desta fase.

Em decorrência disso, o suicídio pode funcionar como uma saída impulsiva para acabar com a dor que chegou ao seu ápice. Enfim, sabe-se da complexidade e multicausalidade deste fenômeno, mas deve-se levar em consideração que o suicídio pode ser produto das relações do

sujeito com a família e com a sociedade, visto que a constituição subjetiva do sujeito acontece a partir da relação com o outro. E a partir destas relações ocorrerá a elaboração das experiências introjetadas, as quais a capacidade de sublimação auxiliará na estruturação psíquica desse sujeito. Porém, quando o sofrimento psíquico extrapola o mecanismo de defesa, o da sublimação, uma das alternativas encontradas poderá ser o ato suicida.

Dunker (2021) aponta a reflexão sobre quem nunca, ao menos uma vez, pensou em suicídio. No entanto, segundo Dunker é necessário refletir também sobre quais os fatores decisivos que levam a balança a pender para tal ato, ou ainda quais os fatores podem contribuir como protetivos, desta forma é preciso analisar como anda o equilíbrio da balança da vida entre os fatores protetivos e os de risco. Para Dunker, um dos fatores protetivos facilmente de ser apontado, mas difícil de ser praticado está na escuta singular da pessoa. A escuta e o tratamento natural, espontâneo e social, no qual dispõe-se para o enfrentamento ao suicídio.

Contudo, como apontado anteriormente por Birman (2012) fazer apelo ao outro por meio do discurso simbólico, na atualidade, em meio a cultura narcísica, não tem sido uma tarefa tão simples. Porém, conforme aponta Dunker quando o sofrimento não recebe a devida atenção, quando maltratado, evolui para sintomas, e quando o sintoma por si só não é o bastante para afastar a angústia, surgem comportamentos impulsivos, e a convicção de que algo precisa ser feito para fugir da dor, fugir da angústia. E muitas vezes, o sujeito é tentado à passagem ao ato suicida, porém é necessário encontrar outras formas para fugir da dor. E esta fuga não pode ser entendida como covardia, mas a capacidade de manter-se na incerteza e esta capacidade expande quando o sujeito encontra amparo no outro, quando se sente escutado, e sentir-se escutado é diferente de ser coagido, julgado ou doutrinado a pensar de um jeito ou de outro. Sendo assim, a experiência do compartilhamento, do amparo, do sentir-se acolhido funciona como um fator protetivo, já o isolamento, a solidão como um risco. No entanto, a capacidade de solidão, de estar consigo mesmo nos piores momentos, uma força protetiva.

Mas afinal, o suicídio representa o desejo de morte, ou um apelo pela vida. Mais uma vez depara-se com a complexidade do fenômeno e diante disso não há uma única resposta para tal questionamento, pois o caminho para o suicídio é o da ambivalência, é do caso a caso. Mesmo respostas, a princípio inquestionáveis como a saída para o sofrimento, não servem para todos os casos de tentativa de suicídio ou ato consumado. Porém, deve ser analisado no um a um, na unicidade e particularidade de cada sujeito, de cada história de vida, isso quando o ato fracassa e abre a possibilidade da escuta, análise, elaboração e reconstrução por meio do campo simbólico de novas saídas, opostas ao caminho da morte, mas pela via da vida.

Nesta direção Greco (2021) dirá que uma escuta diferenciada do analista poderá levar o sujeito a refletir sobre suas implicações quanto ao sofrimento vivenciado ou ainda quanto a tentativa da passagem ao ato. Pois, será por meio do discurso simbólico que o sujeito poderá abrir-se a uma retificação subjetiva. E o suicídio é a ruptura definitiva com o simbólico e com qualquer possibilidade de interpretação, porém com o ato suicida o adolescente deixa inscrito uma marca simbólica em seu meio familiar, abolindo-se como corpo, mas tornando-se um signo eterno para os outros como escreveu Lacan “é precisamente a partir do momento em que o sujeito morre que ele se torna para os outros um signo eterno; e os suicidas, mais que os outros” (Lacan, 1957-1958/1999, p.254). Nesse contexto, observa-se paulatinamente, que a experiência do adolecer em nossa cultura tem acontecido de forma penosa e algumas condutas de risco tem sido observada como a demarcação para a entrada na adolescência, já que como explorado anteriormente, a experiência de rito de passagem tem se tornado cada vez mais indefinida na sociedade atual, como escreve Calligaris (2000).

Outrossim, não há como negar o sofrimento psíquico e os desafios enfrentados pelos adolescentes na atualidade, no entanto é necessário cautela para não unificar e caracterizar esta fase como exclusivamente e unilateralmente frágil e vulnerável. Sabe-se que as pesquisas apontam para tal realidade, porém não caracterizá-la apenas sob esta ótica, se torna tarefa imprescindível. Para Werlang (2013) a prevenção ao suicídio é um grande desafio não apenas para a psicologia, mas para toda a sociedade. Diante disso, deve-se envolver profissionais qualificados para tal fim, mas a sociedade como um todo deve estar envolvida e trabalhar conjuntamente nesta ação. Além das Unidades de Saúde, educadores, voluntários, organizações não governamentais (ONGs), igrejas, enfim por se tratar de um desafio social, econômico e político e de alta complexidade todos devem estar envolvidos nesta causa.

Assim, por meio da literatura em estudo reflete-se e busca-se compreender o fenômeno em estudo. Sem a pretensão de esgotar a teoria existente, uma vez que diante de um fenômeno de alta complexidade como o suicídio, muito ainda há o que ser estudado para uma escuta psicanalítica dos sujeitos que já tentaram suicídio, a fim de que reescrevam sua história encontrando o fio condutor que os liguem a vida.

Capítulo 3

Tentativa de Suicídio: Narrativas da Dor Psíquica em Ato

O analisando não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalado, mas ele atua com aquilo. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber que o repete. [...] entendemos que esse é o seu modo de lembrar.

Freud, 1914/2021

A investigação da tentativa de suicídio na adolescência, como apresentada nos capítulos anteriores desta dissertação, levou à opção pela pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas narrativas, visto que, conforme Santos, Mezzari e Teixeira Filho (2021), a vida, assubjetividades e as experiências são construções discursivas.

Sobre a pesquisa qualitativa, Yin (2016) relata que o estudo permite abarcar o individual e o coletivo simultaneamente, pois, partindo da visão pessoal de como enfrentam e prosperam em determinado ambiente e de suas interações com o outro, as condições objetivas também acabam por ser apreendidas. Ainda segundo este autor, a pesquisa qualitativa abrange as condições contextuais, por exemplo, as sociais, institucionais e ambientais, nas quais as pessoas estão inseridas, podendo influenciar intensamente todos os comportamentos humanos. Nesta mesma direção, Minayo (2014) afirma que a pesquisa qualitativa compreende questões como a singularidade do sujeito, sua experiência e vivência no âmbito grupal e coletivo ao qual pertence, sendo extremamente relevante para a compreensão da realidade na qual o sujeito está inserido. Tais contribuições sobre a pesquisa qualitativa abarcam nossa proposta de estudo, que parte da inquietação acerca do expressivo aumento dos casos de suicídio na faixa etária que compreende a adolescência.

Destarte, utilizou-se a pesquisa qualitativa para a compreensão do fenômeno, considerando o contexto sociocultural no qual os sujeitos adolescentes estão inseridos, bem como suas relações afetivas com o outro. Ademais, a pesquisa qualitativa é um meio de entender e explorar questões sociais e o significado que são atribuídos pelos indivíduos a questões sociais ou humanas (Bauer & Gaskell, 2000; Creswell, 2017). Para esta finalidade utilizou-se a entrevista narrativa que aborda a vivência individual e coletiva, pois conforme aponta Teixeira (2013, conforme citado por Santos, Mezzari & Teixeira Filho, 2021), toda narrativa de vida é coletiva, visto que é fruto de um esforço individual, mas de uma produção coletiva oriunda dos encontros, das relações e interações das quais a pessoa que conta a história está inserida. Assim, por meio do discurso da pessoa que conta sua história pode-se ter uma importante fonte, tanto para a análise individual, como também sociocultural.

Desta forma, foram realizadas entrevistas narrativas no CAPSi Crescer de Anápolis. O motivo da escolha de tal instituição se deu pelo fato de atender adolescentes com ideação suicida ou que já tentaram suicídio. Ademais, a faixa etária atendida também condizia com os critérios de inclusão propostos por esta pesquisa. Outrossim, no âmbito escolar, quando observado, por meio da escuta dos adolescentes, que eles apresentavam sofrimento psíquico com pensamentos de morte eram encaminhados para atendimento no CAPSi. Além disso, um dos critérios de inclusão como participante da pesquisa era estar em atendimento por equipe de psicólogos do CAPSi, pretendendo minimizar o sofrimento psíquico ao narrar a história de vida durante as entrevistas, uma vez que já estariam em atendimento terapêutico.

As entrevistas narrativas, além de um método de composição de dados, se constituem como importante instrumento de escuta, uma vez que não se trata de uma simples apresentação sucessiva de fatos, mas acima de tudo uma construção de sua história de vida, articulando-a com o passado e o presente por meio do ato de recordar e contar a outrem, permitindo ao sujeito a reconstrução do que está sendo dito. Contudo, a experiência como psicóloga escolar mostrou a esta pesquisadora o quão difícil tem sido para o sujeito adolescente narrar a sua história, falar sobre suas dores e sofrimentos, e quando isso não ocorre, a expressão da angústia poderá reverberar por meio da passagem ao ato e alguns casos ao ato suicida.

Quanto ao pesquisador, a entrevista narrativa exige dele uma escuta atenta para compreender o que as pessoas dizem, pois o ouvir também requer escutar as pausas, o tom de voz, os tropeços e interrupções, enfim a escuta conforme propõe Yin (2016) está além das palavras faladas. Portanto, escutar e analisar as narrativas de vida exige explorar não apenas o que é dito, mas também como é dito. No decorrer deste capítulo o percurso metodológico da pesquisa será detalhado na medida em que se apresentarão os procedimentos adotados e a apreensão dos dados juntos aos entrevistados.

3.1 Caminhos da Pesquisa

3.1.1 Narrativas de vida como método para composição dos dados.

Conforme Bertaux (2010), o termo narrativa de vida foi introduzido na França. Antes disso o termo utilizado era história de vida, o que não permitia diferenciar a distinção entre a história vivida por uma pessoa e a narrativa que ela poderia fazer de sua vida. Assim, a história de vida abrangeria uma totalidade da existência do sujeito incluindo sua história, a de seus pais, do meio em que vive, de suas origens sociais, atingindo um ideal que somente seria possível alcançar após um longo período de trabalho ao lado de uma única pessoa.

Já o relato de vida em forma de narrativa consiste no momento que o sujeito conta a outra pessoa um episódio de sua experiência vivida. Desta maneira, o sujeito é convidado pelo pesquisador a narrar um acontecimento de sua experiência vivida, a narrar a sua história por meio de um filtro. Isto é, o pesquisador apresenta seu interesse de conhecimento na pesquisa, esse pacto direciona e predetermina a entrevista, levando o participante a contar sobre experiências específicas vivenciadas pelo sujeito. Assim, Bertaux aponta para as narrativas de vida como um objeto social, um fragmento de realidade social-histórica experimentada pelo sujeito.

Nesse sentido, Muylaerte, Sarubli Jr., Gallo, Rolim Neto e Reis (2014) consideram que a memória é seletiva, diante disso o narrado será aquilo que de alguma forma foi lembrado, pois alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nesta perspectiva, o que se torna relevante são os relatos descritos pela pessoa, ou seja, como o sujeito as registrou ou experienciou. Assim, o que deve ser levado em consideração é o que está sendo contado no momento da narração, pois neste momento estão sendo articulados os tempos presente, passado e futuro. Desta forma, as narrativas de vida combinam histórias de vida a contextos socioculturais, e ao mesmo tempo revelam as experiências individuais. A partir das narrativas de vida dos participantes é possível compreender os contextos que essas histórias foram construídas. Portanto, funcionam como instrumentos eficazes que permitem ir além da mera anunciação dos acontecimentos, mas ao narrar sua experiência, é possível compreender tanto o sujeito individualmente, quanto o contexto ao qual ele está inserido.

É importante ressaltar, conforme aponta Bertaux (2010) que a narrativa de vida não se trata meramente de um testemunho, mas um relato orientado pelo pesquisador que o registra objetivando produzir conhecimento, isto é, são recolhidas com intenção analítica. Nesse sentido, Minayo (2014) escreve que as entrevistas abertas contêm informações que tratam de reflexões da realidade vivenciada pelo próprio sujeito, como ideias, crenças, sentimentos, comportamentos, maneira de pensar e opiniões.

Para Yin (2016), as entrevistas qualitativas não seguem um roteiro rígido, os questionamentos são abertos, fazendo com que os participantes usem suas próprias palavras. Nesse sentido, exigirá do pesquisador uma escuta ativa e atenta, ouvindo o significado do que diz o entrevistado. Ao realizar a entrevista qualitativa o pesquisador tenta compreender o mundo do participante, exigindo esforços para dominar os significados das palavras e expressões, requerendo uma energia mental constante.

Yin sugere algumas dicas para a condução das entrevistas qualitativas, dentre elas: *falar moderadamente*, permitindo que o sujeito entrevistado fale, ou seja, conduzir os

questionamentos de modo que leve o participante a diálogos mais prolongados, pois o importante é a história do sujeito participante. *Evitar ser diretivo*, pois o objetivo central da entrevista é fazer com que o participante evidencie, por meio de sua narrativa, as suas prioridades. *Manter-se neutro* cuidando para que a condução da entrevista não demonstre as preferências ou inclinações do pesquisador. Ter em mãos um *protocolo de entrevista*, isto é, um guia com os temas a serem abordados, porém jamais deve ser confundido com um questionário, mas um suporte para o pesquisador durante a condução da entrevista, de modo que o apoie quanto aos temas de interesse da pesquisa. Outro fator importante é a *análise* que deve ocorrer constantemente durante a entrevista, pois esse tipo de entrevista requer do entrevistador uma busca incessante por mais detalhes, porém sem desconsiderar a sensibilidade e a boa interação com o participante para não o deixar perdido ou desconfortável.

Por esse mesmo caminho, Bauer e Gaskell (2000) apresenta alguns passos relevantes para a condução da entrevista qualitativa, porém aponta que estes passos não ocorrem de maneira linear e sequencial podendo ocorrer alterações no decorrer da pesquisa tanto no tópico guia, quanto na seleção dos entrevistados, isto é, a análise será parte contínua durante todo o processo. Assim, para a realização da entrevista qualitativa deve ser elaborado o tópico guia, bem como selecionar o método da pesquisa, isto é, individual, grupal ou uma combinação de ambas. Logo após, acontecerá a seleção dos entrevistados e como os participantes serão contatados. Por fim, conforme este autor ocorrerá a realização das entrevistas que deverão ser transcritas e analisadas conforme a finalidade e objetivos da pesquisa.

Carretero (2012) aponta que existe uma relação dialética entre as formas sociais e históricas influenciando a formação das subjetividades e os sujeitos influenciando as construções sócio-históricas. Nessa perspectiva, Freud (1921/2020) postulou que na vida psíquica do sujeito, o outro é geralmente, considerado como modelo, adversário, objeto e auxiliar, por isso a psicologia é individual, e, simultaneamente, social. Assim, as relações que interferem na constituição psíquica dos sujeitos são também relações sociais. Portanto, quando os participantes narram sua história, narram também as marcas introjetadas do contexto sociocultural.

Pesquisar a partir desta concepção, permite a compreensão de uma realidade complexa e construída socialmente pelos sujeitos e ao mesmo tempo influenciando a formação subjetiva. Assim, esse tipo de pesquisa contempla os processos de individuação e socialização que fazem parte do desenvolvimento do sujeito que conta sua história. Desta forma, como aponta Carretero (2012) as entrevistas narrativas possibilitam a análise de fatores psíquicos, familiares, sociais e coletivos que interferem nas construções subjetivas. Portanto, por meio das

narrativas de vida do sujeito é possível identificar como estes sujeitos se inserem no contexto familiar e sociocultural, ou seja, permitindo analisar por meio de suas narrativas de vida tanto a constituição psíquica do sujeito narrador, como também o contexto sociocultural ao qual o sujeito adolescente faz parte.

Neste momento, pode-se recorrer ao texto *Lembrar, repetir e perlaborar* de Freud (1914/2021) para fazer uma analogia entre o analista e o pesquisador. Na análise, sob os anúncios de um processo transferencial positivo o paciente conseguirá um aprofundamento na lembrança onde os sintomas da doença se calam, porém se essa transferência se tornar hostil o analisando repetirá ao invés de lembrar. Ele repete sob as condições da resistência, desta maneira quanto maior a resistência, mais frequentemente o lembrar será substituído pelo atuar. De forma análoga, na narrativa de vida, o pesquisador conduzirá o sujeito adolescente a narrar os acontecimentos da sua história, e sob o processo de transferência o conduzirá a rememorar, abrindo espaço para perlaborar e superar as resistências. Ainda neste sentido, remete-se ao texto *Construções na análise* de Freud (1937/2021) onde postulou que o analisando deverá ser levado a recordar de algo que vivenciou e recalcou. Aqui, portanto, caberá ao analista o trabalho de reconstrução do esquecido. Para este trabalho de reconstrução, Freud compara o trabalho do analista com o do arqueólogo, que escava uma moradia do passado destruída, soterrada, para sua reconstrução. Porém, para Freud as condições que o analista trabalha são melhores, pois se ocupa com algo vivo. Mas assim como o arqueólogo constrói paredes a partir dos resquícios existentes, o analista tira suas conclusões a partir de fragmentos de lembranças, associações e declarações ativas do analisando. Assim, ambos se colocam na reconstrução por meio da complementação e junção dos restos conservados. Do mesmo modo são as narrativas de vida, que por meio dos fragmentos rememorados pelo sujeito narrador, de suas experiências vivenciadas, antes soterradas, mas agora escavadas, poderão utilizar-se delas para a reconstrução dos restos conservados de sua história de vida, atribuindo novos sentidos, possibilitando sua reconstrução.

Ainda sobre as narrativas de vida, Carreiro (2012) aponta que se pode apreender o sentido que o sujeito narrador atribui a suas ações, pois segundo este autor toda narrativa implícita ou explicitamente, fará referências a diversos pertencimentos sociais, desta forma por meio da narrativa de vida dos sujeitos é possível apreender também uma sociedade. Deste modo, a partir dos estudos dos autores aqui mencionados, entende-se que a narrativa de vida é o método de composição de dados que melhor atende ao objetivo desta pesquisa que busca compreender o sofrimento psíquico do adolescente que tenta suicídio. Outrossim, como sua constituição psíquica acontece na relação com o outro, as narrativas possibilitarão ouvir por

meio do discurso narrado pelas adolescentes entrevistadas sua história de vida, porém simultaneamente escutar as marcas introjetadas do contexto sociocultural. E ainda, por meio da elaboração da narrativa das participantes elas poderão utilizarem-se, conforme proposto por Freud, de seus resquícius para reconstruírem sua história, ligando-a com a vida, e não com a morte.

3.2 Percorso Metodológico

3.2.1 Definição do problema e objetivos.

No que se refere a presente pesquisa, parte-se da hipótese de que a ideação suicida na adolescência mobiliza aspectos psíquicos inconscientes inerentes à constituição psíquica do sujeito. Estes, podem ser compreendidos a partir do desamparo originário, objetivando evitar a angústia. Outrossim, o contexto sociocultural pode funcionar como desencadeador da revivescência atualizada do desamparo originário na adolescência. No entanto, é certo que o desamparo acompanhará o sujeito ao longo da vida e repetirá todas as vezes em que houver a perda de um objeto. Desta forma, o desamparo pode ser compreendido como uma reminiscência da perda do objeto amado – a mãe, (Freud, 1926/2014), ou quem exerça esta função. Nesse contexto de vulnerabilidade, a presente pesquisa pretende dialogar com a revivescência do desamparo originário na adolescência, desencadeados pelo contexto sociocultural na atualidade e que reverbera em sofrimento psíquico com pensamento de morte. Para tanto será observada a tríade desamparo, sofrimento psíquico na adolescência e ideação suicida.

Tendo em vista que a constituição psíquica do sujeito e a forma como a vida os é imposta, entre dores e sofrimentos, entre fragilidades relacionadas ao corpo, a natureza ou as relações sociais (Freud, 1930/2020), esta pesquisa propõe indagar: Como o contexto sociocultural pode desencadear no sujeito adolescente a revivescência atualizada do desamparo originário? Para tanto, recorre-se às articulações de Freud acerca do desamparo (1914/1996, 1917/2021, 1920/1996, 1926/2014, 1927/2020, 1930/2020), das contribuições de autores contemporâneos que trabalham com as questões aqui postas, como Lacan, Kehl, Birman, Cassorla, Dunker a fim de que tragam elucidações para a problemática levantada, bem como o alcance do objetivo geral que se propõe pesquisar: Apreender o sofrimento psíquico do sujeito adolescente que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo, revivido e intensificado pelo contexto sociocultural na atualidade. E ainda propõe-se investigar os seguintes objetivos específicos: investigar a constituição psíquica do sujeito a partir da condição originária do desamparo; compreender o processo do adolescer pelo viés psicanalítico; analisar as taxas de suicídio na adolescência; refletir sobre a tentativa de suicídio na adolescência, a

partir do conceito freudiano do desamparo; e, refletir sobre a tentativa de suicídio na adolescência, a partir do conceito freudiano do desamparo originário.

3.2.2 Participantes.

Participaram da pesquisa três adolescentes voluntárias com histórico de tentativa de suicídio que estão em acompanhamento no CAPSi e foram previamente autorizadas por seus responsáveis. Como critérios de inclusão/exclusão do presente estudo, utiliza-se: Ter entre 13 e 18 anos; estar em atendimento por psicólogo no CAPSi; não ter indicação para internação, no período das entrevistas ou estar em tratamento intensivo domiciliar; os responsáveis assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e as adolescentes assinarem o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). A princípio, o interesse era em adolescentes com pensamento suicida, independente do gênero sexual, porém por meio dos prontuários que foram repassados, ambas eram meninas e prontamente aceitaram participar da pesquisa.

Além das entrevistas narrativas com as adolescentes, realizou-se também entrevistas com os responsáveis das participantes, totalizando 6 participantes na pesquisa, sendo as três adolescentes com faixa etária entre 14 e 15 anos e as três mães com faixa etária entre 45 e 48 anos.

3.2.3 Local e composição dos dados.

Conforme publicação da Biblioteca Virtual em Saúde, a criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) surgiu a partir do movimento social da Reforma Psiquiátrica. O projeto foi apresentado em 1989 e sancionado 12 anos mais tarde como a Lei nº 10.216/2001. A Reforma visava o fechamento gradativo dos manicômios e hospícios, tendo como diretriz principal a internação do paciente apenas se o tratamento fora do ambiente hospitalar se mostrasse ineficaz. A partir desta Reforma, em substituição aos hospitais psiquiátricos, o Ministério da Saúde determinou, em 2002, a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Os CAPS são espaços para o acolhimento de pacientes com transtornos mentais, em tratamento não-hospitalar, tendo como função prestar assistência psicológica e médica, visando a reintegração dos doentes à sociedade.

Conforme o manual *Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial* (2004), são atendidas nos CAPS pessoas com intenso sofrimento psíquico, que lhes impossibilita de viver e realizar seus projetos de vida. São, preferencialmente, pessoas com transtornos mentais severos, ou seja, pessoas com graves sofrimentos psíquicos. O CAPS se

divide em três modalidades, conforme seu público-alvo: CAPS adulto para atenção à saúde mental para maiores de 18 anos; CAPSi para o atendimento de crianças e adolescentes com transtornos mentais; e o CAPSad para o atendimento à população com transtornos decorrentes do uso de álcool e drogas. Esse tipo de CAPS possui leitos para repouso com a finalidade exclusiva de desintoxicação.

Quanto aos dados da pesquisa, foram coletados no CAPSi Crescer de Anápolis, visto que as entrevistas foram realizadas com adolescentes entre 14 e 15 anos. Dentre as atividades desenvolvidas pelo CAPSi, destacam-se: atendimento individual, em grupo, oficinas, visitas domiciliares, atendimento à família e reabilitação psicossocial. As entrevistas narrativas aconteceram em sala para atendimento individual do CAPSi, visando garantir o sigilo das participantes. Todos os protocolos de biossegurança contra a COVID-19 foram garantidos como o distanciamento, uso de máscaras, e o uso de álcool 70%. A sala continha mesa, cadeiras, cortina e todo o material de papeleria utilizado, bem como canetas, gravador, álcool, máscaras foram organizados e custeados pelas pesquisadoras.

3.2.4 Instrumentos – composição de dados com as narrativas de vida.

O instrumento utilizado para a composição de dados com as adolescentes participantes desta pesquisa e com seus responsáveis, no caso, as mães, foram as entrevistas narrativas, conforme postulado por Bertaux (2010) e Bauer e Jovchelovitch (2008). Sobre as entrevistas narrativas, Bauer e Jovchelovitch apontam que além de ser uma forma das pessoas de comunicarem, funciona também como uma maneira das pessoas se lembrarem do que aconteceu e colocá-las em uma sequência de fatos. Ao contá-las buscam possíveis explicações para tais experiências e assim por meio de uma cadeia de acontecimentos constroem a vida individual e social. Por meio do contar histórias e se implicarem com elas, os sujeitos podem se sentirem aliviados, ou ao menos se implicarem com os acontecimentos e sentimento da vida cotidiana.

Neste sentido, Freud (1937/2021) postulou sobre a magia que as palavras possuem, quando afirmou que elas podem afastar doenças. Desta forma, o analista como também o pesquisador, ambos, podem provocar transformações psíquicas a quem lhe dirige a palavra. De igual modo, tanto o analisando quanto o participante ao elaborarem seu discurso podem se implicar com ele. Transformando o recalcado em palavras, fazendo com que o sujeito adentre em suas experiências soterradas, atribuindo sentido a elas por meio do processo de reconstrução e elaboração.

Para Bertaux (2010) o sucesso das entrevistas narrativas acontecerá, caso os

pesquisadores estejam bem-preparados. Para tanto, o autor recomenda um estudo prévio com registros e anotações importantes, bem como todas as suas observações e reflexões. Um roteiro de entrevista deve ser elaborado para apoiar o pesquisador quanto a temática a ser abordada. No entanto, deverá ser consultado apenas ao final da entrevista, pois conforme proposto por Bertaux a entrevista narrativa poderá ser composta de duas partes: a primeira, e mais importante, é quando se encoraja o participante a contar sobre sua vida, estimulando-o a se apropriar da entrevista, demonstrando profundo interesse por tudo que o participante diz. Apenas no segundo momento, se ainda houver tempo, o roteiro deve ser consultado pelo pesquisador onde fará uma análise crítica de tudo que já foi dito, da temática em estudo e avaliar possíveis perguntas que permitirão acessar os conteúdos particulares ao tema da pesquisa. Nessa mesma direção, Bauer e Jovchelovitch (2008) afirmam que a entrevista narrativa é uma entrevista aberta, não estruturada e que substitui o esquema de pergunta e resposta pela narração espontânea.

Desta maneira, pensando na diversidade de possibilidades que abarca a pesquisa qualitativa, o método que melhor corresponde ao objetivo da pesquisa é a entrevista narrativa. Utilizando-se do recurso simbólico, o entrevistado contará de forma espontânea sua história de vida. Para planejamento e acompanhamento das Entrevistas Narrativas seguiu-se as orientações conforme proposto por Bauer e Jovchelovitch (2008), conduzindo-se as entrevistas observando as seguintes fases:

Preparação: este momento se caracteriza pela exploração do campo onde a pesquisa será realizada, objetivando criar familiaridade com o local. Portanto, foi agendada com a Coordenadora do CAPSi uma primeira visita para que fosse apresentado a ela o projeto de pesquisa, bem como o Parecer Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A primeira visita, por intercorrência ocorrida com a coordenadora, não aconteceu, o que ocasionou um novo agendamento. Logo a seguir, nova data foi agendada e na oportunidade foi apresentado a Coordenadora o projeto de pesquisa, o parecer aprovado pelo CEP, assim como os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa. Neste momento, foi apresentado pela coordenadora a proposta de atendimento do CAPSi, as oficinas que estavam acontecendo, inclusive em preparação para o Setembro Amarelo, a proposta terapêutica do CAPSi, os profissionais que trabalham na instituição, o ambiente, prédio e salas. Nessa oportunidade, foi definido o dia de sextas-feiras, no período vespertino, para a condução das entrevistas. Pois, neste dia, acontecia oficinas com grupos de adolescentes que atendia aos critérios de inclusão da pesquisa, logo, algumas mães já estariam no CAPSi aguardando por seus filhos, e havia também sala para o atendimento individual, disponível. Nesta mesma data, ainda foi convidada

para participar uma das psicólogas que conduzia terapia em grupo para conhecimento do projeto de pesquisa e assim pudesse auxiliar com indicações de adolescentes que atendessem ao critério de inclusão e exclusão da pesquisa. Após algumas sugestões, por meio dos prontuários de atendimento composição-se os dados dos responsáveis, bem como contato para que posteriormente o convite para participação da pesquisa fosse feito. Após este primeiro contato, foram elaboradas as formulações das questões, o tópico guia de interesse das pesquisadoras, para ser utilizado como suporte durante a condução da entrevista.

Fase 1: Iniciação. Foi apresentado ao entrevistado o objetivo da pesquisa. Após as mães e as adolescentes aceitarem participar da pesquisa foi realizado o rapport e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o seu responsável e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para a adolescente, para que ambas, mãe e filha, assinassem. Logo a seguir foram informadas da necessidade da gravação da entrevista para transcrição e análise posterior das informações, bem como o procedimento da maneira que aconteceria a entrevista narrativa. Após este momento, agendou-se o dia e horário, para a mãe. E outro momento para a adolescente, ambas, mãe e adolescente, participaram individualmente, onde o tópico central que iniciava a entrevista com a mãe, foi: “Fale-me sobre a história de vida de sua filha”. Com a adolescente, de modo semelhante, no dia previamente agendado, iniciou-se a entrevista com: “Fale-me sobre a sua história de vida”.

Fase 2: Narração central. Nesta fase, após o início da narração, deixou-se a participante contar sua história sem interrupções, sinalizando apenas apoio não verbal como “hummm”, “sei” ou “fale-me mais sobre isso”, demonstrando interesse e restringindo à escuta ativa do sujeito. Após perceber-se que a entrevistada terminara sua narração, eram pontuadas as seguintes expressões: “isso é tudo que tem a dizer?” “Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?”. Nesse instante passava-se à próxima fase.

Fase 3: Questionamento. Neste momento, após a entrevistada ter concluído sua narração, foram feitos os questionamentos, observando o tópico guia construído anteriormente, onde utilizou-se questionamentos de interesse da pesquisa.

Fase 4: Fala conclusiva. Após o término da narrativa, encerrava-se a gravação. Mesmo após a gravação encerrada, a pesquisadora permanecia atenta ao surgimento de questões pertinentes à temática da pesquisa.

É importante acrescentar que neste momento, como aponta Bertaux (2010), antes do encerramento da entrevista, é bastante recomendável voltar à lembrança de momentos positivos da vida do sujeito ou algo que o sujeito considera seu maior êxito, seu momento mais feliz. Enfim, aguardava-se o retorno do momento mais propício para o encerramento propriamente

dito da entrevista, uma vez que, talvez tenha-se acessado lembranças bem dolorosas para o sujeito, visto que este momento também fará parte de sua história, sendo recomendável que se torne uma recordação a mais positiva possível.

3.2.5 Procedimentos.

As participantes foram selecionadas a partir dos prontuários de atendimento do Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Anápolis (CAPSi), em que contassem como queixa principal, pensamento suicida. Nesta seleção, contou-se com o auxílio da coordenadora do CAPSi e de uma psicóloga que atende adolescentes com tal queixa. Atendidos os outros critérios de inclusão, o primeiro contato foi realizado via telefone com os cuidadores para que fosse feito o convite aos adolescentes para participarem da pesquisa. Caso demonstrassem interesse, seria agendada a primeira entrevista. Para a realização das entrevistas, utilizou-se a sala para atendimento individual no CAPSi. O primeiro encontro foi agendado com a cuidadora e a adolescente para que lhes fossem apresentados a proposta da pesquisa contidas no TCLE e TALE. Para tanto, antes da primeira entrevista narrativa com as participantes, elas foram informadas sobre os objetivos do estudo, a gravação das entrevistas e o sigilo das informações coletadas. Após todas as orientações contidas no TCLE e TALE serem repassadas, caso a adolescente aceitasse participar da pesquisa e sua cuidadora concordasse, seria lido também o TALE, integralmente, seguido das assinaturas das participantes. Foram convidadas três participantes, ambas, cuidadoras e participantes, aceitaram participar da pesquisa. As participantes que aceitaram são adolescentes, do sexo feminino, entre 14 e 15 anos. As cuidadoras que autorizaram e participaram, são as mães das adolescentes, com faixa etária entre 45 e 48 anos. Cada entrevista durou entre 40 e 75 minutos.

O segundo encontro aconteceu apenas com a mãe da adolescente, que já conhecia a proposta da pesquisa. Desta forma foi convidada a narrar a história de vida da filha, afinal interessava também compreender as relações afetivas, as quais fizeram parte da vida da participante, pois conforme anunciou Freud (1930/2020) a história constitutiva do sujeito se faz a partir do outro. Por fim, aconteceu o terceiro encontro, apenas com a adolescente, que consistiu na realização da entrevista narrativa, onde foi solicitado a adolescente que contasse sobre sua história de vida.

3.2.6 Cuidados éticos.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética para apreciação e foi aprovada sob o parecer número 5.512.097. Além das formalidades necessárias para a condução da pesquisa,

foram adotados todos os cuidados éticos com os sujeitos participantes nesta pesquisa. Assim, tendo em vista que as adolescentes estavam em atendimento com a equipe do CAPSi e contar sua história poderia desencadear sofrimento, a pesquisadora ficou atenta a qualquer demonstração de desconforto ou desestabilização emocional, ou qualquer outro fator que pudesse colocar em risco a saúde física ou emocional durante a entrevista. Tanto as cuidadoras, quanto as adolescentes foram informadas que poderiam interromper a entrevista a qualquer momento, caso sentissem necessidade. Foram informadas ainda, se fosse o caso, seriam encaminhadas de imediato para atendimento com a psicóloga do CAPSi ou com a própria pesquisadora conforme disposto no art. 8, parágrafo 2, do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005). O risco da participação na pesquisa foi considerado mínimo e todas as entrevistadas participaram de todo o processo da pesquisa. No entanto, uma das adolescentes após confirmar conjuntamente com sua mãe, que autorizou a participação da filha, foi necessário adiar sua entrevista, visto que no dia do contato com a mãe para agendamento da entrevista com a adolescente, ela encontrava-se internada para contenção da crise. Contudo, mesmo diante de tal intercorrência se propôs a participar da pesquisa, que após aguardar um período para seu restabelecimento, ambas tiveram sua entrevista agendada e encorajadas pela pesquisadora, contou sua história de vida. Portanto, mesmo diante desta intercorrência, nenhuma das entrevistadas sentiram desconforto emocional durante a participação, logo nenhuma participante precisou ser encaminhada para atendimento psicológico imediato.

3.2.7 Análise e interpretação dos dados.

Para Yin (2016), o estudo de caso divide-se em cinco fases: a análise inicia-se com a compilação dos dados, ou seja, a organização da base de dados dos arquivos, auxiliando o pesquisador ao acesso destas informações. A segunda fase exigirá o procedimento de decomposição, onde o pesquisador fará a organização dos dados em temas, organizações e sequências, categorizando-as em listas, fichas, folhas separadas, revisando-as inúmeras vezes. Na terceira fase, acontecerá o processo de recomposição, onde o pesquisador testará as combinações e recombinações dos dados, organizando-os e reorganizando-os em listas ou outras formas tabulares de que o pesquisador dispõe para analisar os dados. Na quarta fase acontecerá a interpretação dos dados propriamente dito. Durante todo o processo, no decorrer de cada uma das fases anteriores, a análise dos dados já acontece, porém, a partir da recomposição o pesquisador fará a interpretação e nesta fase poderá ocorrer a necessidade de

uma nova recomposição. Por fim, acontecerá a conclusão, que exigirá o fechamento do estudo e deverá levar em consideração todas as demais fases.

Nesta mesma direção, Bertaux (2010) sobre a análise da entrevista narrativa, escreve que ela não ocorre apenas em um dado momento ou fase específica, mas paralelamente à composição de dados, a elaboração do roteiro da entrevista, na escolha dos participantes, isto é, a análise de uma narrativa de vida se caracteriza por um momento no contexto de uma totalidade. Uma narrativa de vida não é um discurso qualquer, mas um discurso que conta uma história real, proporcionado pela relação dialógica improvisada com o pesquisador que orientou o participante acerca de seu objeto de estudo, portanto o relato de suas experiências deverá abarcar o objeto de estudo da pesquisa. À vista disso, a análise torna-se mais precisa, porém sem a pretensão de extrair todas as significações que ela possui, mas somente aquelas pertinentes ao objeto da pesquisa. Nesse sentido, Creswell (2010) escreve que a análise dos dados consiste em extrair sentido para os dados, isso se dá por meio de uma interpretação e reflexão contínua dos dados coletados. Sendo também valorizado a re-historização da história dos entrevistados, criando oportunidade de acessar conteúdos por meio de lembranças e memórias contadas no presente.

Yin (2016), Creswell (2010) e Bertaux (2010) apresentam contribuições pertinentes que serão observadas no decorrer da análise dos dados da pesquisa, no entanto foram seguidos os passos propostos por Schütze (1977; 1983), conforme citado por Bauer e Jovchelovitch (2008), sendo o primeiro passo a transcrição detalhada das entrevistas. Na presente pesquisa, as entrevistas foram realizadas com as adolescentes e as respectivas mães. Após as entrevistas, tanto das mães, quanto das adolescentes participantes, iniciou-se o processo minucioso de transcrição. O segundo passo é a divisão do material transcrito em indexado e não indexado. Portanto, nesta fase realizou-se a separação entre o material indexado, aqueles que fizeram referência aos fatos e acontecimentos, daqueles que se relacionaram a juízos, valores e percepções, indo além dos acontecimentos em si, ou seja, os não indexados. No terceiro passo, a partir do material indexado, procedeu-se o ordenamento dos acontecimentos de cada entrevista realizada. No quarto passo, as proposições não indexadas foram analisadas e observadas as proposições que indicam valores ou juízos construídos pelo informante.

Finalmente, no quinto passo realizou-se o agrupamento e a comparação das trajetórias individuais de cada participante. Esta análise, leva ao último passo onde as trajetórias individuais, são analisadas dentro de um contexto, onde são estabelecidas as semelhanças e a partir deste processo, torna-se possível estabelecer a identificação de trajetórias coletivas.

Conforme aponta Bertaux (2010), um dos desafios da análise das entrevistas narrativas, consiste em identificar aquelas que endereçam a um mecanismo social que marcou a experiência de vida do sujeito. Desta forma, busca-se, por meio das entrevistas narrativas, compreender o sofrimento psíquico do sujeito adolescente que apresenta ideação suicida. Para isso, foram enfocados os aspectos relacionados à constituição psíquica do sujeito, a partir dos conceitos freudianos do desamparo e da pulsão de morte, bem como o contexto sociocultural na atualidade, como parte constitutiva da subjetividade do sujeito adolescente. Ademais, a psicanálise forneceu o aporte teórico para interpretação dos elementos fornecidos pelas participantes, por meio de suas narrativas de vida, e para garantir o sigilo das identidades das participantes foram adotados nomes fictícios.

Nesse sentido, os próximos itens referem-se às narrativas das adolescentes. De início, descreve-se as histórias de vida das participantes e posteriormente, procedendo no momento seguinte às análises dessas narrativas. Participaram deste estudo, concedendo o relato de suas experiências, as adolescentes Luna de 14 anos, Liv de 15 anos e Kris de 15 anos¹.

3.3 Descrição das Participantes Narradoras

3.3.1 Participante Luna.

Luna, 14 anos, reside com a mãe e o padrasto em uma cidade do interior de Goiás. É a terceira filha, de cinco irmãos. Durante a gestação de Luna, sua mãe vivenciou um período bem complicado apresentando muitas crises nervosas sendo necessário ir ao hospital para uso de medicação para controle destas crises. As crises eram desencadeadas, na maioria das vezes, pelo conflito com o pai de Luna que a agredia fisicamente. A mãe de Luna tem seis filhos, de cinco relacionamentos diferentes. Dois dos irmãos residem em outro estado, são casados, são os irmãos mais velhos de Luna e sempre moraram com os avós. Com ela atualmente moram sua mãe, o padrasto e três irmãos. Luna foi diagnosticada com Transtorno Bipolar, e dos seus cinco irmãos, outros 3 também apresentam diagnóstico de transtorno bipolar ou de ansiedade. Atualmente, a mãe também é usuária do CAPS adulto, também faz tratamento para transtorno bipolar. Conforme relato, a mãe de Luna foi resistente ao tratamento por muito tempo e neste período ocorreram inúmeras interrupções do tratamento, pois assim que percebia melhoria dos sintomas abandonava o tratamento. Foi apenas com o nascimento do filho caçula que decidiu permanecer com as terapias, pois conforme relatado pela mãe de Luna, ela não gostaria que seu filho ainda criança a visse da forma que ficava quando estava mal. Neste período, entre

¹ Luna, Liv e Kris são nomes fictícios.

interrupções e reinício da condução terapêutica, Luna relata ter sofrido bastante com os comportamentos agressivos da mãe que a agredia fisicamente e psicologicamente.

Luna relata ter apresentado sofrimento psíquico desde muito cedo, sentindo-se como se não fosse especial, que estava longe de todo mundo, que não era nada, como se não existisse, uma sensação de vazio, como se não fizesse parte deste mundo, se sentia deslocada. E quando tentava dizer algo à mãe, ela respondia que tais comportamentos eram típicos da adolescência. Luna relata que tudo isso piorou quando começou com os castigos físicos, se cortando. Luna diz ter sofrido *bullying* na escola, ter sido vítima de racismo, pois era negra em uma sala, predominantemente, de crianças brancas. Filha de pais separados, diz que não teve uma boa relação com a mãe, sofria violência física e psíquica. Na infância quando visitava o pai acontecia abuso sexual, embora não se recorde muito, porque ainda era criança, o que se recorda é porque contaram a ela, porém recorda com clareza de situações de abuso sexual que vivenciou na escola.

Houve um período que as crises que vivenciava eram frequentes e pensava em suicídio com regularidade. A cada corte torcia para que ocasionasse a sua morte. Diante de tudo isso tinha grande dificuldade em fazer amizades, usa a metáfora para se descrever comparando-a a um camaleão, pois se adequava ao outro. Outro fato que causou bastante sofrimento em Luna, foi quanto a sexualidade, relata ainda não conseguir falar a palavra lésbica em casa. Quanto a relação com a mãe diz que se alguém perguntasse a ela se ela gosta da mãe diria que sim, mas acredita que se morasse longe dela seria melhor. Após vivenciar inúmeras crises, automutilação, irritabilidade, dificuldade nas interações sociais, de fazer amizades na escola, a equipe pedagógica entra em contato com a mãe de Luna e repassa todo o acontecido e a encaminha para o CAPSi, onde ainda permanece em acompanhamento com o médico psiquiatra e terapia em grupo.

3.3.2 Participante Liv.

Liv, 15 anos, mora com seus pais em uma cidade do interior de Goiás. Nasceu de um parto cesariana, como relatou-nos a mãe. Segundo a mãe de Liv vivenciou um parto muito difícil, onde o bebê pesara 5 quilos. A mãe de Liv contou-nos também que a gestação da filha foi bem complicada, pois na época seu esposo, o pai de Liv era caminhoneiro e ficava pouco tempo em casa. Em virtude disso, vivenciaram vários conflitos oriundos de uma relação extraconjugal que descobrira na época. Em meio a estas dificuldades, a filha mais velha do casal, irmã de Liv, apresentou episódios depressivos com tentativa de suicídio.

Atualmente Liv mora com os pais e a irmã do meio. Sua irmã mais velha é casada, tem um filho e reside em outro endereço, mas na mesma cidade. Liv relata nunca ter gostado muito de socialização, mas em relação a escola sempre quis frequentar, quando via as irmãs mais velhas saindo para a escola, chorava. E por isso, a mãe a colocou na escola bem cedo, ainda no maternal. Porém, depois de um tempo, a escola foi passando a não ser tão boa quanto imaginava, e a situação piorou quando foi necessário mudar de escola. Sempre foi alta, e por causa de sua aparência física, mais alta que seus colegas, sofreu muito *bullying*. E conforme os anos foram passando, o *bullying* permanecia e cada vez mais intenso. Em casa, as brigas entre os pais eram frequentes. O pai era caminhoneiro e segundo Liv nunca foi o melhor marido, era uma relação muito “bagunçada” e bagunçava sua mente também. Os anos foram passando e cada vez se sentia mais deprimida. Relata que para agravar os sintomas, perdeu seu animalzinho de estimação, um cachorrinho, segundo Liv seu “único amigo”. A partir daquele momento se sentiu sozinha, sem “ninguém”, o que a levou aos pensamentos de não ter mais motivo para viver.

Liv relata sentir-se sozinha, triste e um vazio que a acompanha o tempo todo. Com a finalidade de amenizar o sofrimento começou a se cortar e em um destes comportamentos autolesivos foi necessário fazer sutura de 15 pontos. Assim como as demais escarificações tentou esconder, mas a mãe percebeu e a levou ao pronto socorro. Além das escarificações, Liv já tentou suicídio outras vezes, e momentaneamente se arrepende e percebe que causa sofrimento em seus familiares. Ao vê-los sofrendo, sente-se que pode ser importante para eles. Porém, pouco tempo depois, inicia-se tudo novamente, sentindo-se um peso para seus familiares, acreditando que o morrer seria a saída e mais fácil para todos.

Diante deste vazio vivenciado constantemente, chegou a pedir ajuda, mas por um período, breve, a mãe acreditou que seria passageiro. Porém, houve a primeira tentativa de suicídio. A partir deste momento a mãe percebeu ser algo mais grave e procurou por atendimento psicológico. Fez terapia individual, particular, mas não conseguia, continuava planejando suicidar-se. Ficou um ano em terapia individual. Após isso, a mãe procurou pelo CAPSi, e iniciou tratamento com o médico psiquiatra e terapia em grupo. Relata ser no CAPSi que se sentiu acolhida, e foi com a terapia em grupo que percebeu que outras pessoas passam por situações semelhantes. Continua até a atualidade em acompanhamento, e continua enfrentando os pensamentos de morte, mas em alguns momentos de sua vida, foi lá que encontrou motivo para sobreviver, conforme conta Liv.

3.3.3 Participante Kris

Kris, 15 anos, reside com a mãe e o irmão mais novo em uma cidade do interior de Goiás. É a irmã mais velha do casal, mas tem dois irmãos mais velhos de uma relação do pai com outro relacionamento. Após um namoro de 7 anos, a mãe de Kris decide se casar. Logo em seguida engravidou e quando realizou a ultrassom, gestante de dois meses, a mãe de Kris descobriu ser uma gestação de gêmeos. A mãe de Kris relatou que ficou muito contente e que ambos os bebês foram esperados por ela e seus familiares com muita alegria. Porém, uma semana antes do parto, ao fazer uma ultrassonografia, o médico ao perceber algo diferente orientou a mãe que fariam o parto naquele momento. Ao nascerem, um dos bebês, um menino já estava sem vida, ficando apenas a menina. A partir daí, passa a dedicar apenas a menina, até a gravidez de seu filho mais novo, 3 anos mais novo que Kris.

Como relata a mãe, o menino desde muito cedo era muito agitado e nervoso, o que fez com que ela procurasse por atendimento muito cedo, pois a mãe temia que ele crescesse agressivo como o pai. Já Kris, era uma menina muito calma, amável, carinhosa, meiga, e não repetia os comportamentos do pai. Porém, por volta dos 13 anos, a tia de Kris viu nos materiais escolares dela um desenho que chamou sua atenção. Pois, a imagem tinha uma faca no coração e uma arma na cabeça. Foi a partir desta imagem que a tia informou sua mãe e segundo a mãe por meio daquele desenho reconheceu o pedido de ajuda da filha, percebendo que este pedido acontecia de forma silenciosa. Neste momento, a mãe procura pela escola, porém a escola também ainda não havia percebido nenhuma alteração no comportamento de sua filha, mas ao mostrar o desenho da filha a equipe pedagógica da escola, ambas reconheceram a necessidade de procurar por atendimento no CAPSi. A mãe vai até o CAPSi com a filha e já são acolhidas, sendo agendado o primeiro atendimento com a médica psiquiatra e posteriormente com a psicóloga da instituição. Kris continua em acompanhamento até os dias atuais, desde 2019. Kris disse que já tentou suicídio inúmeras vezes, mas foi no início de 2022 que em uma das tentativas, ingeriu uma cartela inteira de medicamentos que faz uso, sendo necessário levá-la para uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Passou a noite na UPA e no dia seguinte foi liberada ainda com bastante sonolência, mas já apresentava significativa melhora. Em meados do mesmo ano, ela saiu argumentando ir a um mercado e horas depois a encontraram. Neste dia, mais uma vez pensou em cometer suicídio, se jogando em frente a um carro na BR. Uma tia de Kris, alcoólatra, cometera suicídio desta forma. Após este episódio a mãe conversa com a psiquiatra que recomenda internação. Ao propor para a filha, ela não quis. A mãe acatou a decisão da filha dizendo que cuidaria dela. Uma semana depois, ao consultar com a psiquiatra, Kris reconhece que não daria conta sozinha e decide pela internação. Ficando 7 dias em uma clínica para tratamento psiquiátrico. Após sair do hospital Kris relata que “estava controlada”,

porém logo depois, começou a sentir a mesma angústia, sofrimento, um desespero e segundo ela para amenizar este sofrimento e não tentar suicídio começou a se cortar, foi o jeito que encontrou para aliviar a dor.

Atualmente os pais de Kris são separados, mas relata ter presenciado muita coisa, pois o pai era agressivo e muitas vezes a mãe teve que os protegerem colocando-se na frente dela e do irmão para que não fossem alvejados por objetos que o pai jogava. Muitas vezes ouviu o pai dizer que mataria a mãe, que daria um tiro na cara dela, pegava faca e fazia menção de enfiar em sua mãe. Quando os pais decidem se separar, Kris sente-se culpada, pois estava na casa dos irmãos e seu pai também estava lá com a ex-mulher. Ao ligar para a mãe, diz a ela que seu pai estava com eles na casa da ex-mulher e a mãe decide, desta vez, pela separação definitiva, e diante disso Kris se sentiu muito culpada. Kris relata, ainda, não ter amigos, dificuldade para ir à escola, fazendo parte das atividades em casa, segue com seu tratamento no CAPSi, tanto com a médica psiquiatra, quanto com a terapia em grupo, participando do grupo 3 vezes por semana.

3.4 Tecendo Lembranças e Alinhavando Histórias de Desamparo

A geração das histórias de vida dos sujeitos participantes, durante a fase de composição dos dados, enfrentou alguns obstáculos e precisaram ser reorganizados à medida que foram acontecendo. O primeiro contato com o local da pesquisa, aconteceu após aprovação do Comitê de Ética e anuência da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Anápolis. A seguir, foi agendado com a coordenadora do CAPSi para apresentação do projeto de pesquisa, agendamento do dia da semana e horário para estar no local fazendo o levantamento dos participantes e posterior contato com seus responsáveis. A condução deste momento contou com intercorrência, onde precisou ser remarcado, pois a coordenadora não pode comparecer ao local agendado. Esse reagendamento foi realizado, e na nova data marcada apresentado o projeto de pesquisa, a aprovação do Comitê de Ética e o Termo de Anuência. Ao apresentar os critérios de inclusão e exclusão das participantes e que a pesquisa objetivava o estudo de adolescentes com pensamento suicida, a coordenadora respondeu sem hesitar “*todos os usuários daqui*”. E assim iniciou-se a busca por aqueles que aceitassem participar da pesquisa, com auxílio da coordenadora e de uma psicóloga que acompanhava um dos grupos que atendia o objetivo proposto pela pesquisa e a faixa etária que atendesse ao critério de inclusão. A partir desse momento, iniciou-se o levantamento do contato dos responsáveis.

Esse primeiro contato foi realizado por telefone e apresentado a proposta da pesquisa. Aquelas que aceitaram participar, foi agendada primeira entrevista com a responsável e a adolescente para apresentar a proposta da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) para os responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as participantes adolescentes, após orientadas, caso aceitassem participar da pesquisa o responsável assinaria o TCLE e a adolescente assinaria o TALE. Dentre os sujeitos participantes que foram sugeridas pela equipe que as acompanhava, atendendo ao critério de inclusão e exclusão, ambas eram meninas, desta forma obteve-se o aceite de três adolescentes meninas e seus responsáveis, as mães, que compareceram juntamente com elas no primeiro encontro. A partir desse momento outros dois encontros foram agendados, um com a responsável que relatou a história de vida da filha, e um terceiro momento apenas com a adolescente que contou sobre sua história de vida, respondendo à pergunta disparadora “Fale-me sobre sua história de vida”. O relato foi realizado enfatizando o sofrimento psíquico vivenciado pelos pensamentos suicida, ou ainda pelas tentativas de suicídio já ocorridas, em alguns casos, mais de uma vez. Na data agendada com a terceira participante da pesquisa, a adolescente precisou ser internada para a contenção da crise que estava vivenciando. Diante desta intercorrência aguardou-se um período aproximado de 45 dias e novo contato foi realizado, e nova data foi agendada para que ambas, mãe e filha participassem, pois já haviam confirmado a participação anteriormente e optaram por continuarem participando, mesmo diante desta intercorrência. Todas as participantes foram orientadas que poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa, ainda assim, diante da necessidade de internação, estava decidida, a partilhar a sua narrativa de vida, sendo necessário, apenas, adiar por um período a sua participação.

Finalmente, após a composição de dados, a análise foi realizada a partir do que propõe Schütze (1977; 1983), conforme citado por Bauer e Jovchelovitch (2008). Essas análises serão apresentadas a seguir, conforme embasamento teórico utilizado, bem como os eixos temáticos abordados nesta pesquisa e considerando a narrativa das adolescentes participantes.

3.4.1 A revivescência do desamparo originário na adolescência.

Nas entrevistas narrativas realizadas com as adolescentes, evidenciou-se que, tal como conceituou Freud (1927/2020; 1930/2020), o desamparo faz parte da constituição psíquica do sujeito, marcando-o consecutivamente. Outrossim, o sujeito no decorrer de sua existência experimenta situações que o remeterá à vulnerabilidade e fragilidade originário de forma que tal revivescência poderá desencadear angústia, intensificando o sofrimento psíquico do sujeito, funcionando como uma vivência atualizada de seu desamparo originário. Ademais, o processo civilizatório contribui para tal revivescência uma vez que, conforme postulou Freud (1930/2020), é por meio da cultura que os sujeitos se diferenciam da vida dos animais,

apresentando as finalidades de proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações sociais. É importante ressaltar também, que assim como o Supereu do ser humano individual, a cultura de um determinado período também apresenta o ‘Supereu-da-cultura’ (Freud, 1930/2020, p.400). Da mesma forma que o sujeito coloca severas exigências para si, a cultura impõe rigorosas exigências, e, caso não sejam cumpridas, os sujeitos serão severamente castigados com a ‘angústia da consciência moral’ (Freud, 1930/2020, p.400). Logo, ocorrerá uma oposição entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela cultura, conseqüentemente o processo civilizatório torna-se um mal necessário, uma vez que representa proteção e regulamentação, não obstante, suas restrições são causas de desprazer e sofrimento, o conflito entre pulsão e civilização seria de ordem estrutural, jamais sendo ultrapassado. Por conseguinte, é evidente que os seres humanos não podem viver no isolamento, contudo sentirão a opressão de viver em sociedade. Portanto, pensar o desamparo como algo incurável e irredutível, implica reconhecer que o sujeito deverá fazer uma gestão contínua e infinita do desamparo que assola o sujeito de diversas formas e direções, conforme apontou Freud (1930/2020) quando escreveu sobre as três fontes do sofrimento, a saber: a fragilidade dos corpos, o poder superior da natureza e o relacionamento entre os homens. Todavia, será evidenciado por meio das falas dos sujeitos narradores, o sofrimento oriundo deste último, das relações com o outro, e neste caso, da revivescência do desamparo na relação com o núcleo familiar e as relações sociais de maneira geral, que deixam em evidência o desamparo constitutivo infantil, podendo ser revelado nas seguintes falas:

Luna:

*É uma coisa que... que guardo, tanto da minha família por parte de pai. E... com a minha mãe, porque desde sempre eu não sei o que... eu sentia, que era falta... tinha alguma falta de carinho alguma diferença de tratamento. Minha mãe... a nossa relação sempre foi diferente, sempre tive uma aversão ao toque, não gostava, era mais no canto e por isso é... por eu ser desse jeito eu fui muito julgada por minha família e... tive várias crises por conta disso. Então foi dificultando o relacionamento[...]. Então, fui crescendo, a briga dos meus pais, eles são divorciados, né. Fui crescendo na briga deles, fui crescendo...
[...] se eu falasse para a minha mãe, “tô mal”, ela sempre vinha com uma desculpa diferente para ser outra coisa. É como se ela sempre negasse que eu ‘tava’ realmente mal. E eu falava isso, eu falei isso para as mulheres (professoras da escola)... tudo bem, na hora ela chorou falou que estava tudo bem e tal... “ ah não, tudo bem”, só que depois passou um tempo e ela começou a falar que “aí, você fala como se fosse um monstro para a pessoas né, você conta como se eu fosse um monstro. Você fala as coisas desse jeito, né?”, como que se quando eu falasse dela... eu sempre... é... ela exagera como se eu sempre mostrasse que eu não gostasse dela, mas não era isso, eu só sentia um pouco perdida.*

[...]E é horrível, porque durante esse tempo que eu comecei tratamento era sempre isso, “por que você está fazendo isso?”, “Por que você está fazendo isso?” e eu sempre perg... eu sempre ficava tipo, “Como é que eu vou falar para ela, que é ela?” ou que... sabe, é tudo o que aconteceu. Como é que eu vou falar que eu estou avisando há anos e ela não percebeu? [...]

[...] eu perguntei pra minha mãe: “mãe, você- você é... isso que você acabou de falar, você falaria com o (...)?” ela falou: “Não, você é diferente.” Eu falei: “não, não é porque eu sou mais velha que você tem que ser insensível”. Então, machuca bastante.

Liv:

[...]os meus pais sempre brigaram muito. Meu pai era caminhoneiro e ele não era o melhor marido do mundo, então, eles tiveram um casamento bem bagunçado e acabou bagunçando a minha mente, também, e isso me afetou mais do que qualquer coisa [...].

Minha mãe é uma pessoa de mente muito aberta, só que, quando alguém contraria uma certa opinião dela, ela fica muito irritada, e ela compreende, mas ela tenta fazer que a gente mude de ideia e em relação a isso eu tenho muito conflitos com ela. Mas a minha relação com ela, no geral, eu não diria que é ruim. Com o meu pai, eu não sou tão próxima dele por acontecimentos antigos. Principalmente, pelo fato de ele não ter sido nada presente na minha vida, nada mesmo. Basicamente, na minha infância inteira eu não tive um pai. Então, principalmente, em relação com a relação que eu tenho com a minha mãe, é boa pelo fato de ela ter sido mãe e pai ao mesmo tempo, porque eu não... tinha o meu pai, ela sempre foi casada com ele, mas ao mesmo tempo eu não tinha ele. Então, com ele eu não consigo me aproximar apesar de agora eu perceber que ele está tentando mudar, que ele está tentando ser mais presente, eu não consigo me aproximar porque eu tenho essa mágoa e é muito difícil, para mim, tirar isso de dentro de mim. Então, a minha relação com ele, eu não diria que é uma das melhores. Não é ruim, porque ele também quase não fica em casa por causa do emprego dele, por ele ser caminhoneiro, mas também não é boa, pelo fato da gente quase não ter comunicação.

Kris:

Desde pequena eu tive uma infância meio turbulenta porque meu pai, ele como se diz, era alcoólatra e toda vez que ele chegava em casa, tipo assim, ele chegava e tentava matar minha mãe, corria atrás da minha mãe com faca, esses trem, e eu sempre presenciei desde pequena. [...]no dia da separação do meu pai e da minha mãe, meu pai tava na casa da ex-mulher dele, que ele tem dois filho com ela, e tava tipo assim, pra ele, ele estava na casa do filho dele, só que na verdade era da mãe, não é porque os filhos dele morava com a mãe que tipo assim, eu acho que ele tinha que tá lá. [...] aí nisso, quando a gente tava lá, meu pai, ele almoçou e dormiu, eu liguei pra minha mãe e falei assim “mãe, pode ir pra casa da minha vó, porque meu pai tá aqui dormindo e eu não sei a hora que a gente vai embora”, e nisso é, minha mãe, depois disso minha mãe me buscou lá na casa da ex-mulher dele onde tava, e nisso minha mãe virou pra mim e disse: Ô (...) vou separar do seu pai.” e tipo assim, eu meio que me senti culpada [...].

São filhos do meu pai com outra mulher, eles são mais velho que eu e eu sempre quis a reaproximação de um irmão meu, o outro ele já era próximo de nós, aí o outro não. Eu sempre queria a reaproximação, mas eu sempre tinha medo e isso no final eu consegui a reaproximação e foi uma coisa boa para mim, porque agora eu convivo na deles, direto, tudo. Só que as vezes eu presencio muita briga dele com minha cunhada que eles são casados, que me faz voltar lá no passado, e como se eu tivesse vivendo ao meu passado, a minha infância agora, agora no futuro, no hoje, e isso mexe um pouco comigo, porque como se diz, minha infância foi muito turbulenta de ver meu pai querendo matar minha mãe, meu pai como se diz, bater na minha mãe, querer correr atrás da minha mãe de faca, esses trem ainda mexe comigo[...].

[...] a minha família as vezes ela, tipo assim, me critica entre aspas, sabe? As vezes se eu to boa hoje ok, se amanhã eu tiver mal é frescura minha, é aí eu, vamo supor, eu gosto muito de dançar, sabe? Aí a gente vai pra chácara eu danço com meus primo, “não, a (...) tá cem por cento, ela é exemplar, aquela fase que ela passou já era” aí se na segunda feira eu acordar mal, angustiada, e com sofrimento “Ah, não! A (...) é frescura dela, porque ontem ela tava aí brincando, dançando.” Então eu não posso ter um dia bom e um dia ruim, eu só tenho que ter um dia bom, tem que tá rindo pros quatro cantos e se eu tiver o dia ruim é frescura, é pra chamar atenção, é drama, é isso[...].

[...] minha mãe ela, não sei, sabe!? Eu sempre tive uma relação muito boa, a gente, eu não conseguia escutar ela, sempre discutia, sempre que a gente ia conversar, nunca entrava num acordo, sempre a gente discutia, só que... tipo assim, pra minha mãe eu também tinha que tá rindo pros quatro canto, eu não podia tá num dia ruim e sempre que eu tinha crise, esses trem, ela olhava pra mim e falava assim “você tem que ser forte, cê tem que lutar contra isso” aí eu falava “mãe, eu tô lutando, eu tô sendo forte. Cada dia que eu levanto da minha cama e vou fazer alguma coisa, já é uma grande vitória pra mim”, aí ela virava pra mim e falava assim “(...), isso aí não é mais que a sua obrigação”, aí com o tempo eu fazendo tratamento vim falando isso pros psicólogos, quando ela viu que mesmo que depois do meu ‘surto’, que eu tentei o suicídio, como se diz, ela me acolheu mais, ela viu que meu caso é muito sério, meu caso é sério. Mas ela via, pra ela é sério, pronto, é sério. Mas ela viu que meu caso é muito, muito sério. Aí ela, como se diz, ela me acolheu mais. Quando eu internei um primo meu virou pra minha tia e falou que tipo assim “Nossa! A (...) é foda, ela não tem que fazer isso, ela tá matando, tipo assim, matando todo mundo aos poucos por dentro” sempre a culpa é minha, entendeu? Deu não tá bem, como se diz, eu não tô bem aí eu prejudico toda a minha família, então, pra eles é isso.

Por meio dos relatos das adolescentes é possível perceber vivenciaram situações traumáticas oriundas de brigas, agressões e violências no meio familiar. Além das situações conflituosas entre os progenitores, houve também conflitos na relação entre mãe-filha ou pai-filha. A partir do pressuposto freudiano de que o desamparo acompanha o sujeito por toda a vida, e que o sujeito necessita de proteção, observamos os efeitos danosos destas vivências quando Luna fala: *Por que na minha época eu tive que sofrer tanto, mesmo gritando por você?* Nota-se aqui um pedido de socorro, um desejo profundo de proteção que pudesse aplacar a angústia sentida por Luna em sua revivescência do desamparo originário, pois situações

traumáticas que colocam o sujeito diante de situações que requerem proteção, poderão desencadear situações de angústia. Como já mencionado, o desamparo assolará o sujeito por toda a vida, e diante do sofrimento, este poderá reviver o desamparo originário. Freud apontou, conforme mencionado anteriormente, as direções do sofrimento e como postulou este autor o sofrimento que provém das relações com o outro, talvez possa ser sentido de maneira mais dolorosa. Isso pode ser percebido, no relato de dor da adolescente Luna ao narrar esta cena:

[...] tanto que eu tenho um pavorzinho, ela já me enforcou, então... sabe. [...] Eu lembro desta vez que ela me enforcou muito forte foi porque eu não quis dividir uma bolacha com meus irmãos. E aí ela esfaqueou a bolacha, jogou na minha boca e me jogou assim pra debaixo da cama e apertou minha coisa (garganta)[...].

Diante desta situação é possível observar que um acontecimento como este desvela o desamparo já experimentado anteriormente, na infância, quando por algum motivo sentia medo diante de seus cuidadores. Contudo, neste momento a adolescente, possivelmente sentiu-se indefesa, mas não completamente paralisada ao desamparo. Pois, agora, não se encontra completamente vulnerável e dependente, mas mediante situações como esta, pode reagir, lançando mão de algumas medidas que podem revelar seu poder, isto é, por meio das falas, das súplicas, enfim da comunicação simbólica que pode interditar a ação do outro. Assim, poderá adotar algumas medidas paliativas a fim de aplacar a angústia vivenciada diante da reminiscência do desamparo, porém não mais à mercê, completamente vulnerável e dependente do outro. Estas situações convoca o sujeito a pensar construções, utilizando-se de recursos simbólicos com a finalidade de que possam seguir revivendo seu desamparo originário, porém o ressignificando, reconstruindo-o, por meio de seus restos, atribuindo, portanto, novos sentidos. Em um outro trecho, Luna complementa: *“É estranho. Eu não gosto, eu não... Se fosse pra falar tipo: ah, você gosta da sua mãe? Sim. Mas acho que seu morasse longe dela seria melhor”*. Neste relato pode-se observar uma possível saída apontada por Luna para seu mal-estar, pois como anunciou Freud, uma medida paliativa, uma vez que para amenizar as dores e desilusões faz-se necessário o deslocamento de metas pulsionais que não podem ser atingidas pelos impedimentos do processo civilizatório, isto, é, pelo mundo externo. Desta forma, as sublimações prestarão aqui sua ajuda. É importante observar que ao questionar o sentimento endereçado a mãe, Luna tropeça nas palavras, porém evidencia uma das formas de amenizar o seu mal-estar que seria morar longe da mãe, pois afirma ‘gostar’ da mãe, o que, talvez, não goste seja da relação conflituosa que tem se estabelecido entre elas e que procura

justificar neste trecho de sua narrativa, pois a tirania do Supereu não a permite bancar tal afirmação sem que o sentimento de culpa a martirize:

Ela teve vários problemas com a mãe, eu entendo isso. Ela teve vários problemas. E às vezes parece que... não sei... por eu ser a filha que ela mais criou (risos) até afetivo assim, mais legal, eu admito (ironiza)... eu não sou eu... sou reflexo do que aconteceu com ela. [...] Mas não é justo! Então, como é que vou chegar e falar para ela: 'olha, tá me tratando assim, assim, mas não é justo comigo'.

Ainda sobre a relação de Luna com a mãe, ela descreveu:

[...]durante esse tempo que eu comecei tratamento era sempre isso, por que você está fazendo isso? Por que você está fazendo isso? E eu sempre perg... eu sempre ficava tipo, como é que vou falar para ela que é ela? Ou que ... sabe, é tudo o que aconteceu. Como é que vou falar que eu estou avisando há anos e ela não percebeu?

Sobre a importância do relacionamento infantil com os pais ou outras pessoas que cuidam da criança, Freud (1905/2006) escreveu que se trata da mais importante marca, embora não seja a única, que reavivada na puberdade, apontam o caminho para a escolha objetal. Dada a importância do relacionamento infantil com os pais para a posterior escolha objetal, observa-se que caso isso não aconteça, ou seja, diante de uma relação conflituosa entre os pais poderá desencadear uma grave predisposição para o desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento dos filhos. Nesta direção, Liv, em sua narrativa de vida, descreveu: *nenhuma criança conseguiria crescer bem, mentalmente falando, vivendo a vida que eu vivia dentro de casa.* Já Kris descreveu situação semelhante que vivenciava na infância, porém da seguinte maneira: *meu pai, como se diz, era alcoólatra, toda vez que ele chegava em casa, tipo assim, ele chegava e tentava matar minha mãe.*

Assim, como escreveu Freud, situações como as vivenciadas por estas adolescentes, podem se originar na infância, e reavivadas na puberdade, reverberando as mais diversas formas de adoecimento psíquico, ou ainda criar as mais diversificadas condições para sua escolha objetal. Ademais, percebe-se como postulou Freud que a escolha objetal é guiada, portanto, por indícios infantis, renovados na puberdade. Sobre as interações sociais, a construção de vínculos afetivos, as adolescentes participantes relataram:

Luna:

[...] por causa de tudo isso, do problema com a minha mãe, do problema com a minha família e em eu ter dificuldade de falar com a pessoas sobre a minha mãe e as dificuldades com ela e sobre ser instável, eu tive dificuldade de fazer amizade. Eu fui muito seletiva com meus amigos. Sempre dava problemas e eu sempre

escolhi alguém, infelizmente, me machucava, porque era o que eu tinha de reflexão na minha... na minha casa.

Liv:

[...] eu não tinha nenhum amigo, eu não tinha basicamente ninguém, eu era sozinha. Chegava na escola sozinha, voltava sozinha, passava o dia sozinha. E o único motivo para voltar para casa, não ‘tava’ mais lá (cachorrinho de estimação)[...].

Eu me sinto sozinha em relação de vida social, é... eu acho que sou sozinha, porque eu já me decepcionei muito com amizade, com relacionamento. Aí eu prefiro não... chegar mais perto das pessoas para que isso não aconteça de novo, porque eu sei que se eu tentar... chegar mais perto de alguém, se eu tentar virar amigo de qualquer pessoa, essa pessoa pode acabar me decepcionando e eu posso acabar ficando mal de novo, mas às vezes tentam se aproximar de mim.

Kris:

Eu não tenho amigos. E até uma época, eu passei uma época sem ir pra escola porque até agora eu tô conseguindo, tô tentando me adaptar à escola de novo, tentar ir normal, só que no começo foi muito difícil pra mim, porque eu chegava na escola em cada sala era cinco alunos que me cumprimentava, e pra mim “não, aqueles lá são meus amigos”, quando eu passei quase dois meses sem ir pra escola não teve ninguém que me mandou mensagem, como se diz, que sentiu minha falta.

Outrossim, como escreveu Freud, é possível notar nos relatos das participantes a dificuldade de se vincularem afetivamente a outros objetos. Demonstrem-se resistentes em permitir-se amar e se deixarem ser amadas, pois o receio do abandono ou da decepção, vivências infantis, que permaneceram de forma eminente na adolescência. Uma vez que, sabendo da atemporalidade do inconsciente, conforme revelou Freud, tais sentimentos podem acompanhar a vida do sujeito, sendo atualizados constantemente e repetindo-se por meio das escolhas objetais, como já experimentados um dia na infância.

Ainda nesta direção, da importância das relações afetivas com os cuidadores do bebê, Freud salientou em seu texto *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014) que em decorrência de fatores biológicos, isto é, por meio da longa fase de dependência e desamparo do recém-nascido, àquele que desempenha proteção contra os perigos externos ganha uma importância elevada. Portanto, é a partir da imaturidade biológica, do alto nível de dependência do outro para a sua sobrevivência que o sujeito desenvolve a exigência de ser amado, jamais abandonada pelo ser humano. Além disso, constata-se, como escreveu Freud, o quanto a vivência conflitiva com aqueles que representaram as funções paterna e materna contribuem para o adoecimento psíquico, como também para a pobreza na escolha objetal no período da adolescência, assim como aconteceu na infância. Outrossim, ambas, as adolescentes apresentaram em seus relatos

de vida a experiência de sentirem-se sozinhas, e não se vincularem afetivamente ao outro, e quando isso parece ocorrer, optam por se afastarem para evitarem o sofrimento, pois já vivenciaram situações que as decepcionaram. E assim como insistiu Freud (1930/2020) um dos sofrimentos que recaí sobre o ser humano, são as relações sociais. Pois como mencionado, o ser humano tem a necessidade de ser amado, porém quando está no auge do amor se sentirá vulnerável, desprotegido contra o sofrimento, e caso perca o objeto amado ou o seu amor, sentirá desamparadamente infeliz. Embora, como apontou Freud, a saída para o sofrimento não estaria no afastamento ou isolamento voluntário, pois uma das defesas contra este mal-estar estaria em continuar amando. Além do amor, Freud mencionou em seu texto algumas medidas paliativas contra o sofrimento, dentre elas, destacou o deslocamento da libido, ou seja, a sublimação prestaria sua ajuda. Nesta direção pode-se recorrer a narrativa de Liv quando relata:

[...] eu já tentei tanta coisa, eu já tentei alguns tipos de esporte, de encontrar paixão nisso, sabe?[...] Quando eu tô lá, eu sinto prazer em estar lá, em fazer esporte, mas assim que eu saio... volta tudo como era antes e é difícil entender isso, porque eu sei que eu não posso ficar 24 horas por dia fazendo jazz, porque se eu pudesse eu faria, para eu sentir vontade de viver, mas eu não posso, então eu não consigo.

Outrossim, é possível perceber a partir da narrativa de Liv, que deslocar a libido para outros objetos pode ser uma saída encontrada. Porém, assim como escreveu Freud não há uma proteção plena contra o sofrimento, os indivíduos não se tornarão impenetráveis a ele, e mesmo diante de medidas adotadas com a finalidade de evitar o sofrimento, tais medidas poderão falhar, principalmente quando a fonte do sofrimento, a direção deste mal-estar incide sobre o corpo. E neste caso, pode-se observar o quanto as adolescentes escutadas apresentaram em suas narrativas de vida, um sofrimento psíquico, mas que também afetava continuamente o seu bem-estar, trazendo consequências emocionais e físicas, pois muitas vezes para se livrarem do sofrimento que experimentavam, recorriam aos comportamentos autolesivos ou a passagem ao ato suicida. As adolescentes descrevem seu mal-estar, da seguinte maneira:

Luna:

[...] na escola, eu tinha bastante dificuldade em várias coisas. Hum... eu não conseguia fazer matemática direito, eu não entendia e eu me julgava muito por isso, me sentia muito pressionada, eu tinha um 'toc' enorme com esse tipo de coisa, era obcecada com notas boas, sentia muita inveja... e sentia que eu estava longe de todo mundo, que eu não era especial, que eu... não era nada, não tinha personalidade, que eu não existia. Um vazio.

Liv:

Essa tristeza e esse vazio dentro de mim a tanto tempo que ultimamente eu sinto que, simplesmente, não tem como isso acabar mais [...]eu faço jazz, que é um tipo de ballet e aí... eu tento encontrar nisso um motivo para eu sobreviver, 'pra' eu ver um futuro para mim, mas eu não encontro nada, basicamente.

Kris:

Eu tava desesperada, não sabia mais pra onde ir, eu, como se diz, pra mim não tinha mais solução, era uma angústia, ansiedade a mil e meus pensamentos era tipo de fazer algo contra mim.

É possível constatar diante do expressado pelas adolescentes um sofrimento intenso, o qual pode ser observado como escreveu Freud (1926/2014) sobre a melancolia, onde neste quadro sintomático, há uma vinculação entre Eu e o sintoma. O Eu incorpora o sintoma, tornando-se um só, não possibilitando mais a sua dissolução, cabendo ao sujeito bancar esta situação, tirando dela o melhor proveito possível. No discurso apresentado pelas participantes, é possível constatar alguns traços em consonância com o que Freud escreveu e que se encontram presente na melancolia. Dentre estes traços, relatou que o sujeito vivencia um desânimo profundamente penoso, uma perda de interesse pelo mundo externo e da capacidade de amar e a diminuição dos sentimentos de autoestima. A intensidade de tais sofrimentos podem se voltar contra o próprio Eu a ponto de se autorrecriminar, podendo desencadear comportamentos de autopunição. Sofrimento psíquico percebido quando Liv, em sua narrativa de vida, relata esta cena: *“ela viu o corte no meu pulso, aí ela me levou para o hospital de novo, eu tive que dar 15 pontos e... mais uma vez, eu achei que eu pudesse ser importante, mas aí passava uma semana e eu já entrava em crise de novo, aí eu comecei a perder as esperanças”*. O sujeito na melancolia apresenta um discurso desprovido de valor, se apresenta como alguém desprezível, se destrói perante os outros, inclusive questiona a capacidade do outro de se ligar a alguém sem valor, como também se verifica no relato de Liv: *“Eu simplesmente achava que só estava fazendo minha mãe gastar dinheiro à toa comigo e ‘tava’ sendo tudo um peso para ela e eu achava que se eu simplesmente sumisse, iria facilitar.”* No caso de Liv o sentir-se importante acontecia de maneira passageira, o sentir-se importante não se torna uma verdade introjetada, de tal forma que logo a seguir seu discurso desesperançoso e sem expectativa retorna ao Eu, prevalecendo o sentimento de inferioridade, desânimo e falta de energia e que a sua ausência, ou seja, que se morresse seria mais fácil.

Nesta mesma direção, Freud complementou, sobre o discurso maçante e de auto difamação do melancólico, e destacou que o ponto essencial na escuta deste sujeito, não está em saber a veracidade do que se fala, ou ainda se corresponde a opinião de outras pessoas que convive com o sujeito, mas se traduz a descrição de sua vivência psíquica. Pois, se trata de sujeitos que ao longo de sua história perderam seu amor-próprio, trata-se de discursos como observado nas narrativas das adolescentes, para uma perda relativa do próprio Eu. Como anunciou Freud, há uma divisão do próprio Eu. E uma parte do Eu se coloca contra a outra. O eu dividido, decomposto em duas partes se enfurece uma contra a outra, criticando-o de forma cruel, tomando-o como seu objeto. Desta forma, uma das características marcantes do melancólico é a insatisfação com o próprio Eu. O Eu torna-se para o melancólico pobre e vazio. Contudo, como escreveu Freud, muitas autoacusações são na verdade acusações a outrem. Outrossim, é possível perceber que as injúrias são na verdade, injúrias feitas ao objeto amado, mas que foram deslocadas contra o próprio Eu. Esse deslocamento contra o Eu se relaciona à ambivalência da relação amorosa com o objeto. Logo, a libido livre não foi deslocada para outro objeto, mas estabeleceu uma identificação do Eu com o objeto abandonado, como escreveu Freud, “assim a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (1917/2021, p.107). A partir daí, as injúrias do Eu passam a acontecer como se ele fosse o objeto perdido, dirigindo para si toda a hostilidade que é original da relação com o outro, isto é, havendo uma evidência inegável da introjeção do objeto.

Desse modo, observa-se a importância do outro na constituição psíquica do sujeito, como postulou Freud. Assumindo uma função de ambivalência, pois este outro que funciona como amparo, quando acaricia o bebê ou quando atende suas necessidades, pode ser o mesmo que o angustia, revelando também seu desamparo durante a ausência daquele que oferece seus cuidados no período mais primitivo da criança, quando ainda se apresenta completamente vulnerável e dependente do outro para sua sobrevivência. Neste mesmo sentido, observa-se mais uma vez, conforme Freud (1930/2020) apontou, o quanto as relações com o outro podem afetar o sujeito. Semelhante à ambivalência da relação do sujeito com o outro, encontra no processo civilizatório situação análoga. Pois, a cultura pode funcionar como amparo, uma vez que não é possível sobreviver ao completo isolamento, mas também podendo operar como fonte de sofrimento por meio dos ideais culturais impostos, na tentativa de regular as relações sociais. Caso essas tentativas não ocorressem, o que poderia acontecer seria a submissão das relações sociais à arbitrariedade do sujeito mais forte fisicamente, o qual tomaria decisões, conforme seus próprios interesses e suas moções pulsionais. Outrossim, observa-se no discurso freudiano uma oposição entre as exigências das forças pulsionais e as possibilidades psíquicas de

satisfação. É possível observar nas narrativas de vida das adolescentes participantes este mal-estar oriundo da necessidade de interação com o outro, mas da possibilidade de encontrar neste outro, ser social e cultural, a intolerância odiosa às diferenças, como descritas pelas participantes:

Luna:

[...] Muito do que eu sofria quando eu era pequena era por causa da minha cor. O povo falava que eu era suja, que eu era sempre encardida, por conta da minha pele ser mais escura aqui, aqui, aqui. Falavam dos meus traços, meu cabelo, sempre falavam que eu parecia uma bruxa. Eu sofri muito bullying [...].
[...] Eu passava, eu jogava água oxigenada na minha pele, porque eu achava que ia clarear. Então foi algo que me machucou...
[...] na época que eu me assumi, porque quem- ela soube que eu era- que eu gostava de garotas [...] Mas aí começou aquela coisa... aquela dor, sabe, de quem não se sente reconhecido. Até hoje eu não consigo falar a palavra lésbica, lá em casa.

Liv:

[...] eu sofri muito bullying por causa da minha aparência, porque eu sempre fui muito alta, mais alta que todo mundo da minha idade. Sempre me senti mais acima do peso que as outras crianças da minha idade. E eu nunca fui igual, sempre fui diferente. Então, as pessoas, os meus colegas sempre tiveram a mania de me julgar por isso. Isso sempre me incomodou muito, acho que foi, exatamente, por isso que comecei a ficar mal.
Eu sou bissexual e a minha mãe é missionária, ela... Ela é evangélica, ela é cristã e a fé dela em Deus é enorme, então, ela segue à risca exatamente tudo que ela lê na bíblia e isso 'tá' totalmente fora de acordo com o que ela acredita, então ela... ela respeita, mas ela não aceita. Então, quando eu contei para a minha família que eu sou bissexual, ela entrou em colapso. A partir do momento em que eu contei, num certo período de tempo, ela colocava como se aquilo fosse o motivo dos meus problemas.

Kris:

É porque a minha família as vezes ela, tipo assim, me critica entre aspas, sabe?
[...]
[...] eu já tentei me falar pra eles tudo, tipo assim, pras pessoas que tá próxima de mim, só que é sempre isso "Ah, não! Isso é frescura sua, isso é charme". Teve até quando eu internei um primo meu virou pra minha tia e falou que tipo assim "Nossa! A (...) é foda, ela não tem que fazer isso, ela tá matando, tipo assim, matando todo mundo aos poucos por dentro" sempre a culpa é minha, entendeu? Deus não tá bem, como se diz, eu não to bem aí eu prejudico toda a minha família, então, pra eles é isso.

Diante dos trechos narrados pelas participantes observa-se o sofrimento oriundo da relação do sujeito com o outro. Uma das direções do sofrimento, como apontou Freud (1930/2020), e que impede a felicidade são as relações sociais, como já mencionado. Desta forma, o outro pode representar fonte de amparo, de amor, porém pode também ser causa de desamparo, uma vez que nem sempre atenderá todas as demandas do sujeito. Desse modo, assim como a relação com outro enquanto objeto de amor, impõe restrições, a civilização também imporá limites e frustrações. Outrossim, a mesma civilização que também funciona como amparo ao sujeito, que possibilita e favorece técnicas que podem conter a fúria da natureza, ou ainda descobertas científicas que podem apaziguar a dor que afeta o corpo, esta mesma civilização pode ser causa de mal-estar. Ademais, o mesmo sujeito que vivencia os reclamos das imposições da civilização, que procura desvencilhar de seus limites e incessantes supressões das pulsões, é o mesmo sujeito que não consegue viver sozinho.

Além disso, para que ocorresse o desenvolvimento do processo civilizatório, isso é, o progresso dos grandes centros, por exemplo, foram necessárias demolições e reconstruções, perdas e ressignificações. Semelhante ao processo civilizatório acontece com a vida psíquica, sendo necessário continuamente construções e reconstruções, porém o que acontece de forma distinta são as marcas do passado, uma vez que elas não poderão ser completamente destruídas, pois permanecerão conservadas no inconsciente do sujeito. Portanto, assim como mencionado pelas adolescentes participantes, as escolhas objetivas vivenciadas na adolescência causam-lhes mal-estar. As instituições sociais das quais fazem parte, a família, a igreja, a escola, representativos do processo civilizatório impõem-lhes restrições, impedimentos quanto a sexualidade, cor, classe social e econômica. As adolescentes revivesciam seu desamparo originário, onde eram completamente vulneráveis e dependentes daqueles que satisfaziam suas necessidades vitais, porém agora por meio da exclusão, da intolerância odiosa ao diferente, como relatada por Liv: “*E eu nunca fui igual, sempre fui diferente*”. No entanto, assim como o bebê, frágil e vulnerável não sobreviveria sozinho, o sujeito independente e autônomo, também não sobreviveria sozinho, pois assim como anunciou Freud (1930/2020), o indivíduo jamais estará completamente protegido contra o sofrimento. Algumas medidas paliativas, algumas satisfações substitutivas poderão ser adotadas, mas nenhuma delas serão suficientes para barrar por completo a força constante da pulsão, pois como ela não ataca de maneira externa, mas do interior do próprio corpo, nenhuma fuga será eficaz contra ela. Assim, para que o sujeito viva em sociedade, interaja com o outro, deverá permanecer em constante renúncia, mas paradoxalmente, é este mesmo processo civilizatório que será amparo para o sujeito em sua dor de existir. Percebe-se a necessidade emergencial pela busca dos meios substitutivos, paliativos

para os desprazeres que a vida em sociedade impõe, principalmente no tange a atualidade, onde impera a cultura da individualidade, do solipsismo, das relações superficiais e passageiras, esse desafio se torna ainda mais grandioso, uma vez que o que sobrepõe são os interesses, pessoais, individuais sobre os coletivos. Faz-se importante ressaltar que tais atitudes se repetem, tanto na individualidade quanto na universalidade, pois as políticas públicas que deveria atender aos interesses da maioria, muitas vezes são desenvolvidas atendendo aos interesses de quem as elabora, ou ainda aos interesses do sistema capitalista fazendo com que a massa trabalhe e produza cada vez mais para garantir a riqueza e privilégios de poucos.

É possível constatar, tais comportamentos de desvalorização do outro, e de individualismo exacerbado quando Kris em sua história de vida descreve tal situação: “*eu passei quase dois meses sem ir pra escola não teve ninguém que me mandou uma mensagem, como se diz, que sentiu minha falta*”. Kris em meio às diversas crises que relatou ter vivenciado, uma das alterações que sofrera em sua rotina, foi o afastamento das atividades escolares. E neste período relata a falta de acolhimento de seus colegas de sala, pois não recebera nenhum tipo de contato, revelando por meio desta situação, uma amostra do que tem acontecido na atualidade e faz com que o sujeito reviva seu desamparo originário. Além disso, como já explorado, o que reina além dos vínculos afetivos de cooperação e altruísmo, é o triunfo da conduta eminentemente agressiva, condição inerente ao ser humano, que requer constante renúncia à satisfação pulsional, uma contínua repressão das pulsões.

Diante do exposto, é inegável o mal-estar desencadeado pelo processo civilizatório no psiquismo humano. Mas seria inegável também, o sofrimento causado pela falta de contratos, regras e leis que regessem a sociedade. Observa-se, portanto, como escreveu Freud que não se trata apenas de uma questão de aprimoramento da civilização, mas de uma questão inerente ao ser humano, cuja completude jamais será alcançada. É importante destacar também, como escreveu Freud, que o ser humano apresenta uma inclinação à agressão, e a cultura apresenta-se como uma das formas mais poderosas de interdição desta predisposição pulsional originária. Essa agressão, como escreveu Freud, é a principal representante da pulsão de morte. Desta forma, o desenvolvimento cultural se encontra a serviço da pulsão de vida, porém com por meiosamentos da pulsão de morte. Esse desenvolvimento revela a luta entre Eros e a morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição. Essa luta, evidencia sobretudo, a batalha da espécie humana pela vida. A partir disso posto, faz-se necessário refletir como as adolescentes participantes desta pesquisa tem enfrentado esta disputa em prol de manterem-se vivas. Embora, por meio de seus relatos, nota-se, o quão gigantesco tem sido este duelo entre o viver ou morrer,

experimentando diariamente pelos sujeitos historiadores desta pesquisa, como será apresentado no item a seguir.

3.4.2 Da pulsão de morte à tentativa de suicídio.

Nas narrativas com as adolescentes participantes observa-se como ponto convergentes das histórias, o relato de vazio e desesperança, desprovido de um sentido para a vida ou um motivo que as impulsionasse a viver. Também encontra-se em suas narrativas os comportamentos autolesivos, que conforme relataram era uma forma de encontrar alívio para o sofrimento, para a angústia intolerável que sentiam. Outrossim, esta sensação de alívio era passageira, o que fazia com que os pensamentos autodestrutivos se repetissem insistentemente. E neste cenário, de dor e angústia, os comportamentos autolesivos e os pensamentos de morte evoluíram para o planejamento, isto é, de como poderiam amenizar o sofrimento que sentiam, como se pode constatar nesta fala da participante Liv: “[...] eu só estava planejando cada vez mais o meu suicídio. [...] eu, simplesmente, não aguentava mais sentir aquilo e... não fazia mais... nada fazia mais sentido para mim [...]”. Luna também relata seu sofrimento e como estava se sentindo: “Eu não conseguia mais comer, eu não tava feliz, não tava muito bom, estava à beira de suicídio. Na beira de um suicídio”. Miller (2014) escreve que no ato suicida há uma predisposição do sujeito em não trabalhar por seu bem ou por algo que lhe seja útil, mas ao avesso disso, trabalha pela sua destruição. Desta forma, como aponta Miller, a passagem ao ato revela a pulsão de morte. Assim, o ato suicida, ilustra uma separação total que pode operar pelos interesses pelo vivo e pela sobrevivência, pelo bem-estar do sujeito, enfim algo que corrói o sujeito e no ápice de sua dor o destrói. E neste momento, o sujeito se sustenta em seu sintoma e o ama como a si mesmo, como escreveu Freud (1926/2014). Porém, o sujeito ama algo que lhe faz mal, e conforme, escreve Miller, goza com esta situação. Contudo, segundo o autor o gozo não pode ser confundido com prazer, mas aliado a dor. E nestas circunstâncias, há uma satisfação na dor, porém em algumas situações coloca o sujeito em perigo, a tal ponto de levá-lo à morte. Nesta direção, Miller escreve que o suicídio é o “triumfo da pulsão de morte” (2014, p.6).

Sobre a pulsão de morte, Freud desenvolveu e explorou a teoria pulsional, que apenas mais tarde culminaria nos conceitos distintos entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Em *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915/2021) a definiu como uma “força constante” (p.19). Desta maneira, como postulou Freud, a pulsão jamais poderia ser abandonada, uma vez que se trata de uma força interna, oriunda do interior do corpo, portanto não havendo fuga eficaz contra a pulsão. Foi em *Além do princípio de prazer* que Freud (1920/2020), escreveu sobre a dualidade

das pulsões, nomeando-as neste texto de pulsões de vida e pulsões de morte. A pulsão de morte levaria à estagnação, estando fadada a buscar um estado anterior, contribuindo para que o organismo vivo retornasse ao estado inanimado. Desta forma, *“uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior”* (Freud, 1923/2020, p.131), outrossim, observa-se como postulou Freud, a existência de duas forças pulsionais opostas: uma que diz respeito a criação, vinculação, reprodução, enfim a autoconservação da vida; e outra que rompe, separa, destrói, objetivando retornar ao nada, ou seja, que se satisfaz na autodestruição. Mais uma vez, observa-se que Freud (1923/1996) escreveu sobre a dualidade das pulsões, postulando desta vez que a vida seria um constante conflito e reconciliação entre as pulsões. De forma que, ambas as pulsões estariam ativas em todos os sujeitos, mesmo que em proporções desiguais. Como analogia a fusão das pulsões, Freud escreveu sobre a polaridade existente entre o amor e o ódio, onde o primeiro representa a pulsão de vida e o segundo representativo evasivo da pulsão de morte. Porém, assim como o amor poderá acompanhar o ódio, ou vice-versa, ou ainda sobre a possível transformação do ódio em amor ou do amor em ódio nas relações entre os sujeitos, da mesma forma, postulou Freud sobre a pulsão de morte e a pulsão de vida. Ambas perderiam a distinção que presumia aspectos fisiológicos e que percorreriam direções opostas. Assim, pulsão de vida e de morte, raramente, talvez nunca, apareceriam isoladas uma da outra, mas de maneira que fusionadas, tornariam irreconhecíveis ao juízo humano. Quanto as vicissitudes da pulsão, Freud ainda as descreveu como obscura, porém concluiu que as manifestações da pulsão de vida já eram suficientemente evidentes, já a pulsão de morte trabalhava em silêncio pela destruição do sujeito.

Encontra-se também nesta obra de Freud (1923/1996), a pulsão de morte como uma aliada ao Supereu, pois esta instância psíquica seria a responsável pela crueldade e ação punidora voltada contra o Eu. Desta forma, Freud escreveu que na melancolia, por exemplo, o Supereu torna-se extremamente forte e encontra um ponto de apoio na consciência, onde o Eu não apresenta nenhuma objeção, mas admite a sua culpa e submete-se ao castigo, dirigindo contra o Eu toda a sua ira com violência impiedosa, fazendo com o sujeito se julgue merecedor de sofrimento. O objeto ao qual a ira do Supereu se aplica fora incluído ao Eu mediante identificação. Assim, na melancolia, o que influencia o Supereu é uma cultura para a pulsão de morte. E de fato, caso o sujeito não afaste a tirania do Supereu a tempo, a pulsão de morte poderá, com bastante frequência, obter êxito em impulsionar o Eu à morte. Percebe-se no relato das adolescentes participantes da pesquisa uma inclinação a pensamentos e comportamentos autodestrutivos, assim como os representativos da pulsão de morte. E tal como desenvolveu

Freud em sua teoria, trata-se de uma força constante, a qual aliada a tirania do Supereu o Eu pode perder sua força e se render a pulsão de morte. Nesse sentido, pode-se observar, como descrevem as adolescentes participantes nestes relatos:

Luna:

Eu tinha medo, né! Eu tinha bastante medo. Eu falava: “Nossa! Já tô mal, se eu falar para minha que eu tô mal, me cortando, eu ainda vou ter que contar que eu gosto de mulher?! Não! Eu vou morrer. Ela vai...” Eu já chorei muito por isso na época. Porque demorou um pouco para eu aceitar.

Liv: “[...] eu só estava planejando cada vez mais o meu suicídio.”

Kris: “[...] eu saí de casa com o pensamento de me jogar na frente de alguma coisa.”

À vista disso, observa-se por meio dos relatos das participantes a força da ação da pulsão de morte. Esta força constante e autodestrutiva que se repete continuamente, e algumas situações podendo culminar na tentativa de suicídio ou ainda na morte do sujeito. E como escreveu Freud (1914/2021) o analisando repete ou atua ao invés de lembrar. Ele não lembra de mais nada do que foi recalcado, mas ele atua, ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, porém sem saber que o está repetindo. Nesta direção, mais tarde, Freud (1920/2020) escreveu sobre a compulsão à repetição. Desse modo, uma vez que o sujeito não pode se lembrar de tudo, ele repete no presente o que foi recalcado no passado. Assim, Freud concluiu que a compulsão à repetição é atribuída ao recalcado inconsciente. Assim, grande parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá causar desprazer ao Eu, pois trata-se de moções pulsionais recalçadas. Até mesmo as pulsões que já foram vivenciadas, e trouxeram experiências desprazerosas, serão repetidas, uma compulsão pressiona a isso. Assim, observa-se por meio dos relatos das adolescentes, a força da pulsão de morte, e a compulsão a sua repetição. Um gozo mortífero que não cessa de se repetir, seja por meio dos pensamentos autodestrutivos, seja por meio dos comportamentos autolesivos, ou ainda por meio das tentativas de suicídio. Quanto ao sofrimento psíquico com comportamentos autolesivos, as adolescentes relatam:

Luna: “[...] os cortes no meu braço eram enormes, só que eu escondia, eu tinha... batia, batia a cabeça. Fazia várias coisas”.

Liv: “[...] eu pensava que se eu sentisse uma dor por fora, eu podia, talvez, me esquecer um pouco daquilo, e aí eu comecei a me cortar”.

Kris:

[...] eu fiz com uma lâmina. [...] tava muito agoniada, já tem um tempo, só que sabe? Num foi nada, angústia, um sofrimento, um desespero. [...] eu me cortei, pra como se diz, não ter outro surto grande, e tentar como se diz, me jogar na

frente de carro, caminhão... foi o jeito que eu achei de aliviar minha dor e dar, como se diz, de acalmar ela ali naquele momento.

Assim, observa-se uma compulsão a repetição da pulsão de morte que culmina com os cortes, e segundo o relato das adolescentes, são eles, a maneira encontrada de escoar parte da dor sentida, porém um suposto alívio que pode colocar o sujeito em perigo. Ainda sobre a pulsão, Freud (1930/2020) escreveu que a inclinação à agressividade é uma inclinação originária ao ser humano e a cultura seria o obstáculo mais poderoso contra esta agressividade que representa um dos principais derivados da pulsão de morte. Desta forma, a cultura por meio do agrupamento dos indivíduos, da unidade entre os povos representaria a pulsão de vida. Entretanto, apenas esta unidade a serviço do desenvolvimento, da união necessária das comunidades por meio do trabalho, seria insuficiente para manterem-nas ligadas. Além desta necessidade, as massas humanas devem estar ligadas libidinalmente umas às outras. Desta maneira, este programa de cultura opõe-se a agressividade inerente ao sujeito, e funcionará como um obstáculo à pulsão de morte. Outrossim, haverá uma contínua luta entre a pulsão de vida, representada pela cultura, e a pulsão de morte, representada pela agressividade constitutiva do sujeito, por isso o desenvolvimento da cultura poderá ser caracterizado como uma luta constante da espécie humana pela vida. Desse modo, a cultura contribui para que a agressividade, representativo da pulsão de morte, se torne inoperante. Porém, a mesma civilização que constrói normas, regras e tabus que irão restringir a livre satisfação das pulsões, seria também, em grande parte, responsável pelo mal-estar que assola o sujeito na atualidade, contribuindo para o conflito constante e indissociável entre as pulsões de vida e de morte.

Quanto à inclinação à agressividade, uma das representações da pulsão de morte, Freud escreveu que ela é uma predisposição originária do ser humano, e a cultura representa um dos obstáculos mais poderosos contra esta agressividade. Já a cultura, seria um dos representantes da pulsão de vida. Outrossim, o desenvolvimento cultural representa a luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, tal como ela se consoma na espécie humana. À luz deste pressuposto, Freud escreveu que o impedimento causado pelo mundo exterior, aumenta consideravelmente o poder da consciência moral do Supereu. Assim, se a consciência é amena, o Eu lida com maior diversidade de coisas, no entanto se atingido por uma adversidade, o Eu faz um retorno a si mesmo, intensifica as exigências da consciência moral, impondo-lhe privações e autopunições. Desse modo, como explicou Freud, uma vez introjetada a consciência moral no Supereu, ela não será mais abandonada e de ora em diante, nada poderá ser acobertado do Supereu, nem sequer os pensamentos. À vista disso, originariamente, a renúncia das satisfações pulsionais, era o medo da autoridade externa, que a princípio abdicava das satisfações por medo

de perder o seu amor. Logo, se a renúncia era realizada, não restaria nenhum sentimento de culpa. Porém, após o estabelecimento da autoridade interna, o medo surge do próprio Supereu, e a renúncia pulsional ocorre em decorrência do medo da consciência moral e neste caso, a distinção entre atos maus e intenções más perdem a relevância, assumindo a mesma equivalência, isto é, consciência de culpa e necessidade de punição. Observa-se desta maneira, como escreve Miller (2014), que o Supereu ordena a renúncia das pulsões. E o resultado é que ele passa a ordenar cada vez mais. Por isso, quanto mais se renuncia o gozo pulsional, mais nutrido o Supereu estará, e mais culpado o sujeito se sentirá. Sobre o medo do Supereu, Freud escreveu que nenhuma renúncia pulsional será completamente libertadora, pois o medo da perda do amor e o medo de punição por uma autoridade externa, foi trocada por uma contínua infelicidade, “a tensão da consciência de culpa” (Freud, 1930/2020, p.382).

Destarte, onde seria possível encontrar a pulsão de vida, por meio da cultura, da vida em sociedade, do acolhimento entre os sujeitos, representativos da pulsão de vida, não obstante encontra-se com muita regularidade, o seu avesso por meio do discurso de ódio que inferioriza, que humilha, que exclui e destrói. E nesse sentido, o sujeito se depara, muito frequentemente com o mal-estar atual, onde encontra-se sem esforço algum, o ódio, a intolerância às diferenças, predominando a cultura do narcisismo, onde a luta por satisfação dos interesses individuais sobrepõe aos da coletividade. Aliado a este mal-estar, que desvela o desamparo originário, vive-se um contínuo mal-estar, oriundo da renúncia pulsional (Iannini & Tavares, 2020). Diante disso posto, em meio a todas as técnicas, ilusões, métodos e subterfúgios que a sociedade constrói, para tornar a renúncia suportável, haverá ainda um resto que perturba, tornando o mal-estar incontornável, pois sabe-se que a renúncia pulsional deverá incessante, uma vez que a pulsão é uma força constante (Freud, 1915/2021). Outrossim, faz-se necessário entrar em ação, outros destinos para a pulsão, abrindo caminhos, como propôs Freud para a sublimação, entrando em ação as medidas paliativas. Embora, como também escreveu Freud, não se trata de uma medida completamente eficaz contra o sofrimento, uma vez que a pulsão de morte e a pulsão de vida estarão de forma concomitantemente e continuamente atravessando o sujeito.

Sobre a pulsão de morte na melancolia, Freud (1917/2021) escreveu que acontece uma ambivalência de amor e ódio para com o objeto amado. Porém, quando o Eu se identifica ao objeto perdido, o ódio entra em ação, humilhando-o, rebaixando-o, trazendo-lhe sofrimento e ganhando uma satisfação sádica neste sofrimento, ou seja, a pulsão de morte entra em ação. Nestas afecções, o sujeito adoecido vingava-se dos objetos originários e tortura seus entes queridos por meio de seu adoecimento. E de fato, a pessoa que provocou a perturbação adoecida no sujeito, provavelmente se encontra em seu ambiente mais próximo, como anunciou Freud.

Assim, o investimento amoroso do melancólico, segue duas vias: parte dele regrediu até à identificação, e outra parte foi deslocada de volta à etapa do sadismo. E como afirmou Freud, apenas o sadismo poderia resolver o enigma da tendência ao suicídio. Desta forma, o Eu só poderia se matar, se pudesse tratar a si mesmo como objeto, se pudesse dirigir contra si mesmo toda a hostilidade relacionada a um objeto. Nesse sentido, o Eu poderá se destruir, tratando a si próprio como objeto, dirigindo toda a hostilidade, dirigida originariamente aos objetos pertencentes ao mundo externo. Assim, nos casos de suicídio, haverá o completo domínio do Eu pelo objeto.

Nesta direção, Miller (2014) afirma que todo ato verdadeiro é um suicídio do sujeito, pois está em conformidade com a pulsão de morte. E o ato suicida ilustra esta separação total que pode ocorrer: de um lado a separação entre os interesses pelo vivo, pela sobrevivência, pelo bem-estar do sujeito; por outro lado a presença da pulsão de morte, e conseqüentemente, algo que corrói e destrói o sujeito. E nesta perspectiva, o heroísmo, que seriam as sublimações, são vencidas pela pulsão de morte, podendo até mesmo sacrificar a vida. Sobre os atos, Lacan (1967-1968/2003) ao se referir ao ato puro e simples, escreveu que este tem um lugar do dizer, e por esta via modifica o sujeito. Assim, o ato psicanalítico tem o lugar da dialética, é uma passagem para o ato falho, aquele que por meio do pensamento inconsciente, emerge no pensamento consciente, na fala, no corpo e desloca o ato, fazendo com que por meio dos troços diga outra coisa. Ainda sobre o ato psicanalítico, Lacan escreveu que não há nada de tão bem-sucedido quanto a falha do ato, embora nem toda falha, nem todo troço são passíveis de interpretação. Já o suicídio, pelo contrário, é a certeza, é o ato limite, é o não querer saber mais nada, é separar-se efetivamente dos equívocos da fala. Outrossim, na passagem ao ato, há a supressão do sujeito, e toda possibilidade dialógica e interpretativa. Com a supressão do sujeito na passagem ao ato, há também uma ruptura com o Outro. Nesse sentido, é importante diferenciar passagem ao ato de *acting out* que se passa sempre em uma cena. Lacan (1962-1963) escreveu que na passagem ao ato o sujeito caminha para se evadir da cena, já no *acting out* o sujeito não sai da cena, pelo contrário ele encena, para que o Outro interprete. Assim, o *acting out*, se mostra presente na conduta do sujeito e sua ênfase está em sua orientação para o Outro. Miller (2014) ao diferenciar a passagem ao ato de *acting out* exemplifica da seguinte maneira: no *acting out* há uma cena que é a fala e o sujeito age diante do Outro nessa cena, desta forma é necessário que tenha o Outro, que tenha um espectador. A passagem ao ato, por sua vez, não há espectador, há o desaparecimento da cena. O sujeito “precipita e despenca fora da cena” (Lacan, 1962/1963, p.129). Como Lacan (1962-1963) escreveu, “a partida é justamente a passagem da cena para o mundo” (p.130). A cena diz respeito ao que pode ser

dito, dada como palavras. Portanto, a cena se constrói a partir do significante, diferentemente daquilo que é apresentado ao mundo, pois a cena é firmada pelo Outro, “onde o homem como sujeito tem que se constituir, tem que assumir um lugar como portador da fala” (Lacan, 1962-1963, p.130). Desta maneira, quando o sujeito despenca fora da cena, na passagem ao ato, ele se separa do Outro.

Outrossim, observa-se como escreveu Lacan e como narrado pelas adolescentes que a passagem ao ato é um recurso utilizado para se defender da angústia, e como já explorado anteriormente comporta a identificação total do sujeito ao objeto, como escreveu Freud. Posteriormente, Lacan (1962-1963) acrescenta a identificação ao objeto *a*, identificação com o resto, com o nada. Assim, quando Lacan escreveu que a passagem ao ato é a passagem da cena para o mundo, defendeu a ideia de que o sujeito rompe com a cena, e conseqüentemente com o Outro. Desta maneira, passa para o mundo que representa o lugar do sem sentido, do real, do objeto *a*. A passagem ao ato é o corte definitivo com o Outro. É a passagem ao ato perfeito e sem falhas, sem tropeço, sem erros, enganos ou ilusões. Já o *acting out* convoca o Outro, faz apelo ao Outro. Nesse sentido, Miller (2014) escreve, há uma cena representada pela fala, e o sujeito põe-se a agir diante do Outro nessa cena.

Ademais, a passagem ao ato, como escreveu Santiago (2021) é uma resposta para as angústias e sofrimentos inerentes à vida humana. Nessa direção, Lacan (1967-1968/2003) postulou que o ato tem sempre um dizer e o suicídio seria, como escreveu Santiago, um dizer com a própria morte diante do impossível de suportar a vida. Segundo este autor, o homem é o único animal que reconhece sua finitude e diante disso também é o único animal que pode antecipar a sua própria morte. Porém, segundo Santiago designar o suicídio como morte voluntária é insuficiente, pois como já explicitado anteriormente, o suicídio é fonte de tendências inconscientes. Percebe-se como anunciou Freud (1917/2021), que o suicídio se apresenta como forma de autopunição, um desejo de morte endereçado a outrem, que se vira contra o próprio sujeito. Outrossim, diante da complexidade existente no ato suicida, observa-se ao escutar sujeitos que já tentaram suicídio, muitos deles se referirem a morte como alívio para a angústia, para o vazio que sentem. Muitos deles negam que a tentativa sobreveio com a intenção de morte propriamente dita, mas a morte para o sofrimento que os assolam, como relatou Liv: “*um dia eu comecei a entrar em desespero porque eu não tava mais tendo solução, eu não tinha motivo para viver e eu não queria morrer [...]*”. Observa-se, portanto, que não ocorreu de forma diferente, ao escutar a narrativa das adolescentes entrevistadas, pois apresentam em sua narrativa de vida uma angústia, a qual não conseguem nomear, excluindo-as de toda ilusão, de todo sentido e apego ao objeto, porém desencadeando um intenso

sofrimento, a ponto de tentarem colocar um fim neste sofrimento, relatado pelas participantes da seguinte maneira:

Luna: *“Eu torcia, pra toda vez que eu cortava meu braço, que acertasse uma veia”.*

Liv:

Eu acabei tentando suicídio. Eu tomei um monte de comprimido e ...[...] sofreu um pouco naquele dia, fez eu perceber que, talvez, eu poderia ser um pouco importante, mas depois de um tempo, simplesmente, foi como se tudo isso tivesse sido apagado da minha mente e eu entrei em crise de novo e aí eu quase tentei suicídio mais uma vez [...]

[...] tinha me deixado sozinha em casa, que depois da primeira tentativa foi uma coisa que minha mãe não fazia mais, que era me deixar sozinha, mas naquele dia foi necessário e eu acabei cortando um dos meus pulsos. Porque eu ia cortar os dois para tentar morrer de novo, só que, no meio do caminho eu desisti porque eu imaginei que não valia a pena e eu tentei esconder [...] E aí, minha mãe pediu ‘pra’ eu tirar o moletom e eu tentei de tudo para disfarçar, fingir que não estava acontecendo nada, só que não deu. Aí eu precisei tirar e ela viu o corte no meu pulso, aí ela me levou para o hospital de novo, eu tive que dar 15 pontos e... mais uma vez eu achei que eu pudesse ser importante, mas aí passava uma semana e eu já entrava em crise de novo e aí eu comecei a perder as esperanças. E por mais que eu ainda esteja viva, por um milagre mesmo, porque nem eu sei como que eu tô, eu simplesmente não sinto que vale a pena, hoje em dia. Eu não tenho motivo para viver, eu não tenho vontade de viver.

Kris:

[...] como se diz, pra mim acabar com aquele sofrimento meus pensamentos começaram a, como se diz, começou agir, então era dia e noite eu pensando como ia fazer, só que antes, eu tipo assim, a vontade de morrer era grande, só que o medo de fazer era maior. Só que com o tempo, é, foi passando e eu fui, tipo assim, perdendo esse medo de tentar fazer alguma coisa, aí foi quando eu comecei, quando eu comecei a minha primeira tentativa, foi, tipo assim, que eu fui parar em um hospital assim, foi só uma. Mas já teve várias outras que eu tentei só que, como se diz, não fez efeito. Com remédio. Todas foram com remédios. Porque como eu falei, eu tinha medo, até eu pensava em faca, esses trem, só que tinha medo. Aí, eu falava “não, minha solução é o remédio que eu vou tomar e pronto” aí eu comecei a tomar a quantidade a mais, só que eu passava mal, eu tomava e vomitava. Era uma coisa assim “eu tomava e vomitava”, então, como se diz, o remédio não fazia efeito, só que aí esse ano, foi esse ano, eu fiz uma tentativa, aí eu não, como se diz, o remédio começou a fazer efeito eu comecei a desmaiar e teve que correr comigo para o hospital, cheguei lá tive que fazer, como se diz, lavagem. Aí foi essa. Aí como se diz, esses tempos pra trás eu tive um surto que eu fugi de casa assim no meio da noite, aí ficou todo mundo preocupado, meu irmão, meu pai, minha mãe e meu pensamento era de matar, eu meio que moro perto da BR, então meu pensamento era de me jogar na frente de um caminhão, de um carro, de tudo que vier pela frente e pra ninguém achar por onde eu saí eu fui por um lugar que ninguém mesmo imaginaria que eu tava.

Esses relatos denotam a presença de uma intenção inconsciente de morte, que nestes casos, culminaram em um equívoco, uma falha ou um tropeço. Como escreveu Lacan (1901-1981/2003, p.541), “o suicídio é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha”. Porém,

quando há falha, como nas cenas descritas pelas participantes, abre a possibilidade de interpretá-la por meio da palavra, uma vez que o que é passível de interpretação é o ato diante do qual o sujeito pôde sobreviver, e não o suicídio propriamente dito. Sabe-se, conforme explicitado no decorrer desta pesquisa, da complexidade do suicídio e do aumento estarrecedor das taxas de morte em decorrência da passagem ao ato, principalmente na adolescência, faixa etária que abarca o estudo desta pesquisa. Sabe-se também dos inúmeros fatores que podem desencadear o pensamento suicida, podendo culminar na tentativa de suicídio, resultando muitas vezes na passagem ao ato sem falha, impedindo qualquer possibilidade de interpretação. Assim, por meio do objetivo desta pesquisa que visou compreender o sofrimento psíquico do sujeito adolescente que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo. Condição inerente ao ser humano e constitutivo do sujeito e que o acompanhará por toda a vida, percebe-se a necessidade de rearranjos que funcionem como medidas protetivas aos adolescentes que experimentam de forma intensa esse sofrimento. Faz-se necessário costurar as histórias, amarrar a experiência vivida com medidas paliativas que sejam capazes de amenizar o sofrimento. Observa-se, no relato de vida das adolescentes que a medida paliativa adotada mais eficaz, que acende o desejo e as liga em direção a vida é a via do amor. Sobre isso, as participantes narraram:

Luna:

[...] e uma coisa: meus amigos sempre falam [...] eles falam 'lésbica', a palavra 'lésbica', eles olham para mim e falam: "Você gosta de mulher." "Você gosta de mulher". Brincam com isso, eu falo: "Yes! Thank you!" assim, eu me sinto mais eu. Quando as minhas inseguranças, que eu tenho inseguranças, são tratadas como normais e são tratadas como algo que é... tipo, tá já compreendido ali, é como se eu tivesse livre, me tirassem 3 algemas da minha pele. Então, sim. Pra caramba! Fico até feliz de falar.

Liv:

"[...] no dia que eu tentei suicídio ver a minha família sofrendo [...] eu não tenho vontade de viver e eu tô aqui mesmo porque eu sinto que isso é uma obrigação, porque eu sinto que eu tenho alguma em conta com a minha mãe [...]"

Kris:

Como se diz, eu criei um vínculo muito grande com a minha cunhada, que tipo assim, a gente, as vezes ela me chama de amiga, não é nem de cunhada [...]. [...] mas é todos os dias a gente conversando, final de semana, chega, como se diz, hoje é sexta, ela já me mandou mensagem "Bom dia, bom dia" um monte de

carinha rindo, tipo assim, ela sempre “ah cunha, vamos fazer isso. ah cunha, vamos comer isso [...] então ela, como se diz, é uma amiga, sabe? Que eu tenho.

Como já explicitado anteriormente, o ser humano, inicialmente, por uma completa dependência, desenvolve a necessidade de ser amado, e a partir daí desenvolverá a necessidade de amar e ser amado, que acompanhará o sujeito por toda a vida. Assim, como descrito pelas participantes, é por meio dos momentos que se sentem acolhidas, amadas que a pulsão de morte parece ceder ao desejo pela vida, nem que seja momentaneamente, pois conforme escreveu Freud (1930/2020), as sublimações das pulsões desempenham sua ajuda, porém “não pode assegurar proteção plena contra o sofrimento, ele não lhes cria uma armadura impenetrável contra as flechas do destino [...]” (Freud, 1930/2020, p.325). Faz-se necessário ampliar os espaços de escuta especializada. E a escuta psicanalítica pode introduzir uma nova escrita para o inconsciente.

A avaliação do risco suicida no caso a caso, e as ferramentas utilizadas pela teoria psicanalítica, a qual tem sua sustentação na função da palavra, podem contribuir com a redução nos casos de suicídio, pois muitos desses sujeitos convivem com o sofrimento psíquico por um período prolongado, e sem acesso a este recurso terapêutico. Embora, diante da multicausalidade e da complexidade do fenômeno, não seja possível erradicar o suicídio, é plausível a ampliação do acesso à escuta subjetiva de cada caso, possibilitando a reconstrução da narrativa dos fatos, sobretudo na adolescência, faixa etária que houve um aumento preocupante nos últimos anos. No entanto, quando a busca profissional acontece, geralmente está sob os cuidados da psiquiatria, pois no mundo atual o suicídio tornou-se uma patologia, conforme afirma Veras (2021). Constata-se, esta falta de acesso aos espaços de escuta da subjetividade do sujeito e da condução da psiquiatria no relato de Luna:

No começo, eu admito que parece uma coisa muito... codificada. Sempre parecia “ah, tá mal? Toma remédio” ‘nanana’. Porque nunca frisarão essa parte de conversar, sempre era ‘psiquiatra, psiquiatra, psiquiatra’ e eu tomei muitos tipos de remédios na minha vida, isso me afetou muito. Eu percebi que quando eu cheguei aqui, não sei, também pode- parte foi culpa da minha mãe, admito, mas focou muito mais em um psiquiatra do que em um psicólogo, sabe? E eu admito que eu preciso muito mais de um psicólogo. Sabe? Porque eu consigo controlar as minhas emoções em questões de ‘algo que é da minha personalidade’, mas eu não consigo em questão do que está acontecendo em volta. Eu preciso falar.

Assim, por meio da condução do analista, como escreveu Freud (1937/2021) o sujeito analisando deverá ser levado a recordar algo esquecido, algo que ele vivenciou e recalcou. À luz disso, Freud faz uma analogia entre o analista e o arqueólogo. O arqueólogo fará a

reconstrução por meio de escavações de uma moradia destruída e soterrada ou construída no passado. Por meio dos resquícios das construções ainda existentes, reconstitui os antigos ornamentos a partir dos restos encontrados nos escombros. O analista, por sua vez, procede da mesma forma. Ele tira suas conclusões por meio dos fragmentos de lembranças, associações e declarações do analisando. O analista também dispõe de material para o qual não há correspondente nas escavações, como a repetição, por exemplo, oriundas de tempos primevos, e recalçadas e que manifestam por meio da transferência.

Desta forma, percebe-se, como escreveu Freud que em relação ao objeto psíquico, tudo está preservado, mesmo aquilo que parece totalmente esquecido, está presente em algum lugar, estando apenas inacessível ao sujeito, mas não cessa de repetir. Pois as formações psíquicas não são suscetíveis de destruição total. Outrossim, escavar o objeto psíquico é incomparavelmente mais complexo que o objeto material do arqueólogo, pois ainda abriga muitos mistérios. Ademais, assim como o objeto psíquico, a passagem ao ato também abriga muitos enigmas a serem desvendados, interpretados. E diante da complexidade e multicausalidade do fenômeno em estudo, muito ainda há o que pesquisar para auxiliar no enfrentamento deste mal-estar que destrói o sujeito. Pois, como escreveu Freud, “tolerar a vida continua a ser, afinal, a primeira tarefa de todos os seres vivos. A ilusão perde seu valor quando ela, nesse caso, perturba-nos” (Freud, 1915/2020, p.132). Assim, constata-se por meio desta pesquisa, que nenhuma medida será completamente eficaz contra a força da pulsão de morte mas, ao menos momentaneamente, algumas intervenções paliativas poderão aplacar a angústia sentida, conduzindo o sujeito à pulsão de vida, fio condutor que os leva à resistência e à vida.

Considerações Finais

Considerando o suicídio, um problema de saúde pública, complexo e de multicausalidade, com aumento significativo nos últimos anos, sobretudo entre os adolescentes, esta pesquisa partiu da necessidade de apreender sobre o sofrimento psíquico do adolescente, que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo.

Inicialmente, a partir da experiência como psicóloga escolar, percebemos o quanto vivemos um momento inquietante no qual o fenômeno da elevação das taxas de suicídio é percebido nas escolas, nas universidades, no Brasil e, sobretudo, no mundo todo. Inserida nesse contexto preocupante, ao qual ocorria o expressivo aumento das solicitações das unidades escolares acerca do sofrimento psíquico dos adolescentes, principalmente com comportamentos autolesivos, com pensamento de morte, tentativa de suicídio ou ainda a passagem ao ato suicida. Tendo em perspectiva que a principal atividade dos psicólogos da equipe relaciona-se a empreender encontros formativos com as equipes pedagógicas abordando a temática, as ações eram constantemente planejadas, visando alcançar os estudantes das unidades escolares e as famílias. Em tais reuniões, eram trabalhadas as várias temáticas que abarcam o suicídio, desde a prevenção, a escuta do sofrimento psíquico dos estudantes e, quando necessário, era feito o encaminhamento para a Rede de Atenção Psicossocial do município. A prevenção também era assunto abordado na pauta da equipe, pois além das tentativas de suicídio, a passagem ao ato sem falhas, também acontecia.

Partindo desta inquietação, que requer estudo para uma atuação mais efetiva com a prática da psicologia escolar, iniciou-se o caminho desta pesquisa. Assim, diante de uma ampla possibilidade de estudo, que o fenômeno permite, após formulações e reformulações, buscamos apreender o sofrimento psíquico do adolescente que tenta suicídio, a partir da condição originária do desamparo. Desta maneira, originou-se a pesquisa por meio da conceituação teórica do desamparo a partir da teoria freudiana. Freud, escreve vários textos sobre o desamparo, mas foram os textos *O futuro de uma ilusão* (1927) e, principalmente, o *Mal-estar na civilização* (1930) que fundamentaram esta pesquisa, uma vez que procurou-se investigar sobre o aumento estarrecedor das taxas de suicídio nos últimos anos entre a faixa etária que inclui a adolescência, portanto o contexto sociocultural também foi objeto de contínuo estudo, pois não podemos falar de suicídio sem pensar no mundo em que vive o suicida. Afinal, é possível questionarmos o quanto a sociedade também está adoecida e, conseqüentemente, adoce o sujeito.

Inicialmente, buscou-se estudar a constituição psíquica do sujeito que tenta suicídio e, para isso, realizamos um percurso teórico da obra freudiana, enfatizando a condição psíquica do desamparo, desde o nascimento, até a faixa etária que abrange a adolescência. Sabe-se, conforme explicitado no decorrer desta pesquisa que o desamparo acompanhará o sujeito por toda a vida, no entanto o recorte desta pesquisa aconteceu entre a faixa etária, dos 13 aos 18 anos, período que também ocorreu o maior índice de notificações por suicídio nos últimos anos. Assim, diante de situações que ameaçam a vida, que sinalizam para o sujeito a sua impotência e vulnerabilidade, ele lança mão de medidas paliativas, a fim de amenizar sua angústia. Logo, percebeu-se por meio das narrativas de vida das participantes desta pesquisa, um sofrimento psíquico ao qual experimentam a dor de existir continuamente, levando-as a desligarem-se do desejo pela vida, revivendo o desamparo originário e flertando com a pulsão de morte.

Ainda no primeiro capítulo, evidenciou-se o mal-estar oriundo do processo civilizatório. Sabe-se do processo de constante transformação ao qual o momento sociocultural atravessa, e de como isso tem afetado o sujeito adolescente na atualidade. Vive-se a cultura do narcisismo, onde as relações são efêmeras e fluidas. Paulatinamente, as relações afetivas vão sendo substituídas pela geração dos hiperconectados, onde o virtual ganha lugar de destaque, principalmente na faixa etária que abarca a adolescência, levando-os ao isolamento social, aumentando cada dia mais o número de horas frente as telas. Uma substituição perigosa, pois nem sempre, o interlocutor, será o mais preparado para ouvir ou dialogar sobre as angústias do adolescente. Um encantamento sedutor, mas que, em muitos casos, sem que o adolescente perceba, estará sozinho, isolado em seus quartos, acompanhado pelas telas.

Apreendemos, a partir desta pesquisa os inúmeros benefícios oriundos do desenvolvimento cultural, no entanto, apreendemos também o quanto o contexto sociocultural pode ser desencadeador de mal-estar. Destarte, assim como a cultura pode ser representativa da pulsão de vida agrupando os sujeitos, a pulsão de morte se oporia a esse programa por meio da hostilidade existente entre os seres humanos. Nesse sentido, o desenvolvimento cultural proporciona ao sujeito uma constante luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, afetando significativamente o sujeito, como pertencente desse processo sociocultural atual.

Assim, a vida em sociedade na contemporaneidade tem-se apresentado como causa de mal-estar. Diante de tal constatação há de se compreender que o sujeito deverá ligar-se libidinalmente a objetos de amor, sejam eles por meio da arte, do trabalho ou das relações afetivas. E isso, acontece em via contrária ao posto pelo desenvolvimento cultural na atualidade, onde por meio do capitalismo o lucro e o sucesso impõem o empreendedorismo de si mesmo, restando pouco espaço ou quase nada para a empatia e solidariedade. A competitividade, o

imediatismo, o excesso de informação, a mundo da imagem perfeita, o discurso de ódio, a intolerância às diferenças, o preconceito, enfim, inúmeros são os fatores que podem desencadear sofrimento psíquico acompanhado do pensamento de morte.

Dessa maneira, a partir do contexto sociocultural na atualidade, apreendeu-se o quanto o sujeito poderá vivenciar situações conflituosas, reverberando sofrimento psíquico a partir da rigidez superegoica presentificada em instituições sociais como a família, a igreja, a escola. Notou-se a partir das narrativas de vida das adolescentes que participaram da pesquisa o mal-estar oriundo destas instituições sociais. Repetiu-se, no discurso narrativo das adolescentes o sofrimento procedente dos conflitos vivenciados na infância com o núcleo familiar. Sentimentos de rejeição e abandono se presentificaram durante a infância. Brigas, violência física e psíquica, ameaças, situações que foram vivenciadas na infância em seu meio familiar. As situações de exclusão e abandono, manifestaram-se também por meio dos líderes da igreja, e conseqüentemente dos fiéis que a frequentavam. Assim, esta instituição também não acolheu as feridas apresentadas por estas adolescentes que optaram por não mais frequentarem a igreja, principalmente, por enfrentarem dificuldades quanto à sexualidade, pois segundo elas havia um discurso de respeito e aceitação, porém quando revelaram sobre o conflito vivenciado foram questionadas, inclusive sendo apontado pelos familiares e líderes religiosos que a fonte do sofrimento vivenciado era por causa da sexualidade, como se a homossexualidade fosse a raiz de todo o sofrimento vivenciado.

Constatamos a rigidez superegoica das instituições sociais, mesmo diante de um discurso em que a sociedade atual se apresenta com maior liberdade, livre dos julgamentos morais, de regras mais flexíveis, e do respeito às diferenças. Inferiu-se a partir desse estudo, que algumas conquistas foram, de fato, alcançadas, embora no atual momento sociocultural, vive-se novos parâmetros, porém rígidos como sempre. Outra instituição a qual as adolescentes relataram ter enfrentado grande mal-estar foram as escolas. Relataram em suas narrativas terem sofrido *bullying* e diversas formas de exclusão. Conforme relato das participantes, a escola, além de segregar, não sentem-se percebidas ou acolhidas.

A cultura narcisista, onde os vínculos são superficiais, e se dissolvem rapidamente, se presentifica em todos os espaços sociais. A lógica do discurso presentificado pelo regime capitalista se caracteriza pela satisfação plena, livre da infelicidade e dos sofrimentos, despertando a ilusão de que os objetos adquiridos a partir do consumismo são capazes de tamponar a falta estrutural. E as instituições inseridas neste cenário repetem este discurso, onde a idealização é de que se os sujeitos forem bem-sucedidos, obtiverem sucesso e riqueza serão felizes. Diante desse ideal imposto, não há lugar para as falhas, frustrações e edições das perdas.

Logo, quando o sujeito se vê impossibilitado de atingir esta expectativa, refugiam-se muitas vezes no estado depressivo, e por vezes se precipitam ao ato suicida. Assim, em muitos casos o ato suicida poderá acontecer, pelo fato de o sujeito não conseguir corresponder a expectativa do Outro, presente na cena social. Muitas vezes é o Outro que expulsa o sujeito de seu mundo fazendo com esse sujeito se identifique com o nada, com um dejetivo.

Constatamos, por meio deste estudo a complexidade do ato suicida, bem como os inúmeros fatores que podem desencadear o suicídio. Porém, ainda que se trate de um tema complexo e de multicausalidade, é passível de observação e intervenção. A partir da análise das narrativas de vida das adolescentes, inferiu-se quão insuportável é a dor sentida por estes sujeitos. Assim, a passagem ao ato é o desfecho do insuportável vivenciado. Entendemos a partir desta pesquisa que existe um discurso por trás da vontade de morrer, não se trata da morte propriamente dita, mas da morte da angústia que experimentam diariamente, do reviver atual do desamparo originário.

Imersos nesta sociedade adoecida, vivenciamos o caos das Políticas do Estado do Governo de Jair Bolsonaro no que refere a saúde mental. O retrocesso de políticas, investimentos e conquistas que levaram décadas para serem alcançadas, foram alvos de desmanche logo que o presidente Jair Bolsonaro assumiu o governo. Portanto, além da escuta acolhedora do sujeito adoecido, tornou-se urgente na atualidade a escuta política, a ampliação de espaços para discussões e implementação de políticas públicas sérias e de profissionais para atuarem em espaços tanto preventivos, quanto para intervenção terapêutica do sofrimento psíquico dos adolescentes.

No Brasil, percebemos a importância da universalização do SUS como política de prevenção ao suicídio, pois em um país como o nosso, o convênio com um plano de saúde privado é inacessível a uma grande maioria da população. Observamos a importância do CAPS na vida das adolescentes que participaram desta pesquisa e que certamente representam outros milhares de adolescentes que se beneficiam com os atendimentos oferecidos pelos CAPS. Possivelmente, um dos nossos grandes desafios enquanto pesquisadores seja o de fomentar discussões que promovam a unidade coletiva da Rede de Atenção Psicossocial de modo que acolham e impulsionem o cuidado com a saúde mental.

Em decorrência desse estudo, enfatizamos que não tivemos a pretensão de evitar todas as mortes por suicídio, mas suscitar a importância de novas pesquisas para a compreensão desse fenômeno de modo que possamos atuar de maneira mais efetiva diante desses casos. Utilizar-se da psicanálise para a escuta subjetiva do sujeito, utilizando-se do recurso simbólico para articular o saber inconsciente para impulsionar o sujeito para a vida. Levar o sujeito a servir-se

das palavras para não precisar morrer por suicídio. Infelizmente, muitos adolescentes que morreram por suicídio não tiveram acesso aos serviços especializados.

Diante do explicitado, sabe-se da complexidade do fenômeno, mas sabe-se também que muitas mortes podem ser evitadas por meio do acompanhamento de um profissional, do acesso a instituições especializadas para atenderem este sujeito. Muitas mortes também podem ser evitadas por meio do acesso à informação, por meio da palavra quando reconhecem que precisam de ajuda e procuram por ela. Os adolescentes que tentaram suicídio, e o ato falhou, assim como aconteceu com as participantes desta pesquisa, pode evidenciar um recomeço, um pedido de ajuda, um dizer por trás de um não dizer. Que a escuta psicanalítica possa introduzir uma nova escrita aos sujeitos, que não seja um ponto final, brutal, silenciado definitivamente. Que o sujeito de utilize dos atos, mas os atos falhos para a reconstrução de sua história. Que por meio do registro simbólico esse sujeito chegue aos profissionais especializados, que a palavra antecipe a passagem ao ato para que possam deixar registrado sua inscrição do viver, e não pela morte por suicídio.

Finalizando, como já mencionado, sabe-se que o tema envolve motivações internas e outras geradas pelo contexto sociocultural, portanto o que limita a possibilidade de se esgotar o estudo sobre o suicídio, na adolescência, sobretudo por tratar-se de um fenômeno amplo, de uma complexidade e oriundo de multifatores. Portanto, o caminho trilhado pela pesquisa aponta para a importância de investigações futuras sobre esse assunto, visando a constituição de estratégias educacionais e psicossociais que permitam a ligação destes sujeitos com a vida, visto que a morte atinge um completo colapso quando abate sobre a própria vida ou de um ente querido. Quanto mais, quando esta morte ocorre por suicídio.

Referências

- Oliveira, A. A. A., Resstel, C. C. F. P., & Justo, J. S. (2014). Desamparo Psíquico Na Atualidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 13(1), 21-32. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf>.
- Adorno, T. W. (1995). Palavras e sinais: modelos críticos 2 (Maria Helena Ruschel, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Adriana Aparecida Almeida de Oliveira, Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel & José Sterza Justo *Revista de Psicologia da UNESP* 13(1), 2014. 21 Desamparo Psíquico Na Atualidade 1515
- Assis, M. F. P. (2018). Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de psicanálise*, 40(38), 183-206. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Baisole-Alves, Z., M., M. (1998). A pesquisa psicológica: Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em *Diálogos metodológicos sobre práticas de pesquisa* (pp. 135-157). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Barros, T. (1999). Solidão, Desamparo e Criatividade. *Psicanálise - Revista da Sociedade SBPdePA*, 9(1), 265-282.
- Bauer, W. M. & Gaskell, G. (2000). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (Pedrinho A. Guareschi, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Bertaux, D. (2010). *Narrativas de vida; a pesquisa e seus métodos*. (Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Trad.). Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS). *20 anos da Reforma Psiquiátrica no Brasil: 18/05 – dia nacional da luta antimanicomial*. Recuperado de <https://bvsm.s.saude.gov.br/>.
- Birman, J. (2000). *Mal-Estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2008). Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In *Destinos da adolescência*. Rio de Janeiro: 7Letras. Recuperado de <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/birman-adolescencia-sem-fim.pdf>.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na atualidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Botega, J. N. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. (2021). *Suicídio na pandemia Covid-19*. Recuperado de <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-e-saude-mental-cartilha-aborda-prevencao-do-suicidio>.

- Brasil. Ministério da Saúde (2004). *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1212.pdf>.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Carreiro, T. C. O. (2012). Vidas fazendo histórias e construindo histórias de vida. In Viana, T. C., Diniz, G. S., Costa, L. F., & Zanello, V. (Orgs.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea* (pp. 32-46). Brasília: Liber Livros. 555p.
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais - uma introdução*. São Paulo: Blucher.
- Cassorla, R. M. S. (2021). *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental*. São Paulo: Blucher.
- Conselho Federal De Psicologia (CFP). (2005). *Código de Ética Profissional dos Psicólogos*. Resolução n.º 10/05.
- Creswell, J. W. (2010) *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. (Magda Lopes, Trad.). Porto alegre: Artmed.
- Crochík, J. L. (1998). Os Desafios Atuais do Estudo da Subjetividade na Psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 69-85. doi: 10.1590/psicousp.v9i2.107820.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Dunker, C. I. L. (2021). A pena de Maat e a escuta trágica do suicídio. In *Vamos falar sobre suicídio?* (19-33). São Paulo: Cult Editora.
- Freire, V. C. R. (2017). *Suicídio na adolescência: reflexões sobre o mal-estar na atualidade*. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0424.pdf>.
- Freud, S. (2020). O esclarecimento sexual das crianças (1907) In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 81-90). (Maria Rita Salzano Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-405). (Maria Rita Salzano Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2020). O futuro de uma ilusão. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 233-295). (Maria Rita Salzano Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (2020). Além do princípio de prazer. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Além do princípio de prazer* (pp. 57-205). (Maria Rita Salzano Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).

- Freud, S. (2021) As pulsões e seus destinos. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – As pulsões e seus destinos* (7ª ed.) (pp. 13-63). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2021). Construções na análise. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Fundamentos da clínica psicanalítica* (2ª ed.) (pp. 365-379). Belo Horizonte: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6) (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2020). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 99-132). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2006). O desenvolvimento da função sexual. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Maria Aparecida Moraes Rego, Trad.). (vol. 23, pp. 165-169). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1940[1938]).
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 137-225). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada e 1921).
- Freud, S. (2021). Lembrar, repetir e perlaborar. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Fundamentos da clínica psicanalítica* (2ª ed.) (pp. 151-161). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2006). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Eudoro Augusto Macieira de Souza, Trad.) (vol. 19, pp. 271-286) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2006). A organização genital infantil (uma interlocução na teoria da sexualidade). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Eudoro Augusto Macieira de Souza, Trad.) (vol. 19, pp. 155-161) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2006). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Durval Marcondes, J. Barbosa Corrêa, Ismael de Oliveira, David Mussa, Clotilde da Silva Costa, Jayme Salomão, Paulo Dias Corrêa, Trads.). (vol. 11, pp. 243-244) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (2021). Luto e melancolia. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Neurose, psicose, perversão* (Maria Rita Salzano Moraes, Trad.) (pp. 99-118). Belo Horizonte: Autêntica. (Obras original publicada em 1917).
- Freud, S. (2006). O inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto, Cristiano Monteiro Oiticica, Trad.). (vol. 14, pp. 163-222) Rio de Janeiro: Imago. (Obra

original publicada em 1915).

- Freud, S. (2006). O Ego e o Id. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Jayme Salomão, Trad.). (vol. 19, pp. 15-69). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Margarida Salomão, Trad.). (vol. 1, pp. 347-396). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto, Cristiano Monteiro Oiticica, Trad.). (vol. 14, pp. 75-108). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vera Ribeiro, Trad.). (vol. 7, pp. 119-217) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2013). *Inibição, Sintoma e Angústia*. In *Obras completas* (Paulo César de Souza, Trad.) (vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).
- Fukumitsu, K. O. (2013). O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fukumitsu, K. O. (2018). Suicídio, Luto e Posvenção. In *Vida, morte e luto* (pp. 216-231). São Paulo: Summus.
- Greco, M. (2021). Ponto final? In *Vamos falar sobre suicídio?* (pp. 139-152). São Paulo: Cult Editora.
- Iannini, G., & Tavares, P. H. (2020). Para ler o Mal-estar. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Cultura, Sociedade, Religião. O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 7-29). Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. (2000). Entrevista narrativa. In Bauer, M. & Gaskell, G. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Kaufmanner, H. (2021). A vida em ato por um fio. In Iannini, G. (Org.), *Vamos falar sobre suicídio?* (pp. 35-51). São Paulo: Cult Editora.
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In Novais, R. & Vanuchi, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 88-111). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- Kehl, M. R. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kovács, M. J. (1992). *Comportamentos autodestrutivos e o Suicídio*. (pp. 165-187). (Morte e Desenvolvimento Humano, coordenadora Maria Júlia Kovács). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 11-128). Rio de Janeiro: Zahar (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003). “O ato psicanalítico”. In *Outros escritos* (pp. 371-382). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1967-1968).
- Lacan, J. (2003). “Televisão”. In *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1901-1981).
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. (Francisco Morás Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Miller, J. A. (2014). Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção lacaniana*, Ano 5, n. 13, 2014. Recuperado de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf.
- Minayo, M. C. S. (2014). Técnicas de pesquisa. In *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (pp. 261-273). São Paulo: Hucitec.
- Monteiro, R. A., (2011). *Desamparo e intensidades em ato na adolescência: riscos ao devir*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Müller, S. A., Pereira, G., & Zanon, R. B. (2017). Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 6-23. doi: 10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1686.
- Muylaert, C. J., Sarubbi Jr., V., Gallo, P. G., Neto, M. L. R., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Rev. esc. enferm. USP*, 48(spe2), 2014. doi: 10.1590/S0080-623420140000800027.
- Oliveira, H. M., & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na atualidade: uma crise dentro da crise. *Ágora* (Rio de Janeiro), 20(2), 295-310. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/?lang=pt&format=pdf>.
- Oliveira, V. R. S. (2020). *Suicidologia para psicólogos*. Salvador: Editora Sanar, 2020.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2014). *Preventing suicide: o global imperative in 2014*. Recuperado de <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564779>.

- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2021). *Suicide worldwide in 2019*. Recuperado de <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artmed.
- Penso, M. P., & Sena, D. P. A. (2020). A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Revista Sociedade e Estado*, 35(1), 61-81. doi: 10.1590/s0102-6992-202035010004.
- Quaglia, G. (2006). *A dimensão trágica da Hilflosigkeit em Freud*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14087>.
- Ribeiro, C. N. & Guerra, A. M.C. (2021). O suicídio na adolescência. In Iannini, G. (Org.), *Vamos falar sobre suicídio?* (pp. 53-69). São Paulo: Cult Editora.
- Rigo, S. C. (2013). Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>.
- Santos, A. J. (2022). *Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências*. Goiânia: UFG.
- Santos, R. A. A., Mezzari, D. C. S., & Teixeira-Filho, F. S. (2021). A narrativa de histórias de vida como recurso metodológico na pesquisa em psicologia. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8(16), 171-184. Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11715>.
- Santiago, J. (2021). *Metapsicologia do ato suicida*. São Paulo: Cult Editora.
- Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(1), 15-43. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. (2021). *Boletim Epidemiológico*, 33 (52). Recuperado de https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_vs_33_final.pdf/view.
- Sousa, P. S. M. (2020). *Adolescência e atos autoagressivos: o grupo da diversidade como dispositivo de cuidado em saúde mental* (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal). Recuperado em 10 de outubro 2021 de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38932#:~:text=https%3A//repositorio.unb.br/handle/10482/38932>
- Veras, M. (2021). *A solidão dos hiperconectados*. São Paulo: Cult Editora.

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. (Daniel Bueno, Trad.). Porto Alegre: Penso.

Werlang, B. (2013). Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>.

Anexo A
Termo de Anuência



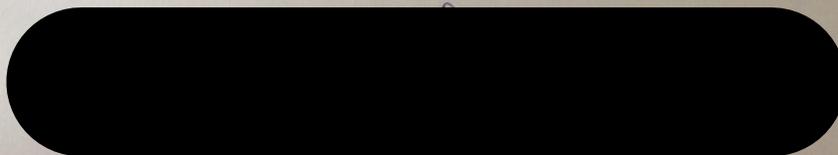
TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

Da:	Universidade Federal de Goiás
Ao:	Comitê de Ética em Pesquisa
Título da Pesquisa:	A ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica.
Pesquisador responsável:	Longonice Rodrigues dos Santos Reis
Orientadora:	Susie Amâncio Gonçalves Roure
Período de coleta:	Maior a agosto de 2022
Instituição:	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás
Curso:	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Natureza:	Pesquisa Qualitativa para realização de mestrado acadêmico

Após análise do Projeto de Pesquisa acima citado, a Secretaria Municipal de Saúde informa a viabilidade de execução do mesmo junto ao CAPSI Crescer Anápolis. Esta Instituição está ciente de suas responsabilidades no presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes nela inseridos, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Entretanto, a execução deste projeto dependerá da aprovação em um Comitê de Ética em Pesquisa, mediante apresentação do parecer ético consubstanciado junto à Instituição de Ensino. Ressaltamos que os princípios ético-legais devem ser seguidos, conforme a Resolução CNS 466/2012.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Anápolis, 29 de Novembro de 2021.



SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
RUA PROFESSOR ROBERTO MANGE, Nº 152, PISO 4 – VILA SANTANA
CEP: 75113-630 ANÁPOLIS - GO
TELEFONE: (62) 3902-2645
E-MAIL: nes@anapolis.go.gov.br

Anexo B

Termo de Compromisso

PPGP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

FE
FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

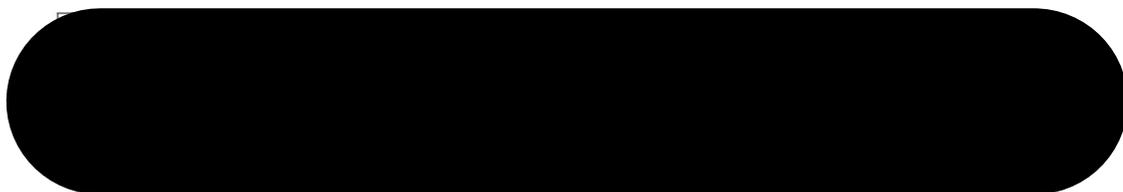


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12* e/ou da *Resolução CNS n.º 510/16*, bem com suas complementares, como pesquisadora responsável pelo projeto intitulado “Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”. Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Data: 03/12/2021



Anexo C

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica

Pesquisador: LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 55957822.4.0000.5083

Instituição Proponente: CEPAE / UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.512.097

Apresentação do Projeto:

Este protocolo, intitulado “Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”, sob orientação da profa. dra. Susie Amancio Gonçalves de Roure, tem como pesquisadora responsável, LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás.

A pesquisadora apresenta a importância e justificativa do estudo: “O suicídio é um problema de saúde pública, definido pela Organização Mundial da Saúde (2020) como um fenômeno complexo e multifatorial, e, portanto, algo que angustia a todos os envolvidos, como: o sujeito que vivencia o sofrimento, a equipe de profissionais que atuam diretamente na contenção de uma crise suicida, pessoas que possuem vínculos afetivos com quem tenta ou comete suicídio, como amigos, trabalho, escola, comunidade, dentre outros. A família que lida com a dor da perda ou das tentativas de suicídio ou ainda com a ideação suicida. Os familiares são invadidos por sentimentos confusos em meio ao caos das inúmeras tentativas ou do ato consumado, do sentimento de culpabilização ou de impotência diante do ocorrido, enfim um fenômeno complexo e oriundo de inúmeros fatores, conforme descrito pela OMS e com consequências no âmbito individual e coletivo. Conforme os dados da OMS (2021) o suicídio continua sendo uma das principais causas de morte em todo o mundo. Segundo publicação recente, no Relatório “Suicide worldwide in 2019” as pessoas morrem mais por suicídio do que por doenças como a malária, HIV ou câncer de mama.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

Ainda segundo este relatório as mortes por suicídio são superiores as que acontecem em consequência das guerras ou por homicídio. Esses dados representam no cenário mundial, em 2019, mais de 700 mil mortes por suicídio, representando 1 em cada 100 óbitos. Entre a faixa etária dos 15 a 19 anos representa a 4ª causa entre os jovens de ambos os sexos e a 3ª causa entre meninas (WHO, 2021). Conforme publicada recentemente, a 16ª cartilha da série Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 (2021, citado por Golberstein, 2019), o contexto da pandemia associado ao isolamento social, afastamento das pessoas queridas, o medo constante da morte ou da perda de entes queridos, aliados ainda a questões sociais e econômicas podem ser fatores de vulnerabilidade para suscitar ou agravar sofrimentos psíquicos. E oriundos destes sofrimentos, os sujeitos poderão ter intensificados os problemas de saúde mental, em especial os sintomas da depressão e ansiedade potencializando o comportamento suicida. Portanto, nota-se um problema presente na sociedade, onde o cenário atual, mesmo diante de ações e práticas preventivas já previstas pela Organização Mundial da Saúde, atua de forma desencadeante e intensificadora dos fatores de risco para a comunidade de maneira geral. Desta forma, nota-se que o contexto atual contribui para os agravos dos sofrimentos psíquicos, pois, segundo estudos realizados os eventos extremos e estresse agudo podem contribuir para o aumento dos casos de tentativa de suicídio (FIOCRUZ, 2021). Inserida neste contexto e atuando como Psicóloga Escolar da Equipe Multiprofissional surge a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa. Dentre as demandas desta função a que mais me inquietou refere-se à quantidade de solicitações das Unidades Escolares acerca de comportamento suicida, com ou sem risco de morte. A partir da experiência vivida diariamente na escuta dos adolescentes que apresentam em suas narrativas de vida o sofrimento psíquico com ideias, pensamentos repetitivos e insistente de morte e da aflição da equipe pedagógica das escolas ao lidar com esta temática, surgem alguns questionamentos: O que tem acontecido na sociedade atual que o comportamento suicida tem se tornado cada vez mais presente entre os adolescentes? Por que o morrer tem se tornado a saída encontrada para o sofrimento? Conforme Alvarez (1999, citado por Fukumitsu, 2013) o ato suicida vai contra o instinto de autopreservação, desse modo a taxa de suicídio tem muito a revelar sobre a complexidade de uma cultura. Para este pesquisador um ato suicida não representa apenas uma tragédia de âmbito pessoal, mas abrange o viés individual, social e cultural, visto que se trata de um fenômeno multifatorial. Assim sendo torna-se extremamente relevante estudar o comportamento autodestrutivo e compreender a constituição psíquica subjetiva do sujeito sem desconsiderar o atravessamento da cultura na formação subjetiva do indivíduo. O suicídio é descrito pelos estudiosos do assunto como a saída para os sofrimentos vivenciados, porém para

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

os que ficam, os enlutados, o sofrimento fará parte de sua rotina e permanecerá de maneira perturbadora, causando um caos na vida dos sobreviventes (Fukumitsu, 2018). [...] Assim, diante da complexidade do suicídio e de sua amplitude, seja pelas vias da prevenção ou posvenção, seja com aquele que tentou suicídio, ou com os que consumaram o ato e deixaram os sobreviventes enlutados, há muito o que compreender diante deste fenômeno. Portanto diante da vasta literatura que abarca a temática eu pretendo estudá-la pelo viés psicanalítico, objetivando aprofundar a compreensão teórica da relação entre o desamparo na adolescência e a ideação suicida na atualidade.”.

Hipótese:

“Partiremos da hipótese de que a ideação suicida na adolescência mobiliza aspectos psíquicos inconscientes inerentes a constituição psíquica do sujeito. Estes, podem ser compreendidos a partir do desamparo estrutural, objetivando evitar a angústia. Porém, é certo que o desamparo acompanhará o sujeito ao longo da vida e repetirá todas as vezes em que houver a perda de objeto. Desta forma, o desamparo pode ser compreendido como uma reminiscência da perda do objeto amado – a mãe, (Freud, 1926). Nesse contexto de vulnerabilidade, a presente pesquisa pretende dialogar com a reminiscência do desamparo psíquico na adolescência oriundos do contexto social na atualidade e que reverbera na ideação suicida, para tanto será observada a tríade desamparo, adolescência e ideação suicida na atualidade”.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo Primario:

“Compreender a relação entre o desamparo na adolescência e a ideação suicida na atualidade.”.

Objetivos Secundarios:

- a) “Analisar as taxas de suicídio na adolescência, bem como sua contextualização histórica;
- b) compreender o processo do adolecer pelo viés psicanalítico, problematizando os desafios deste período na atualidade; e,
- c) refletir sobre a constituição subjetiva do sujeito a partir da condição psíquica do desamparo.”

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisadora responsável afirma:

“A pesquisa poderá oferecer riscos mínimos, visto que as perguntas poderão suscitar sofrimentos psíquicos tais como desconforto emocional, constrangimento, mal-estar, diante disso o participante poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trazer angústia”.

Benefícios:

“O estudo se destaca por oferecer um espaço de fala para os adolescentes e se torna relevante por possibilitar um olhar endereçado a constituição da subjetividade, bem como implicações sociais, constitutivos do sofrimento psíquico dos adolescentes com ideação suicida e daqueles que possuem vínculos afetivos, afetando-os de forma direta ou indiretamente. Com o aprofundamento teórico da problemática estudada, visa-se contribuir com a qualidade da escuta aos adolescentes, tanto na Rede Educacional de Ensino quanto no espaço da clínica, construindo aportes à prática médica, psicológica, escolar e as demais áreas da saúde.”.

Desfecho Primário:

“A pesquisa pretende compreender a relação entre o desamparo e a ideação suicida na adolescência no contexto da atualidade, visto que os dados revelam um aumento significativo das notificações por suicídio, sobretudo na adolescência. O estudo se destacará por oferecer um espaço de fala para os adolescentes e se torna relevante por possibilitar um olhar endereçado a constituição da subjetividade, bem como implicações sociais, constitutivos do sofrimento psíquico dos adolescentes com ideação suicida e daqueles que possuem vínculos afetivos, afetando-os de forma direta ou indiretamente. Com o aprofundamento teórico da problemática estudada pretende-se contribuir com a qualidade da escuta aos adolescentes, tanto na Rede Educacional de Ensino quanto no espaço da clínica, construindo aportes à prática médica, psicológica, escolar e as demais áreas da saúde.”.

Desfecho Secundário:

“A pesquisa proporcionará ao participante uma oportunidade de escuta qualificada, possibilitando a experiência de elaboração do desamparo e dos sofrimentos psíquicos. Para a ciência, a construção e aprimoramento de conhecimentos”.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme descrito no projeto e no Protocolo de Informações Básicas, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de aporte teórico psicanalítico e apresenta a seguinte construção metodológica:

Participantes: 4 adolescentes atendidos por psicólogo (a) do Capsi “Crescer” (Anápolis-GO), com idade entre 13 e 18 anos.;

- a) Recrutamento e convite: seleção dos participantes através de prontuários de atendimento do Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Anápolis (Capsi). Contato telefônico com os pais ou responsáveis (“cuidador”), para verificar disponibilidade e agendamento da entrevista inicial;
- b) Primeira entrevista com “cuidador” e o adolescente, para apresentação do objetivo da pesquisa, o sigilo das informações coletadas, bem como a necessidade da gravação da entrevista e obtenção do TCLE e TALE;
- c) Entrevistas no formato presencial: (1) entrevista narrativa com “cuidador”, para melhor compreensão das relações afetivas que perpassam a história de vida do adolescente;
- e (2) entrevista narrativa com o adolescente;
- d) As entrevistas serão gravadas e registradas também em diário de campo.

Critérios de Inclusão/exclusão:

- “a) ter entre 13 e 18 anos;
- b) ser atendido por psicólogo do Capsi;
- c) Não ter indicação para internação e não estar em tratamento intensivo domiciliar;
- d) não estar institucionalizado”.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Este protocolo de pesquisa contém: carta de encaminhamento ao CEP; Folha de Rosto devidamente assinada; Termo de Compromisso assinado pela pesquisadora responsável e pela orientadora; projeto detalhado; cronograma com início da coleta previsto para 01 de junho de 2022, instrumento (roteiro de entrevista narrativa individual), anuência da Secretaria Municipal de Saúde de Anápolis-GO; anuência do Núcleo de Educação em Saúde de Anápolis, limitando a realização da pesquisa no Capsi “Crescer”; TCLEs e TALE, em conformidade com os preceitos éticos para pesquisa com seres humanos.

Nesse novo protocolo de pesquisa apresentado, a pesquisadora atendeu todas as solicitações desse Comitê, através da Carta de Encaminhamento, tendo esclarecido ou feita a adequação dos seguintes pontos:

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

- 1) Quanto à redação do TCLE que solicita ao responsável, a autorização da participação do filho(a) na pesquisa. A redação do documento denominado "TCLE" não está adequada. Neste, o responsável deverá autorizar a participação do(a) filho(a) na pesquisa. Assim, deve-se adequar a redação, como por exemplo: Na linha 4: "Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você autorizar a participação do/a seu/sua filho/filha, assine" [...]. **PENDÊNCIA ATENDIDA**
- 2) Este comitê solicita ainda atenção, nos dois documentos TCLEs, para que o espaço de assinaturas do participante e das pesquisadoras fiquem na mesma página do texto de Consentimento da Participação na Pesquisa. **PENDÊNCIA ATENDIDA**
- 3) Anexar carta de encaminhamento direcionada ao CEP, com a descrição das adequações solicitadas nesse parecer e os detalhes relativos às alterações realizadas nos documentos para atender as pendências. Qualquer dúvida entrar em contato com o CEP, por telefone, para mais orientações. **PENDÊNCIA ATENDIDA**

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise conclui-se pela aprovação deste protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO e lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1893227.pdf	31/05/2022 16:34:41		Aceito
Outros	CARTEDEENCAMINHAMENTOMAIO.docx	31/05/2022 16:33:29	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResponsaveis.pdf	31/05/2022 16:31:46	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970

UF: GO **Município:** GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.512.097

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	31/05/2022 16:31:23	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	CARTEENENCAMINHAMENTO.pdf	21/04/2022 22:13:54	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	21/04/2022 22:13:02	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa2021PB.pdf	21/04/2022 22:12:44	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	14/02/2022 09:36:52	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	Instrumentodecoletadedados.pdf	09/02/2022 21:22:52	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	Termodeanuencia2assinado.pdf	08/02/2022 15:02:42	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	TermodeAnuencia1assinado.pdf	08/02/2022 15:02:19	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	TermoCompromisso2021assinado.pdf	08/02/2022 14:59:30	LONGONICE RODRIGUES DOS SANTOS REIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 06 de Julho de 2022

Assinado por:
Marilúcia Lago
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Anexo D

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **“Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”**. Meu nome é Longonice Rodrigues dos Santos Reis sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é psicologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (longonice.santos@gmail.com) e, por meio do seguinte contato telefônico: (62)99837-3736, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação existente entre o desamparo na adolescência e a ideação suicida na atualidade, visto que os dados revelam um aumento significativo das notificações dos casos de tentativas de suicídio nos últimos anos. Você será entrevistado, e o instrumento de composição de dados será por meio de entrevista narrativa, onde consiste no contar e escutar a sua história de forma espontânea sem o uso de questionários envolvendo perguntas e respostas pré-estabelecidas, mas por meio de um tópico central que dará início à entrevista, porém poderão ser utilizados questionamentos inerentes ao objetivo proposto por esta pesquisa. E, para isso deverá ser reservado para sua participação um período de pelo uma hora para que possamos dialogar sobre a temática proposta. As narrativas serão gravadas e, posteriormente, serão transcritas na íntegra. Da mesma forma, serão feitos registros das falas no diário de campo, com lápis e papel durante a escuta. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
 () Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”**. Informo ter _____ anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora responsável Longonice Rodrigues dos Santos Reis sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Anápolis, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Anexo E
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Responsáveis

Seu(sua) filho(a) _____
está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica**”. Meu nome é Longonice Rodrigues dos Santos Reis, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a psicologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, caso você autorizar a participação do(a) seu(sua) filho(a), assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que a participação do/a seu/sua será muito importante, mas que em caso de recusa vocês não serão penalizados de forma alguma. Mas se concordar com a participação do/a seu/sua filho/filha, todas as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (longonice.santos@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, por meio do seguinte contato telefônico: (62)99837-3736. Ao persistirem as dúvidas *sobre os direitos dele* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação existente entre o desamparo na adolescência e a ideação suicida na atualidade, visto que os dados revelam um aumento significativo das notificações dos casos de tentativas de suicídio nos últimos anos. Seu/sua filho/filha será entrevistado(a), e o instrumento de composição de dados será por meio de entrevista narrativa, que consistirá no contar e escutar a sua história dele/a de forma espontânea sem o uso de questionários envolvendo perguntas e respostas pré-estabelecidas, mas por meio de um tópico central que dará início à entrevista, porém poderão ser utilizados questionamentos inerentes ao objetivo proposto por esta pesquisa. E, para isso deverá ser reservado para a participação dele/a um período de pelo menos uma hora para que possamos dialogar sobre a temática proposta. As narrativas serão gravadas e, posteriormente, serão transcritas na íntegra. Da mesma forma, serão feitos registros das falas no diário de campo, com lápis e papel durante a escuta. Ele(a) terá direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da

cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso. Em caso de danos, ele(a) terá o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

As entrevistas serão realizadas de forma presencial no Capsi Crescer Anápolis, localizado no seguinte endereço: R. 7 de Setembro, 743 - St. Central, Anápolis - GO, 75020-420. Os atendimentos serão em salas que garantam a privacidade e o sigilo e ainda atenda aos protocolos de biossegurança para prevenção da COVID -19.

Será garantido ao seu filho/filha o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. A pesquisa poderá oferecer riscos mínimos ao seu filho(a), visto que as perguntas poderão suscitar sofrimentos psíquicos tais como desconforto emocional, constrangimento, mal-estar, diante disso ele(a) poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trazer angústia. O estudo se destaca por oferecer um espaço de fala para os adolescentes e se torna relevante por possibilitar um olhar endereçado a constituição da subjetividade, bem como implicações sociais, constitutivos do sofrimento psíquico dos adolescentes com ideação suicida e daqueles que possuem vínculos afetivos, afetando-os de forma direta ou indiretamente. Com o aprofundamento teórico da problemática estudada, visa-se contribuir com a qualidade da escuta aos adolescentes, tanto na Rede Educacional de Ensino quanto no espaço da clínica, construindo aportes à prática médica, psicológica, escolar e as demais áreas da saúde. Também será observado como critério para a participação nesta pesquisa, que o adolescente esteja em atendimento com psicólogo(a) do Capsi. Ainda assim, a pesquisadora estará atenta a qualquer demonstração de sofrimento psíquico durante a entrevista. E, se necessário será realizado encaminhamento imediato para atendimento com o profissional do Capsi ou ainda pela própria pesquisadora conforme disposto no art. 8, parágrafo 2, do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia[CFP],2005).

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, a privacidade de seu filho(a) será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a utilização de gravador durante a entrevista.

() Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

Pode haver necessidade de que os dados coletados possam ser utilizados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo com a participação do/a meu/minha filho/filha no estudo intitulado **“Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”**. Informo que ele tem _____ anos de idade e caso aceite participar, estou ciente que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido (a) pela pesquisadora responsável Longonice Rodrigues dos Santos Reis sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do/a meu/minha filho/filha no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para nós. Declaro, portanto, que concordo com a participação do meu/minha filho/filha no projeto de pesquisa acima descrito.

Anápolis, de de

Assinatura por extenso do(a) responsável

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Anexo F
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Participantes

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”**. Meu nome é Longonice Rodrigues dos Santos Reis, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a psicologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que sua participação será muito importante, mas que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma, portanto não lhe causando nenhum prejuízo. Mas se aceitar participar, todas as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (longonice.santos@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, por meio do seguinte contato telefônico: (62)99837-3736. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação existente entre o desamparo na adolescência e a ideação suicida na atualidade, visto que os dados revelam um aumento significativo das notificações dos casos de tentativas de suicídio nos últimos anos. Você será entrevistado, e o instrumento de composição de dados será por meio de entrevista narrativa, onde consiste no contar e escutar sobre a história de vida de forma espontânea sem o uso de questionários envolvendo perguntas e respostas pré-estabelecidas, mas por meio de um tópico central que dará início à entrevista, porém poderão ser utilizados questionamentos inerentes ao objetivo proposto por esta pesquisa. E, para isso deverá ser reservado para sua participação um período de pelo uma hora para que possamos dialogar sobre a temática proposta. As narrativas serão gravadas e, posteriormente, serão transcritas na íntegra. Da mesma forma, serão feitos registros das falas no diário de campo, com lápis e papel durante a escuta. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa,

inclusive transporte e alimentação, se for o caso. Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

As entrevistas serão realizadas de forma presencial no Capsi Crescer Anápolis, localizado no seguinte endereço: R. 7 de Setembro, 743 - St. Central, Anápolis - GO, 75020-420. Os atendimentos serão em salas que garantam a privacidade e o sigilo e ainda serão seguidos todos os protocolos de biossegurança para prevenção da COVID -19.

Será garantido o sigilo que assegure a sua privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. A pesquisa poderá oferecer riscos mínimos, visto que as perguntas poderão suscitar sofrimentos psíquicos tais como desconforto emocional, constrangimento, mal-estar, diante disso você poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trazer angústia. O estudo se destaca por oferecer um olhar endereçado a constituição da subjetividade, bem como implicações sociais, constitutivos do sofrimento psíquico dos adolescentes com ideação suicida e daqueles que possuem vínculos afetivos, afetando-os de forma direta ou indiretamente. Com o aprofundamento teórico da problemática estudada, visa-se contribuir com a qualidade da escuta aos adolescentes, tanto na Rede Educacional de Ensino quanto no espaço da clínica, construindo aportes à prática médica, psicológica, escolar e as demais áreas da saúde. A pesquisadora estará atenta a qualquer demonstração de sofrimento psíquico durante a entrevista. E, se necessário será realizado encaminhamento imediato para atendimento com o profissional do Capsi ou ainda pela própria pesquisadora conforme disposto no art. 8, parágrafo 2, do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia[CFP],2005).

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
- () Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

Pode haver necessidade de dados que os coletados possam ser utilizados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
- () Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Ideação suicida na adolescência: uma leitura psicanalítica”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora responsável Longonice Rodrigues dos Santos Reis sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Anápolis, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Anexo G

Roteiro de Entrevista Narrativa

1. Entrevista Narrativa com adolescente: pergunta disparadora para a narração da história de vida:
 - a. Fale-me sobre sua história de vida.

2. Entrevista Narrativa com os pais: pergunta disparadora para a narração da história de vida:
 - a. Fale-me sobre a história de vida de seu filho(a).

Após o término da narrativa serão utilizados questionamentos tanto imanentes, referentes aos acontecimentos narrados na história, quanto aos tópicos de interesse da pesquisa. Estas pontuações serão realizadas tanto na entrevista com o(a) adolescente, quanto com os pais. Alguns tópicos serão observados para posteriormente serem pontuados, com a expressão: Fale-me mais sobre isso. Dentre estes tópicos serão observados:

Vínculos afetivos;

Relação com os pais, amigos e familiares;

Isolamento social, solidão, pensamento suicida;

Conflito familiar;

Negligência familiar;

Desamparo, desesperança, falta de sentido, exclusão; Questões sociais/culturais.